

# **Breve História do Mundo Muçulmano**

## **Volume III**

De Rafi Ahmed Fidai

Tradução: Mônica Muniz

# BREVE HISTÓRIA DO MUNDO MUÇULMANO

## Volume III

### Índice

<b>Capítulo I – Antecedentes e Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo II – Abul Abbas Abdullah bin Muhammad As-Saffah</b>	<b>11</b>
- Desobediência e Insurreição	13
- Conquistas	14
- Sucessão, Morte, Personalidade	15
<b>Capítulo III – Abu Ja'ffar Abdullah bin Muhammad e Al-Mansur</b>	<b>16</b>
- O destino de Abu Muslim	16
- A insurreição de Sinbad	17
- A seita Ravandia	18
- Outras revoltas e insurreições	19
- Revoltas na África	20
- Os Omíadas na Andaluzia	21
- Os Alauítas	23
- Ibrahim bin Abdullah	24
- Os Romanos	25
- Sucessão	26
- Bagdá	26
- Ministros	27
- Morte de Mansur	28
- Personalidade e Comportamento	28
<b>Capítulo IV – Muhammad bin Mansur Mahdi</b>	<b>32</b>
- Muqanna	32
- Guerra contra os Romanos	33
- Sucessores	35
- Ministros	36

- Morte	36
- Personalidade e administração	36
<b>Capítulo V – Musa bin Mahdi al-Hadi</b>	<b>39</b>
- A revolta de Husain bin ‘Ali	39
- Dinastia Idrisida	39
- Hamza bin Malik	40
- Contra os Romanos	40
- Luta pela sucessão	40
- A morte	41
- Personalidade	42
<b>Capítulo VI – Harun al-Rashid bin Mahdi</b>	<b>44</b>
- Levantes e desordens	44
- Levantes na África	46
- Guerras contra os Romanos	47
- Indicação dos sucessores	47
- Os Bermicidas	48
- A morte	53
- Personalidade e conduta	53
<b>Capítulo VII – Muhammad al-Amin bin Harun</b>	<b>58</b>
- Diferenças entre Amin e Ma’mun	59
- Personalidade de Amin	63
<b>Capítulo VIII – Abdullah Ma’mun al-Rashid bin Harun al-Rashid</b>	<b>64</b>
- A sucessão de ‘Ali bin Musa	65
- O Movimento de Abdur Rahman bin Ahmad Alaui	68
- Abdullah bin Sirri	69
- A revolta em Qum	70
- Zariq bin ‘Ali	70
- Babak Khurrami	70
- Conquistas	72
- Ministros	73
- A morte	74
- Virtudes e Erudição	75

- Generosidade e Liberalidade	78
- Contribuição para o saber e o ensino	79
- Administração	81
- Suas crenças religiosas	82
<b>Capítulo IX – Abu Ishaq Muhammad bin Harun</b>	<b>85</b>
- Ministros	88
- A morte de Mu'tasim	89
- Personalidade	89
- Samarra	90
- Uma interpretação equivocada	90
- Abu Ja'far Harun Wasiq Billah	91
- Ahmad bin Nasar	92
- Ja'far bin Mu'tasim Mutawakkil al-Allah	93
- Execução de Ibn Zaiyat	94
- Calamidades Naturais	95
- Guerra Contra os Romanos	95
- Problema turco	96
- Indicação dos sucessores	98
- O assassínio de Mutawakkil	99
- Personalidade	99
- Prosperidade	100
<b>Capítulo X – Começo da queda dos abássidas</b>	<b>102</b>
- Muhammad bin Ja'far Mustansir Billah	102
- Doença e morte	103
- Ahmad bin Muhammad bin Mu'tasim Musta'In Billah	103
- Distúrbios em Bagdá	104
- Estado Alauíta	105
- Mu'taz	106
<b>Capítulo XI – As duas fases da dinastia abássida</b>	<b>108</b>
- Os Turcos	112
- Dinastia Safárida	114
- Dinastia Alauíta do Tabaristão	115
- Dinastia Tulunida do Egito	116

- Hamadans	118
- Dinastia Ziarida ou Dasmagir	119
- Dinastia Akhshida	119
- Os Samânidas	120
- Os governantes samânidas	121
- Reação ortodoxa	121
- O palácio de Samarra e o Cipreste de Kishmar	122
- Dinastia Tahirida	122
- Dinastia Safárida	123
<b>Capítulo XII – Os Ismaelitas</b>	127
- Os Carmatianos	128
- Dinastia Ziyarida	130
- Os Aglábidas	131
<b>Capítulo XIII – Os Buáidas, ou Dinastia Daylamita</b>	132
- Dinastia de Ghazna	134
<b>Capítulo XIV – Os Fatimidas</b>	136
- Nasir Khusraw	140
- Os Samânidas	141
- Os Buáidas	141
- Os Fatimidas	142
- Características Gerais da Dinastia Abássida	142
<b>Capítulo XV – Início do Período Seljúcida</b>	146
- Origem dos Seljúcidas	147
- Tughril Beg	148
- Malik Kaward, de Kirman	150
- Alp Arsalan	151
- Malik Shah	155
- A queda de Nizamul Mulk	156
- A morte de Malik Shah	157
- Os Assassinos	158
- Hasan bin Sabbah	159
- Paraíso na Terra	160
- Mahmud, Barkiyaruk Malik Shah II e Muhammad	161
- Os Seljúcidas de Kirman	163

- Dinastia Seljúcida	164
<b>Capítulo XVI – As Cruzadas</b>	<b>166</b>
- Nuruddin Zangi	170
- Salahuddin Ayyubi (Saladino)	173
- Personalidade de Saladino	175
- Os Seljúcidas	177
- O restante dos Califas Abássidas	178
- Os Aiúbidas	178
<b>Capítulo XVII – Os terríveis mongóis</b>	<b>179</b>
- A Origem dos Mongóis	179
- Os ancestrais de Gêngis Khan	180
- Gêngis Khan	180
- Hostilidades com Khwarzám	181
- As invasões	182
- Jalaluddin	184
- A devastação do Corassã	185
- A morte de Gêngis Khan	188
- Fuga e morte	190
- Campanhas Mongóis na Ásia Menor e Síria	190
- Hulagu Khan	190
- Os Assassinos	191
- O fim dos Assassinos	192
- O saque de Bagdá	192
- A morte de Hulagu Khan	193
- Marco Polo	194
- Ascensão de Ghazan	195
<b>Capítulo XVIII – Começa uma nova era</b>	<b>196</b>
- Ghazan Khan, o Grande IL Khan	196
- Suas reformas	197
<b>Capítulo XIX – Artes e Literatura</b>	<b>199</b>
- Al-Biruni	199
- Avicena	200
- Firdusi	200
- Syasat Nama	201

- Nasir-e-Khusru	201
- Omar Khayyam	202
- Qabus Nama	202
- Al-Ghazali	203
- Muizzi	203
<b><i>Arte e Literatura no período mongol</i></b>	
- História	204
- Yaqut	205
- Nasiruddin	205
- Jalaluddin Rumi	206
- Sadi	206
- Hafiz	207
- Jami	207
- Ibn-e-Jauzi	208
<b>O Califado Abássida</b>	209

## CAPÍTULO I

### ANTECEDENTES E INTRODUÇÃO

Conforme lemos no volume II desta obra, o califado da dinastia abássida foi fundado depois de exterminada a dinastia omíada. Embora os governantes abássidas tenham estabelecido seu próprio império e governado o estado islâmico como reis, contudo, como seus antecessores – os omíadas – eles também denominaram seu reinado de “califado” e preferiram ser chamados de “califas”. Na prática, no entanto, o “califado” deles também se diferenciou da verdadeira instituição islâmica e nada mais foi do que um império autocrático de uma dinastia muçulmana, que adotou alguns dogmas e regulamentos da *shariah* islâmica, e cuja principal preocupação foi o interesse particular de seus governantes.

Como sabemos, depois do cisma restou um grupo forte dos adeptos de ‘Ali em todos os países islâmicos e seus membros eram conhecidos como xiitas (*shia’a* ‘Ali - Partido de ‘Ali). Eles também eram chamados de defensores de *Ahl-e-Bait* [a Casa do Profeta (s.a.w)], apoiavam os hashemitas e queriam estabelecer o governo dos hashemitas. Portanto, havia um movimento constante que lutava por este ideal. Os governantes omíadas freqüentemente reprimiram este grupo e quiseram acabar com ele, mas não conseguiram. Depois dos trágicos acontecimentos de Kerbala e do martírio de Imam Husain (r.a.a.), os xiitas ganharam mais força. Os defensores de *Ahl-e-Bait*, ou os que defendiam os hashemitas, se aproximaram de Imam Zainul Abedin, o filho de Imam Husain (r.a.a.), que sobreviveu à matança de Kerbala, para que aceitasse a liderança do movimento. No entanto, ele não quis por não querer envolver-se com política e preferiu dedicar sua vida inteiramente à adoração divina.



Assim, os adeptos dos hashemitas não tiveram outra alternativa se não aceitar Muhammad bin Hanafia como seu líder político para dar continuidade ao movimento. Muhammad era um alauíta, isto é, filho de 'Ali com uma outra esposa de nome Hanafia. Como se sabe, os descendentes de 'Ali com Fátima, a filha do Profeta (s.a.w.), foram denominados "fatimidas" e os descendentes dele com outras esposas receberam o nome de "alauítas". Dessa forma, a liderança dos defensores dos hashemitas, que estava nas mãos dos fatimidas, foi transferida para os alauítas. Depois de Muhammad bin Hanafia, seu filho, Abu Hashim, assumiu a responsabilidade da liderança hashemita. No entanto, quando doente, em seu leito de morte em Hamima (uma localidade síria) ele não encontrou um único alauíta para indicar como seu sucessor. Naquele momento, Muhammad bin 'Ali, um neto de Abdullah bin Abbas bin Muttalib, encontrava-se nas redondezas. Abbas, sendo um tio do Profeta (s.a.w.) e de 'Ali, era, logicamente, um hashemita. Então, Abu Hashim indicou Muhammad bin 'Ali, o descendente de Abbas, como seu sucessor e líder do movimento hashemita e, assim, o direito de liderança e o califado se transferiram dos alauítas para os abássidas. Estava lançada a pedra fundamental do Califado Abássida.

Muhammad bin 'Ali morreu em 126 H e seu filho, Ibrahim, tornou-se seu sucessor, o qual continuou, secretamente, a conclamar as pessoas e a lutar pelo estabelecimento do califado hashemita. No entanto, Ibrahim não conseguiu manter o movimento em segredo por muito tempo. As autoridades omíadas souberam da existência e atividades do grupo, prenderam Ibrahim e, pouco depois, ele morreu na prisão. Em 129 H, Abul Abbas Abdullah bin Muhammad bin 'Ali, o irmão mais novo de Ibrahim, tornou-se o líder dos hashemitas. A partir daí, os abássidas foram conquistando mais influência e força e Abul Abbas saiu da clandestinidade e começou a fazer uma oposição aberta ao governo omíada. Abu Muslim Khurasani, que tinha se tornado o líder para o caso dos abássidas declararem guerra contra os omíadas, impôs uma derrota esmagadora a eles.

Já lemos sobre todos esses acontecimentos, daí ser desnecessário repeti-los. Apenas deve ser esclarecido que o império que surgiu depois desse levante, sob o nome e estilo de Califado Abássida, deixou marcas indeléveis na história islâmica. Pode-se afirmar, com toda a convicção, que o exemplo de distinção e glória alcançado pelos abássidas não encontra paralelo em parte alguma nos mais de quatorze séculos da história dos muçulmanos. Os grandes feitos realizados pelos governantes abássidas em vários campos do saber, da cultura e da civilização são tão imensos que exigiriam inúmeros volumes de livros para serem narrados.

## CAPÍTULO II

### ABUL ABBAS ABDULLAH BIN MOHAMMAD AS-SAFFAH

#### O primeiro califa da dinastia abássida

(132 a 136 H – 749 a 753 d.C.)

Depois da vitória total dos abássidas sobre os omíadas, Abul Abbas Abdullah bin Muhammad tornou-se o primeiro governante, ou califa, da dinastia abássida. Ele é mais conhecido na história islâmica como Abul Abbas As-Saffah. A palavra *as-saffah* tem o significado de “derramador de sangue” e indica, de forma clara e inequívoca, a tirania e opressão que caracterizaram os primeiros dias do califado abássida. De acordo com registros, As-Saffah e seu braço direito, Abu Muslim Khurasani, durante o estabelecimento do governo abássida, massacraram mais de seiscentas mil pessoas. Na sua tentativa de acabar com os omíadas, As-saffah matou cada membro pertencente ao clã omíada e não deixou ninguém com vida, exceto Abdur Rahman que, de alguma forma, conseguiu fugir para a Espanha. Nem mesmo as sepulturas dos omíadas foram poupadas. Os esqueletos de alguns califas omíadas foram exumados, expostos ao público e depois queimados.

O juramento de fidelidade em favor de Abu Abbas As-Saffah como primeiro califa abássida foi depositado em suas mãos em 132 H (749 d.C.), quando, então, ele foi reconhecido, oficialmente, como califa do mundo islâmico. Os defensores e seguidores dos abássidas, principalmente os que viviam no Iraque, foram os primeiros a prestarem o juramento de fidelidade e por isso, o regime abássida fez do Iraque a sua capital. Hashem Abad, uma cidade em Anbar (Iraque), que tinha sido fundada em 134 H, foi declarada a capital do califado. Mais tarde, essa cidade recebeu o nome de *Madinatul Mansur*.

As-Saffah dividiu o império em várias províncias e indicou governadores para cada uma delas. Para as províncias do Azerbaijão e da Armênia, ele indicou como governador seu irmão, Abu Ja'ffar Mansur, e para Meca, Medina, Iêmen e Yamama, ele nomeou seu tio Da'ud como governador. Um outro tio seu foi nomeado governador da Síria e um de seus sobrinhos foi enviado para Kufa como governador daquela província. O Egito ficou sob a responsabilidade de Abu Awn e o Corassã ficou com Abu Muslim Khurasani. Para a Pérsia, ou Fars, ele nomeou um outro irmão como governador.

As-Saffah foi o primeiro califa a criar o sistema de ministério no califado islâmico e nomeou Abu Salma Hafs bin Suleiman como primeiro-ministro. Abu Salma tinha sido um grande agitador do movimento abássida ainda na época dos omíadas e era um homem instruído e sério, que tinha prestado relevantes serviços à causa abássida no Iraque. Por isto, As-Saffah ofereceu a ele o cargo de ministro mas Abu Salma não ficou muito tempo no ofício, pois, decorrido algum tempo, ele foi condenado à morte por As-Saffah. Depois da revolução, Abu Salma era favorável a que fosse indicado um descendente direto do Profeta como califa. Quando As-Saffah soube disso, consultou Abu Muslim sobre o que deveria ser feito com Abu Salma, uma vez que ele era um homem da confiança de Abu Muslim. Sabendo exatamente o que o califa queria, Abu Muslim providenciou para que Abu Salma fosse morto.

Depois de Abu Salma, o cargo de primeiro-ministro foi confiado a Khalid bin Barmak. Barmak, avô de Khalid, era um sacerdote budista em Balkh, que gozava de grande respeito entre os budistas. Os descendentes de Barmak, no entanto, tinham aceitado o Islam e os membros desta nobre família eram muito inteligentes e sábios, em particular Khalid, que era um indivíduo instruído e sensato. Ele também era um especialista em política e administração. Ele era conhecido por sua bravura e tinha prestado serviços notáveis para o movimento abássida. Por isto, As-Saffah

ofereceu a ele o cargo de primeiro-ministro, como uma forma de agradecimento e apreço pelos seus serviços, o que foi aceito por Khalid. Ele permaneceu no cargo até o início do califado de Mansur.

## **Desobediência e Insurreição**

Quase todas as regiões do califado islâmico já tinham sido conquistadas pelos abássidas durante a guerra contra os omíadas. No entanto, restavam umas poucas por serem conquistadas e por isso As-Saffah, depois de assumir o poder, empenhou-se em trazer aquelas áreas para o seu controle. E nesse esforço, aconteceram algumas batalhas e combates menores.

O Corassã tinha sido conquistado quando o último califa omíada, Marwan II, ainda estava vivo. Porém, em 133 H, Muhammad bin Muslema, um líder omíada, tentou, em vão, retomá-lo. Havia, também, insurreição em Musal e o governador abássida, Muhammad bin Swobe, tinha sido expulso de lá pelos insurgentes. Esta revolta foi reprimida por Yahia bin Ali, que tinha sido enviado para a região por As-Saffah. Armia foi recapturada pelo seu governante omíada, Ishaq bin Muslim Aqili, porém este rebelde também foi aniquilado e morto em combate.

Houve, ainda, algumas revoltas no Sind e seu líder era um certo Mansur bin Jambur, que tinha se rebelado e capturado a província durante os últimos dias do período omíada. Para reprimir a revolta, foi enviado Muslim bin Abadi mas ele foi morto por Mansur. Em seguida, Abu Muslim despachou para a região Musa bin Ka'b para reocupar a província do Sind. Mansur foi derrotado por Musa e fugiu em direção ao interior da província, onde morreu. Assim, o Sind foi submetido ao domínio abássida.

Houve, também, alguns choques e insurreições internos. Como se sabe, o chamado dos abássidas para o movimento contra os omíadas tinha começado com o nome

de *Ahl-e-Bait* [a casa do Profeta (s.a.w.)] e tinha conquistado o apoio daqueles que queriam ver os descendentes do Profeta (s.a.w.) no poder. Porém, quando os omíadas foram destituídos e o califado transferiu-se para os abássidas sem os representantes de *Ahl-e-Bait*, muita gente não gostou e os dissidentes se levantaram contra o regime abássida. Em Bucara, por exemplo, cerca de trinta mil pessoas se revoltaram contra o regime abássida, porém Abu Muslim aniquilou os rebeldes. No Corassã, Amir Busam bin Ibrahim também se revoltou contra o regime mas foi derrotado.

Os carijitas também não ficaram atrás. Amã e Bahrein eram as duas principais fortalezas carijitas. As-Saffah enviou Khazim bin Khazima para enfrentá-los. Kazima, depois de derrotar e matar Amir Busam bin Ibrahim, partiu para combater os carijitas em Amã. Jalandi, o líder carijita, foi morto durante os combates e eles sofreram uma derrota esmagadora.

Ao ver o mundo islâmico às voltas com distúrbios internos, os romanos também tentaram tirar proveito e capturaram a cidade de Balkh, na região de fronteira, e marcharam em direção a Maltia, que foi ocupada. No entanto, segundo Yaqubi <sup>1</sup>, Maltia não teria sido conquistada e sim que um pacto teria sido firmado entre romanos e muçulmanos.

## **Conquistas**

As regiões de fronteira continuaram sendo palco de confrontos. Em 133 H, chegou a Khutan um exército sob o comando de Khalid bin Ibrahim, que a conquistou. No ano seguinte, Abu Muslim Khurasani enviou Ziad bin Swaleh e Khalid bin Ibrahim para conquistarem Chach, Kush e outras localidades.

---

<sup>1</sup> *Yaqubi* Vol. 2, pág. 135.

## **Sucessores**

No ano de 136 H, As-Saffah indicou seu irmão, Abu Ja'ffar Mansur, como seu sucessor direto, e seu sobrinho, Eisa bin Musa, como sucessor de Mansur.

## **Morte**

Abul Abbas Abdullah bin Muhammad As-Saffah morreu no 13<sup>o</sup> dia do mês de Zilhijja, de 136 H. Ele estava com sessenta e três anos, ou sessenta e seis anos, de acordo com alguns, e seu reinado teve a duração de quatro anos e oito meses.

## **Personalidade**

Embora ele tenha ficado conhecido como *As-Saffah*, o derramador de sangue, no entanto, ao que parece, ele teria sido um homem de boa índole, que tratava bem as pessoas mas que não tolerava em absoluto os opositores. Ele era um homem generoso e de bom temperamento e era um estadista inteligente e sensato. Segundo Seoti, As-Saffah foi um governante extraordinário e generoso que sempre cumpria suas promessas e compromissos. Ele tinha grande interesse na poesia, literatura e música. Os poetas e músicos eram regiamente recompensados por ele.

## **CAPÍTULO III**

### **ABU JA'FFAR ABDULLAH BIN MOHAMMAD**

#### **AL-MANSUR**

**(136 a 158 H – 753 a 774 d.C.)**

Depois da morte de As-Saffah, seu irmão, Abu Ja'ffar bin Muhammad bin 'Ali Abdullah bin Abbas bin Abdul Muttalib, tornou-se califa. Como vimos antes, As-Saffah o tinha nomeado seu sucessor. Quando As-Saffah morreu Mansur encontrava-se em Meca e Abu Muslim Khurasani estava com ele. Quando a notícia da morte de Saffah foi anunciada, antes de qualquer coisa Abu Muslim aceitou Mansur como califa, fazendo o juramento de fidelidade. Então Mansur se tornou o segundo califa abássida no mês de Zilhijja no ano de 136 da Hégira. Na época ele tinha 41 anos. Ele reinou por aproximadamente 22 anos (de 136 a 158 da Hégira).

Embora Saffah durante sua vida tivesse deixado o campo livre para Mansur, ainda assim Mansur teve que enfrentar muitos revoltosos. Um deles foi Abdullah bin Ali, o tio do califa. Abdullah, que estava na Síria naquela época, tinha reivindicado seu direito ao califado. Mansur mandou Abu Muslim Khurasani para enfrentar Abdullah, que foi derrotado e trazido a Mansur, que o mandou para a prisão. Abdullah passou o resto de seus dias como prisioneiro.

#### **O Destino de Abu Muslim**

Com a derrota de Abdullah, Abu Muslim se apossou de uma grande quantidade de espólios de guerra. Mansur, então, enviou um mensageiro para pegar os espólios, mas



Abu Muslim se recusou a entregá-los. Segundo Yaqubi <sup>1</sup>, ele não só se recusou a entregar os espólios mas também proferiu palavras ofensivas contra Mansur, criando, assim, uma grande inimizade entre os dois. A partir daquele momento, Abu Muslim quis substituir os abássidas pelos alauítas. Como se encontrasse em Nasebai, Abu Muslim decidiu avançar para o Corassã, com o objetivo de estabelecer o califado dos alauítas, quebrando, assim, o juramento de fidelidade que ele tinha prestado anteriormente em favor dos abássidas.

Abu Muslim se considerava o fundador do regime abássida e acreditava que os abássidas deviam estar à sua disposição, daí ter-se tornado incontrolável. E isto não podia ser tolerado por um governante ambicioso como Mansur. Ele achava que Abu Muslim representava um perigo constante e uma ameaça ao seu poder e, por isso, começou a planejar como se livrar dele, pois matá-lo não seria uma tarefa fácil.

Nesse meio tempo, aparentemente os dois tinham restabelecido uma convivência harmoniosa e Abu Muslim começou a se chegar de novo a Mansur. Um dia, Mansur convidou Abu Muslim para se encontrar com ele na intimidade. Quando ele chegou para ver o califa na hora aprazada, foi cercado e morto por alguns homens, que já se encontravam nos aposentos, prontos para realizar a “tarefa”, conforme ordenado por Mansur. Dessa forma, o homem que tinha matado cerca de seiscentas mil pessoas para estabelecer o califado abássida, acabou encontrando seu trágico destino.

## **A Insurreição de Sinbad**

O assassinato de Abu Muslim trouxe de volta a questão árabes x *ajamis* (não-árabes). Sinbad, um persa, indignado com a morte de Abu Muslim, rebelou-se com o objetivo de vingar-se da morte de Abu Muslim. Todos os

---

<sup>1</sup> *Yakub*, Vol.2, pág. 440.

*ajamis* das regiões montanhosas do Corassã se reuniram em torno dele e ocuparam uma grande parte daquela área. Sinbad prendeu as mulheres muçulmanas e decidiu também demolir o prédio da Caaba. Mansur enviou um exército de dez mil homens, tendo à frente Jambur bin Murar Ajali, para enfrentar os revoltosos, que foram derrotados na região entre Hamadan e Rayy. Sinbad foi morto enquanto fugia do campo de batalha. Essa foi o primeiro confronto entre os *ajamis* e os abássidas mas criou um ódio entre eles para sempre.

O próprio Jambur bin Murar Ajali, que tinha derrotado Sinbad, se revoltou contra o califa para se apropriar indevidamente da riqueza que ele tinha capturado de Sinbad. Depois de algumas batalhas ele também foi derrotado e morto. Em 137 da Hégira houve outra revolta. Dessa vez foi em Jazira. Seu líder foi Malbad bin Harmala, que impôs sucessivas derrotas ao exército do califado. No entanto, em 138 H, os revoltosos foram aniquilados por Khazim bin Khazima e seu líder, Malbad, morto.

### **A Seita Ravandia**

Em 141 H, uma facção religiosa, de nome Ravandi ou Ravandia, trouxe uma série de problemas para o governo abássida. Tratava-se de uma seita pequena, que acreditava na transmigração da alma e que considerava Mansur, o califa, “Deus” e Haidan bin Muawiya, o *Anjo Gabriel*. Certo dia, uma multidão de ravandis encaminhou-se para o palácio do califa e começou a gritar que aquele era o palácio do seu “deus”. Cerca de duzentos líderes da comunidade foram presos por ordem de Mansur, o que enfureceu os ravandis, que arrombaram a prisão e libertaram os líderes que se encontravam ali.

Em seguida, cerca de seiscentos desordeiros marcharam, mais uma vez, em direção ao palácio do califa, criando confusão e caos na cidade e trazendo uma grande aflição para Mansur. No entanto, um indivíduo de nome

Ma'an bin Zaida Shibani, conseguiu controlar a situação e os revoltosos foram esmagados.

### **Outras Revoltas e Insurreições**

Em 141 H, Abdul Jabbar bin Abdur Rahman, governador do Corassã, dispôs-se contra o califado. Alguns funcionários do califa na província foram mortos e outros foram presos. Estes atos do governador inquietaram o califa mas, no início, seguindo os conselhos do ministro Abu Ayub, ele ainda tentou resolver a questão de forma amigável e pacífica, o que, decididamente, não funcionou. Apesar das várias correspondências, Abdul Jabbar continuava intransigente. Então, Mansur enviou Mahdi e Khazim bin Khazima para punir o infrator e trazer a situação para o controle do governo. No entanto, antes de eles chegarem ao Corassã, a população de Marwalroze se levantou contra Abdul Jabbar que, receando uma revolta contra ele, decidiu fugir. Mas, ele foi preso por um certo Mahshar bin Muzahim e mandado para a capital, onde foi morto.

Em 142 H, o governador do Sind, Ainia bin Musa, também se rebelou contra o califado, porém sua rebelião não se prolongou por muito tempo. Imediatamente Mansur nomeou Amr bin Hafs para o cargo de governador da província e de outros distritos indianos, que eram controlados pelo califado. Em pouco tempo, Amr bin Hafs reprimiu os rebeldes e conseguiu controlar a situação.

No ano de 148 H, os carijitas se levantaram contra o califado em Bankhazi, uma localidade perto de Mosul, mas também foram controlados após alguns choques.

Nos subúrbios do Corassã, havia um homem de nome Ustaz Sice, que, de repente, em um certo dia do ano de 150 H, declarou-se profeta. Muitas pessoas em Herat, Badgis e Sajestan acreditaram nele e tornaram-se seus seguidores. Ustaz Sice, com a ajuda de seus seguidores, difundiu seu

movimento por uma grande parte do Corassã até encontrar a resistência do governador de Ajsham, que acabou sendo derrotado. Durante os combates, muitos homens, inclusive os oficiais de Ajsham, foram mortos. Ao ser informado desses acontecimentos Mansur mandou um grande exército, sob o comando de Ibn-e-Khazim, que, após violentos combates, conseguiu derrotar o falso profeta. Ustaz Sice, finalmente, foi preso, juntamente com seus filhos, e mandado para a capital.

## **Revoltas na África**

Desde o início a África do Norte tinha se tornado um território de grandes insurreições. Havia berberes e carijitas em grande quantidade espalhados por toda a parte e eles eram um povo ingovernável, que freqüentemente se levantava contra o poder central, mesmo durante o período omíada, quando ocorreram grandes revoltas no *Maghrib* (Magrebe) ou África do Norte. No ano de 141 H, Mansur nomeou Amir Muhammad bin Ash'as governador do Egito e do Magrebe, o qual conseguiu acabar com todas as insurreições na região e estabelecer a paz, a lei e a ordem. Este ambiente de paz e tranqüilidade, no entanto, durou até o ano de 148 H, quando Musa bin Ajlan, um alto funcionário de Muhammad bin Ash'as, revoltou-se, contando, para isso, com o apoio de uma grande parte do exército. Muhammad bin Ash'as foi expulso e para o seu lugar os revoltosos nomearam um indivíduo da confiança deles, Eesa bin Musa Khurasani, para o cargo de governador. Mansur, no entanto, decidiu nomear Amir Aghlab bin Salim Tamimi como governador da África do Norte. Ele foi um grande guerreiro e estadista e, graças às suas habilidades, ele conseguiu controlar a situação rapidamente. Mais uma vez, a paz foi estabelecida, embora tenha durado um ano apenas, pois em 149 H, houve uma nova rebelião, que foi muito mais preocupante, pois se espalhou por várias localidades do Magrebe, inclusive Tunis e Cairuã. Aghlab, não obstante sua bravura e coragem, foi morto durante os combates.

Em 151 H, Mansur indicou Abu Ja'ffar Amr bin Hafs governador da África. Ele também era um grande estadista e foi bem sucedido em pacificar os líderes africanos e a paz foi, de novo, estabelecida. Porém, em 153 H, quando Abu Ja'ffar encontrava-se fora da capital, Cairuã, os berberes revoltaram-se mais uma vez e ocuparam a cidade. Esta revolta espalhou-se por várias localidades e Mansur despachou um exército, sob o comando de Yazid, para ajudar no combate aos revoltosos. No entanto, antes que esta força auxiliar alcançasse a cidade, Abu Ja'ffar foi morto enquanto lutava contra os berberes.

Enquanto isso, Yazid bin Hatim chegava a Trípoli e derrotava uma grande parte do exército berbere, juntamente com seu líder, Abu Hatim, que foi morto durante os combates. Yazid bin Hatim, então, dirigiu-se para Cairuã, onde Abdur Rahman, um dos líderes berberes, ainda se encontrava na cidade. Ao saber que Yazid estava se dirigindo para Cairuã, Abdur Rahman fugiu para Katama. Yazid, sem encontrar qualquer resistência, ocupou facilmente Cairuã e enviou Alabin Sayid para enfrentar Abdur Rahman. Porém, ele já tinha fugido de Katama e, mais uma vez, houve um grande massacre dos berberes, em 156 H. Durante aqueles dias, um outro líder berbere, Abu Yahia bin Faryans, se revoltava nas cercanias de Trípoli. Contudo, ele foi derrotado por Abdullah bin Samat-Kandi, que era o governante daquela localidade e partidário dos abássidas. Esta foi a última derrota dos berberes. Depois de Abu Yahia, nenhum outro líder berbere ousou se levantar contra o regime abássida e uma paz duradoura foi estabelecida no Magrebe.

## **Os Omíadas na Andaluzia**

Como vimos antes, a Andaluzia, ou Espanha, foi conquistada por Tariq bin Ziyad e Musa bin Nusair, durante o reinado do omíada Walid bin Abul Malik e, desde então, permaneceu como uma província do califado islâmico. No

entanto, no final do período omíada, não havia mais uma administração estável e nenhum sistema de governo conseguia permanecer por muito tempo porque o governo central, em Damasco, já estava bastante enfraquecido. Da mesma forma que na Península Arábica, na Pérsia e no Turquestão, o ódio tribal e os preconceitos também marcaram presença na Andaluzia. Os yamnis e os muzris estavam sempre em luta uns contra os outros. Em 125 H, Hisham tinha nomeado Abul Khatar Hesán bin Zarrar Kalbi como governador da Andaluzia. Ele conseguiu estabelecer a paz e a tranquilidade mas apenas por quatro anos, porque ele próprio não estava acima do ódio tribal e então surgiram os distúrbios. Após um período de caos e confusão, um certo Yusuf bin Abdur Rahman foi escolhido como governante. Ele era um muzri e ficou decidido que haveria uma alternância de poder entre muzris e yamnis a cada ano. No entanto, este acordo também não funcionou e muzris e yamnis continuaram em luta por anos. A guerra civil continuada entre os muçulmanos animou os não-muçulmanos da Andaluzia e eles começaram a conspirar contra o governo muçulmano. Muitos andaluzes recém-convertidos renegaram a religião e um sentimento de revolta espalhou-se por toda a Andaluzia. Após grandes esforços e muito derramamento de sangue, Yusuf foi bem sucedido em restabelecer sua autoridade. Foi por esta época que surgiu no cenário andaluz o omíada Abdur Rahman, o único sobrevivente da dinastia omíada.

Abdur Rahman ad-Dakhil era filho de Muawiya II, o último califa omíada. Quando Abul Abbas Saffah começou o ataque e o massacre dos omíadas, Abdur Rahman bin Muawiya conseguiu, de alguma forma, escapar e fugir para a Andaluzia, onde havia vários adeptos dos omíadas que o ajudaram a estabelecer seu governo. Como sua mãe fosse berbere, os berberes também o apoiaram e, assim, ele conseguiu apoio e poder total na Espanha muçulmana. Abdur Rahman bin Muawiya, sendo o primeiro governante desta nova dinastia na Espanha, ficou conhecido como Abdur Rahman ad-Dakhil. Esta nova dinastia governou a

Espanha muçulmana durante séculos e por diversas vezes os califas abássidas de Bagdá tentaram perturbar o governo e a autoridade desta dinastia omíada na Espanha, porém sem conseguir qualquer resultado. Na verdade, os omíadas da Espanha continuaram existindo até mesmo depois da queda da dinastia abássida.

## **Os Alauítas**

A luta pelo poder do califado entre os membros da *Ahl-e-Bait* (a família do Profeta) e os não-*Alh-e-Bait*, que tinha tido seu começo ainda na época dos omíadas, não deixou de existir durante o califado abássida, pelo contrário, ficou mais intensa ainda. No reinado de Mansur, em especial, os confrontos assumiram uma tal proporção que não encontram paralelo nem mesmo durante o califado omíada. Os alauítas começaram um movimento geral contra o califado abássida.

O primeiro líder alauíta a se levantar contra o regime de Mansur foi Nafs Zakia. Seu nome completo era Muhammad bin Abdullah e ele era filho do Imam Hasan e neto de 'Ali, o quarto Califa Justo. Ele era um indivíduo instruído e muito piedoso e era considerado como o melhor e mais justo entre os hashemitas. As pessoas de um modo geral, principalmente os xiitas, devotavam a ele um grande respeito e amor e começaram a achar que Nafs Zakia era o Imam Mahdi, isto é, o último Imam, e sobre quem havia uma predição do Profeta (s.a.w.). Desse modo, Nafs Zakia começou a receber juramento de fidelidade de uma grande quantidade de pessoas, o que inquietou bastante Mansur. Já de algum tempo que o califa estava em busca dele porém sem conseguir prendê-lo, porque ele sempre mudava de lugar. Mansur havia incumbido várias pessoas da missão de deter Nafs Zakia, porém sem sucesso. Bastante frustrado, Mansur ordenou que cada descendente de Imam Hasan fosse preso e sua ordem foi cumprida rapidamente.

Todos os filhos de Hasan foram presos e submetidos à violenta tortura física, com o objetivo de extrair informações sobre Nafs Zazia e seu irmão Ibrahim. A tortura foi tão terrível que várias pessoas morreram em decorrência das injúrias sofridas. Nafs Zakia e seus seguidores recebiam regularmente essas tristes notícias e decidiram sair da clandestinidade e vingar aquela opressão. Corria o mês de Rajab do ano de 145 H, quando ele apareceu para enfrentar Mansur e com ele vieram também um grande número de seus adeptos. Seu exército era composto de soldados de todos os lugares do califado e aqueles que não puderam estar ao seu lado naquele momento garantiram seu apoio no momento devido. Nafs Zakia capturou Medina e Meca.

Quando foi informado desses acontecimentos, Mansur, não obstante sua firmeza e coragem, ficou naturalmente apreensivo. Então, de início começou a agir diplomaticamente, trocando uma série de correspondências com Nafs Zakia, porém sem resultado. Por fim, Mansur decidiu-se pelo uso da força. Naquele momento, Nafs Zakia encontrava-se em Medina e por isso um grande exército abássida marchou para aquela cidade. Mais uma vez, tentou-se um último esforço pela pacificação e restabelecimento da paz, no entanto sem sucesso. Então, veio uma violenta batalha em Medina durante o mês sagrado do Ramadã, do ano de 145 H. Nafs Zakia lutou com grande bravura mas foi martirizado durante os combates. Sua cabeça foi arrancada do corpo e mandada para Mansur.

### **Ibrahim bin Abdullah**

Ibrahim bin Abdullah era um irmão de Nafs Zakia e também era considerado um perigo em potencial por Mansur, em razão de seu poder e autoridade. Por isso, ele ordenou que Ibrahim fosse procurado por toda a parte e que fosse preso onde quer que se encontrasse, mas Ibrahim continuava tão escondido que era muito difícil encontrar qualquer vestígio de seu paradeiro. No entanto, certa vez, quando ele veio a Bagdá em segredo, de alguma forma



Mansur soube de sua chegada e ordenou o imediato bloqueio da cidade. Ibrahim ficou com medo de ser apanhado e se consultou com um de seus companheiros mais leais, Sufyan bin Hayan Qumni, sobre o que fazer naquela circunstância. Qumni, que era um homem inteligente, foi direto ao califa e expressou sua tristeza pelo que tinha feito no passado e como prova de sua sinceridade, prometeu ajudar a prender Ibrahim com a condição de que lhe fossem dados dois salvo-condutos – um para ele e outro para um escravo seu – para sair de Bagdá. Mansur acreditou nele e deu os dois salvo-condutos pedidos por Qumni. Essa estratégia funcionou e ele conseguiu escapar de Bagdá juntamente com Ibrahim.

Depois da fuga, Ibrahim permaneceu escondido, sem, no entanto, interromper suas atividades. Depois da morte de Nafs Zakia, cerca de cem mil homens tinham se reunido em torno de Ibrahim. Ele saiu de Basra e foi para Kufa com seus soldados. Mansur soube dessa movimentação e mandou Eisa bin Musa com a missão de aniquilar Ibrahim. No mês de Zilhijja, do ano de 145 H, os dois exércitos se enfrentaram em Ahamza e Ibrahim lutou contra o inimigo com grande coragem e entusiasmo. Contudo, de repente, uma flecha vinda do lado oposto atingiu sua garganta. Suas últimas palavras foram: “Eu queria uma coisa porém Deus quis outra.” Sua cabeça também foi arrancada. Ao morrer, Ibrahim bin Abdullah estava com quarenta e oito anos.

Após a morte de Ibrahim, alguns descendentes de Hasan (r.a.a.) ou foram mortos ou foram presos por ordem de Mansur.

## **Os Romanos**

Durante o reinado de Mansur, os romanos também tentaram pescar em águas turvas. O imperador invadiu Molitene mas o ataque foi repellido. No entanto, no verão seguinte, eles tentaram, mais uma vez, conquistar terreno mas não conseguiram qualquer resultado. Em 155 H,

Mansur derrotou os romanos para sempre e obrigou o imperador a pagar a *jizya*.

Houve ainda alguns levantes no Turquestão e no Sind, mas todos foram controlados.

## **Sucessão**

Como lemos antes, Mansur foi nomeado o primeiro sucessor e Eisa bin Musa como o segundo sucessor de As-Saffah. De acordo com essa decisão, Eisa deveria ser o califa porém Mansur não gostava da idéia. Ele queria indicar seu filho, Mahdi, como seu único sucessor e ele o fez ainda em vida. Em 147 H, ele excluiu Eisa bin Musa da lista de sucessão e nomeou Mahdi como seu único sucessor.

## **Bagdá**

As-Saffah tinha feito de Hashemia sua capital mas, na opinião de Mansur, a cidade não era adequada para ser a capital permanente do califado abássida. Ele queria construir uma nova cidade que fosse digna de ser a sua capital e esta nova cidade foi Bagdá, que permaneceu como a capital abássida por muito tempo.

Depois de Mansur, cada novo califa foi acrescentando seu toque pessoal e assim, em um século, a cidade de Bagdá alcançou a posição de uma das maiores cidades do mundo. Ela progrediu em todos os campos e tornou-se um centro de instrução, cultura e civilização.

A cidade foi construída sob a forma de um círculo em torno do palácio de Mansur. O palácio estava exatamente no centro da cidade e era chamado de *Qasrul Khuld*, ou palácio do paraíso. Em volta do palácio real, havia os prédios da administração, dos líderes, dos ministérios, dos funcionários e nobres. Depois desses prédios, havia as casas dos colonos e das pessoas comuns. Ela era habitada por todo tipo de gente mas, com o passar do tempo, a cidade

expandiu-se para além da área de Kurkh, que era, principalmente, o domicílio do povo. Bagdá era cheia de belos jardins e ricos mercados. A construção de Bagdá custou cerca de dezoito milhões de dirhams, o que hoje representaria uma imensa quantia em dinheiro. No entanto, deve-se creditar a Mansur a construção de uma das maiores cidades do mundo islâmico.

## **Ministros**

Como afirmamos antes, foi As-Saffah quem primeiro introduziu o sistema de ministério no califado abássida. Aos poucos, esse cargo conquistou grande importância e alguns dos ministros tornaram-se muito poderosos na corte abássida.

Por ocasião da morte de As-Saffah, Khalid bin Karmak era o primeiro-ministro e permaneceu no cargo ainda por mais um ano e alguns meses, já no califado de Mansur. No entanto, mais tarde ele foi demitido e para o seu lugar foi nomeado Abu Ayub.

O nome completo de Abu Ayub era Abu Ayub Sulaiman bin Mukhled e ele chegou à aldeia de Moryan, em Ahwaz, quando ainda era uma criança. Ele foi criado e educado sob a supervisão de Mansur e quando adulto ficou conhecido por sua capacidade, inteligência e sagacidade. Assim, um dia Mansur o nomeou para o cargo de primeiro-ministro. Ele influenciava tanto o califa que as pessoas costumavam dizer que Abu Ayub tinha enfeitiçado Mansur. Porém, o destino não favoreceu Abu Ayub e ele se mostrou desonesto na questão de algumas terras em Ahwaz. Mansur ficou tão furioso ao tomar conhecimento do fato que o sentenciou com a pena de morte e todas as suas propriedades foram confiscadas.

O terceiro ministro de Mansur foi Rabie bin Yunus, que era um descendente de Abu Faruh, um escravo de Osman Ghani, o terceiro Califa Justo. Rabie também era

um indivíduo sensato e sagaz e também muito digno. Ele desincumbiu-se muito bem no cargo de primeiro-ministro. Rabie foi assassinado no período de Hadi.

### **A Morte de Mansur**

Mansur nasceu no mês de Zilhijja (o décimo segundo mês do calendário islâmico) e ascendeu ao trono também no mês de Zilhijja, e, curiosamente, ele achava que morreria no mesmo mês. No ano de 158 H, quando ele estava se dirigindo a Meca para o *Hajj*, ele chamou seu filho, Mahdi, e expressando seu temor disse que poderia morrer naquele mês. Talvez fosse seu capricho ou força de vontade mas é fato que ele eventualmente morreu no mês de *Zilhijja* no ano de 159 H a caminho de Meca. Na hora de sua morte ele estava em *Ihram* (a vestimenta especial para realizar o *Hajj*).

Ele morreu com a idade de 63 anos. O período do seu califado foi de vinte e dois anos e três meses. Ele foi enterrado no cemitério de *Mu-alla*.

### **Personalidade e Comportamento**

Mansur é conhecido como um dos maiores califas de Banu Abbas. Embora Saffah tenha sido o fundador do califado abássida, foi Mansur quem, de fato, o tornou forte e poderoso. De acordo com os historiadores, Mansur alcançou na dinastia abássida a mesma posição desfrutada por Abdul Malik na dinastia omíada. Ele foi um governante esperto e sensato e era um grande estadista. Ele dominava bem as questões de estado e resolvia o mais complicados problemas com sabedoria, sem aparentar qualquer dificuldade. Ele passava a maior parte de seu tempo às voltas com os assuntos de estado e da administração e se ocupava de manhã até o meio-dia com a defesa e segurança do país, com a paz e tranqüilidade, com as receitas do governo e com as questões concernentes à felicidade e bem-estar das pessoas. Os assuntos relativos a

nomeações e demissões de funcionários também foram estabelecidos nesta época.

Depois da oração *Asr* (oração da tarde), ele passava algumas horas com os membros de sua família e depois trabalhava até a hora da oração *Isha* (da noite). Por natureza, ele era um homem rigoroso, duro e de semblante severo. Embora não tolerasse qualquer oposição ao seu governo, e punisse com bastante rigor os seus oponentes, no entanto há exemplos onde ele tratou com suavidade e até com gentileza seus opositores. Quando em reuniões particulares, ele se sentia em casa e ria e conversava francamente sem qualquer reserva ou limitação. Mas, assim que colocava a vestimenta real, ele se modificava completamente. Era quando se tornava bastante rigoroso e severo e não tolerava qualquer irregularidade, por menor que fosse. Para os alauítas, contudo, ele era muito duro e opressor. No uso do dinheiro era muito cuidadoso. Não hesitava em gastar grandes quantias de dinheiro sempre que fosse necessário, mas jamais gastava um único centavo que não fosse preciso. Ele levava uma vida muito simples e usava roupas grosseiras. Certa vez, uma escrava o viu vestido à paisana, com uma roupa cheia de remendos. Ela não conseguiu reprimir sua surpresa e gritou: “Isto é roupa de um califa?” Ao responder a ela, Mansur recitou um versículo alcorânico, que significa: “O homem alcança honra e superioridade muito embora use uma mortalha esfarrapada e uma camisa com remendos.”

Ele aconselhava seus parentes e familiares a serem cuidadosos com seus bens e a usarem os recursos com critério. Em suas normas escritas, ele dava muita ênfase à frugalidade e economia, principalmente em relação ao uso do dinheiro público. Durante seu califado, nenhum funcionário ou ministro seu gastava com extravagância, mesmo que fosse uma quantia mínima. Alguns funcionários tinham por hábito recompensar com grandes quantias de dinheiro os poetas e quando Mansur soube disto os repreendeu e confiscou o dinheiro pago injustificadamente

aos poetas, só deixando a quantia que eles realmente mereciam. Ele também não gostava que o óleo das lamparinas fosse usado desnecessariamente.

Não obstante isto, é equivocado achar que Mansur fosse um miserável. Ele gastava com abundância sempre que a ocasião assim o exigia e ajudava generosamente as pessoas necessitadas. Embora não gostasse de esportes inúteis e de passatempos, ele contribuiu bastante para o progresso da cultura e da civilização. As pessoas tinham liberdade de se dirigir a ele e de questioná-lo. A justiça era para todos, independentemente de classe, origem, raça, etc. Até o homem comum podia apresentar queixa contra qualquer pessoa, qualquer que fosse sua posição social. Mansur ouvia as queixas da população e se o funcionário fosse considerado culpado era punido.

O período de Mansur também é conhecido pelo progresso e florescimento do saber. Durante o período omíada não havia livros disponíveis sob a forma escrita mas, com Mansur, iniciou-se a publicação de livros. O califa manifestou um grande interesse pela divulgação do conhecimento. Sua corte era bastante freqüentada por pessoas letradas e que prestaram grandes serviços para o conhecimento e a literatura. Foi no período de Mansur que Imam Malik compilou sua grande coleção das Tradições do Profeta, sob o nome e estilo de "MUATTA". No mesmo período, Imam Abu Hanifa compilou o grande *Fiqh Hanafi* (Livro das leis islâmicas). Também é desse período a primeira biografia escrita do Profeta (s.a.w.), de autoria de Ibn Ishaque.

Antes de sua morte, Mansur passou para seu filho alguns conselhos cheios de sabedoria. Ele disse a Mahdi que agradecesse sempre a Allah as bênçãos concedidas por Ele, que jamais se esquecesse dessas bênçãos e que fosse gentil com as pessoas e que cuidasse da *Ummah* do Profeta (s.a.w.). O derramamento de sangue deveria ser evitado porque este era o maior pecado aos olhos de Allah. Ele

insistiu que seu sucessor não transformasse o ilícito em lícito ou vice-versa e que jamais deixasse de lado o equilíbrio. Que observasse sempre a moderação pois o caminho além da moderação leva à morte.

Foi a sagacidade de Mansur que deixou para Mahdi uma grande riqueza, a ponto de ele jamais ter tido problemas com dinheiro.

## CAPÍTULO IV

### MUHAMMAD BIN MANSUR MAHDI

(158 a 169 H – 755 a 785 d.C.)

Com a morte de Mansur, ascendeu ao trono seu filho, Muhammad bin Mansur Mahdi. No momento da morte do califa, estavam presentes altas personalidades e oficiais do exército, que logo depositaram nas mãos de Rabie Katib o juramento de fidelidade a Mahdi. Em Meca, esta cerimônia foi realizada por Abbas bin Muhammad. No entanto, o juramento geral foi prestado em cerimônia pública que ocorreu no décimo segundo dia depois da morte de Mansur, em Bagdá. Era o mês de Zilhijja, do ano de 158 H, e Mahdi estava com trinta e três anos.

Logo após assumir o califado, Mahdi mandou libertar todos os prisioneiros políticos que tinham sido presos por ordem de Mansur. Os detidos, depois de libertados, também foram recompensados generosamente. Ele assim o fez seguindo uma das últimas vontades de Mansur que, na hora de sua morte tinha aconselhado Mahdi a agir assim. Com esta providência, Mahdi provocou uma boa impressão nas pessoas. Durante sua existência, Mansur tinha erradicado todas as possibilidades de levantes e insurreições políticas e por isso, salvo alguns poucos tumultos, Mahdi pode governar em paz e tranqüilamente.

#### **Muqanna**

Existia em Merve, uma cidade no Corassã, um homem que era conhecido pelo apelido de *Muqanna*, que não acreditava na doutrina islâmica. Sendo cego de um olho, ele cobria o rosto com uma máscara de ouro e, por isso, as pessoas tinham lhe dado a alcunha de *Muqanna*, ou o “Velado”. Na verdade, ele era um prestidigitador e por



intermédio de suas habilidades ele tinha inventado algumas coisas singulares nas quais apareciam um sol artificial. Isto o incentivou a criar uma nova religião, ou crença, em que um dos dogmas era que ele seria a encarnação de Deus. Ele afirmava que Deus tinha encarnado em Adão, em Noé e em várias outras pessoas, inclusive em Abu Muslim Khurasani e nele próprio. Impressionadas com suas mágicas, várias pessoas começaram a aceitar a sua chamada religião e dia a dia o número de seus seguidores começou a crescer e, à medida que o tempo passava eles começaram a se insurgir em várias localidades do califado, criando muitos problemas. Por fim, Muqanna e seus adeptos foram aniquilados e ele acabou se suicidando.

Houve ainda algumas outras insurreições, porém menores. No Corassã, um certo Yusuf bin Ibrahim Baram, e em Jazira, um tal de Abdus Salam Lashkari, se rebelaram contra o governo central mas foram todos subjogados.

No ano de 164 H, Mahdi enviou vários emissários aos governantes de Cabul, Tabaristão, Soghd, Tacaristão, Bemian, Farghana, Ashrosna, Turquestão, Tibet, Sind e China, propondo um novo acordo de paz, onde estava implícita a aceitação da autoridade do califado abássida por eles. Todos esses países aceitaram de imediato a proposta e concordaram em continuar pagando os tributos ao califado.

## **Guerra contra os Romanos**

Durante o reinado de Mahdi predominaram internamente a paz e a tranqüilidade completas e, assim, o califado teve tempo suficiente e oportunidade para atacar os romanos. No primeiro ano de seu governo, Mahdi enviou seu tio Abbas a Adhra, que foi conquistada sem qualquer dificuldade. No ano de 161 H, Shamama bin Walid foi despachado para Wabiq mas, nesta campanha, ele não obteve sucesso digno de ser mencionado. Os muçulmanos tinham sofrido algumas perdas em Umaq e Mar'ash. No ano

de 162 H, estimulados por essas perdas muçulmanas, os romanos atacaram Hadas, uma aldeia na fronteira. Mahdi destacou para aquela região Hasan bin Qahtaba, que impôs uma derrota aos romanos. No mesmo ano, Usaid Salmi também conquistou três fortalezas nos subúrbios de Qaliqala.

No ano seguinte, o próprio Mahdi partiu para combater os romanos. Depois de atravessar Mosul e Jazira e cruzar o rio Eufrates, ele chegou a Alepo, onde os *zindiques* (seguidores de Zoroastro), estavam reunidos. Eles foram mortos e seus livros incendiados. Dali, Mahdi chegou a Jaen e despachou Harun, Eisa bin Musa, Rabie Hasan bin Qahtaba, Sulaiman Ibn-e-Barmak, Yahia bin Khalid e alguns outros chefes militares para várias localidades dominadas pelos romanos. Após algumas escaramuças, todos eles retornaram sem que houvesse batalhas notáveis. Mahdi também retornou, via Jerusalém. No ano de 165 H, Mahdi enviou seu filho Harun com um grande exército composto de noventa e seis mil soldados para a Ásia Menor. Harun, depois de derrotar os romanos em várias localidades, alcançou Constantinopla. Por fim, os romanos, derrotados, concordaram em pagar um tributo anual de setenta mil *dinares*. E dessa forma, foi efetivado um tratado de paz entre muçulmanos e romanos. Os muçulmanos conseguiram valiosos espólios de guerra nesses combates.

Em 169 H, um exército muçulmano, sob o comando de Abdul Malik bin Shahab Samayes, foi mandado para o Sind e conquistou Barbad. Nesta batalha, os muçulmanos infligiram pesadas perdas ao exército inimigo do Sind, mas suas próprias perdas não foram citadas. No entanto, quando retornavam, eles foram expostos a uma violenta tempestade marinha e alguns navios de sua frota foram afundados e muitos muçulmanos perderam a vida.

No ano de 167 H, Musa bin Hadi partiu para o Tabaristão, com a finalidade de enquadrar alguns

governantes da região, que vinham trazendo problemas para o califado.

## **Sucessores**

Como vimos anteriormente, As-Saffah tinha declarado Eisa bin Musa como seu segundo sucessor, depois de Mansur. De acordo com esta determinação de As-Saffah, Eisa deveria ser o califa depois de Mansur, porém Mansur arrumou um meio de declarar Eisa, mais uma vez, como seu segundo sucessor, depois de Mahdi. No entanto, Mahdi também não gostou deste arranjo na linha sucessória e, à custa de uma generosa soma em dinheiro e de uma grande propriedade, conseguiu fazer com que Eisa concordasse em ser excluído da lista de sucessão. Com isto, ele declarou seus dois filhos, Hadi e Harun, como seu primeiro e segundo sucessores, respectivamente.

## **Ministros**

Durante o reinado de Mahdi, foram nomeados três ministros, um após o outro, a saber:

- 1) Abu Ubaidullah Muawiya bin Yasir,
- 2) Abu Abdullah Yaqub bin Daud e
- 3) Faiz bin Abu Saleh.

Abu Ubaidullah Muawiya era um estadista capaz e muito inteligente mas, infelizmente, também era muito orgulhoso e arrogante. Sua arrogância acabou por fazer com que conquistasse muitos inimigos. Além disso, um de seus filhos, que tinha renegado a religião, foi assassinado por ordem do califa. A partir daí, Mahdi não pôde mais confiar nele e o demitiu após algum tempo.

Depois de Muawiya, Yaqub bin Daud foi nomeado ministro do califa e, graças às suas habilidades, acabou se transformando em um ministro muito poderoso. No entanto, depois de algum tempo também ele ficou desacreditado aos

olhos do califa, que se deixou influenciar pelo ciúme e inveja que provocava nas pessoas. Por fim, ele foi preso por ordem de Mahdi, quando não acatou uma ordem sua para matar um alauíta. Ele foi libertado durante o califado de Harun Rashid, mas morreu em 186 H.

O terceiro ministro foi Faiz bin Abi Saleh, que era um homem muito generoso. Ele era oriundo de Nishapur e ficou no cargo até a morte de Mahdi.

## **A Morte**

Mahdi morreu no 12º dia do mês de Muharram, do ano de 169 H, numa aldeia próxima a Masbandan, onde se encontrava caçando. Seu filho, Harun Rashid, foi quem conduziu a cerimônia fúnebre e seu corpo foi enterrado naquela aldeia. Ao morrer, Mahdi estava com quarenta e três anos e governou por um período de dez anos e um mês.

## **Personalidade e Administração**

Mahdi mostrou-se um governante louvável, tanto por seu caráter pessoal como pela forma como administrou o califado. As pessoas o amavam muito por suas qualidades e modos afetuosos e gentis. Durante seu reinado prevaleceram a justiça, a paz, a tranqüilidade e prosperidade por todo o califado. Segundo Masudi, ele tornou-se querido por todos por não ter permitido a opressão, a tirania, a injustiça, o ódio e as más ações. De acordo com Muhaddis Zahbi, seu reinado representou um período de bênçãos e felicidade para o povo. Seu aspecto e modos eram agradáveis e por isto ele era tão amado pela população.

Embora Mahdi tenha vivido uma vida de muito luxo e conforto, no entanto ele jamais se descuidou das questões de estado. Da mesma forma que seu pai, Mansur, Mahdi também se preocupava com tudo e não deixava passar nada. Todos os dias ele se sentava para ouvir as queixas das pessoas e reparar as injustiças cometidas contra elas.

Sua porta estava sempre aberta para os que se sentiam ofendidos e queriam levar ao califa as injustiças praticadas contra eles.

As várias administrações anteriores haviam interligado os diversos departamentos administrativos, porém Mahdi os separou e nomeou um administrador, ou diretor, para cada departamento. No entanto, a fim de manter uma ligação entre eles, foi criado um departamento maior, o *Uzma*. Desta forma, toda a administração do estado foi sistematizada. Também foi criado em todo o estado um departamento postal sistemático, principalmente entre Meca, Medina, Iêmen, Bagdá e outras localidades importantes. Havia centros para os leprosos em cada parte do país.

Por temperamento e índole, Mahdi era gentil e afetuoso. Uma de suas qualidades era perdoar os culpados e os imperfeitos. Conforme mencionamos antes, assim que assumiu o califado ele perdoou e mandou libertar todos os presos políticos que tinham sido detidos por seu pai, Mansur.

Mahdi dispensou um grande cuidado aos dois locais sagrados dos muçulmanos, Meca e Medina. Em 160 H, ele ampliou a Caaba e enfeitou o prédio de várias maneiras. No mesmo ano, ele ampliou e enfeitou a mesquita do Profeta, em Medina. Ele também construiu a Mesquita Jam-e, em Basra. Além disso, ele construiu vários outros prédios e estradas, bem como seu próprio palácio em Rasafa e também uma casa de cunhagem de moedas, em Eisa-abad. A estrada para Meca foi melhorada, e várias localidades receberam cisternas e casas de banho.

Ele era generoso e de espírito nobre. Um dia, um indivíduo veio a ele, trazendo um par de sapatos e dizendo que eles tinham pertencido ao Profeta (s.a.w.). Mahdi pegou os sapatos com respeito e os beijou, e, em seguida, pagou ao homem dez mil *dirhams*. Quando o sujeito foi embora feliz com a quantia recebida, Mahdi disse às pessoas

presentes: “Eu sei que este par de sapatos não pertenceu ao Profeta (s.a.w.). Ele pode até não ter percebido isto, mas eu tomei como verdadeiro para que ele não saia daqui e diga às pessoas que o califa não aceitou os sapatos atribuídos ao Profeta (s.a.w.)”.

Ele jamais dava muita importância ao dinheiro mas era pródigo em seus gastos, até mesmo com coisas insignificantes. Ele pagava milhares de *ashrafis* (moeda de ouro) aos poetas e, como dissemos antes, ele era um amante do luxo e conforto que o dinheiro pode proporcionar. Ele também era viciado numa vida de volúpias voltada para os sentidos e seu palácio era cheio de belas mulheres. Apesar disto, ele era muito cuidadoso com os assuntos de estado e também partia para os combates sempre que a situação assim o exigisse. E, dessa forma, ele conquistou um bom nome na história islâmica em razão de suas boas qualidades.

## **CAPÍTULO V**

### **MUSA BIN MAHDI AL-HADI**

**(de 169 A 170 h – 785 A 786 d.C.)**

Após a morte de Mahdi, seu filho Musa bin Mahdi ascendeu ao trono no mês de Safar, do ano de 169 H, adotou o título de Hadi e nomeou Rabie como seu ministro. Ao assumir o poder, Hadi estava com vinte e cinco anos.

#### **A Revolta de Husain bin ‘Ali**

Um pouco depois de ascender ao trono, Husain bin ‘Ali bin Hasan bin Imam Hasan bin ‘Ali, neto de Imam Hasan, se rebelou contra o califa Hadi, em Medina. Na verdade, Husain já vinha preparando esta insurreição desde muito tempo. No começo a revolta provocou um grande estrago em Medina porém, mais tarde, acabou sendo sufocada por Muhammad bin Sulaiman e Sulaiman bin Mansur. A cabeça de Husain bin ‘Ali foi arrancada de seu corpo e enviada para Hadi. No entanto, em lugar de Hadi ficar feliz, ele ficou muito entristecido e, ao ver a cabeça de Husain bin ‘Ali, chorou copiosamente e repreendeu aqueles que tinham sido portadores daquela encomenda.

#### **Dinastia Idrisida**

Depois do martírio de Husain bin ‘Ali, um de seus tios, Idris bin Abdullah bin Hasan, deixou a Arábia e foi para o norte da África, na região que, atualmente, corresponde ao Marrocos. O povo de lá o recepcionou calorosamente e ele decidiu se estabelecer no lugar. Após algum tempo Idris teve um problema nos dentes, e um de seus escravos misturou veneno em sua pasta de dentes e ele acabou morrendo envenenado. Tudo indica que, na verdade, se tratava de um escravo de Mahdi e que tinha sido mandado para Idris com a intenção de matá-lo, o que foi feito. No entanto, depois da

morte de Idris bin Abdullah, seu filho, cujo nome também era Idris, conseguiu estabelecer um reino no Marrocos, dando início, assim, à dinastia idrisida no Magrebe. Esta dinastia foi fundada no ano de 169 H (785 d.C.) e sua existência se prolongou até o ano de 309 H (920 d.C.). Sua capital era Fez, que foi povoada por Idris. Este reino não aceitava a autoridade do califado abássida, porém não era um reino xiita. Idris foi enterrado no Marrocos e, hoje em dia, o local onde se encontra seu túmulo, que é conhecido como *Mawla-e-Idris*, é considerado um local sagrado do Marrocos.

### **Hamza bin Malik**

Logo após a revolta dos alauítas acima mencionada, surgiu uma outra rebelião. Desta vez, foi liderada por um chefe carijita de nome Hamza bin Malik Khazayi. Ele comandou sua revolta a partir de Jazira, mas o governador, Mansur bin Ziad, mandou um exército para reprimir a rebelião mas, no entanto, foi derrotado por Hamza. Contudo, dois homens de Mansur se infiltraram no exército carijita e conseguiram uma oportunidade para assassinar Hamza.

### **Contra os Romanos**

Então, em seguida, um exército romano atacou e ocupou Hadisa, uma aldeia na região de fronteira. No ano de 169 H, Maruf bin Yahia desferiu um contra-ataque, retomou Hadisa e avançou em direção a Ashna, uma localidade dentro do território romano.

### **Luta pela Sucessão**

Mahdi tinha nomeado Harun como seu segundo sucessor e por isso era ele quem deveria suceder Hadi. Porém, seguindo os passos do pai e do avô no tocante à sucessão, Hadi quis cancelar a nomeação de Harun e declarar seu filho, Jafar, como seu sucessor imediato. Esta decisão criou uma desunião no exército e alguns oficiais militares tomaram o partido de Hadi. Ao conquistar o apoio



desses oficiais, Hadi encheu-se de coragem e começou a pressionar pela renúncia de Harun à sucessão. Ele também excluiu Harun do grupo de conselheiros em assuntos de estado.

Naquela época, apenas Yahia bin Khalid era o maior partidário de Harun. Assim, teve início um verdadeiro cabo de guerra pela sucessão. Hadi passou a hostilizar Harun. Yahia foi preso por Hadi mas logo foi libertado. Quando Hadi estava prestes a tomar uma decisão drástica contra Harun, a morte chegou rapidamente para ele.

## **A Morte**

O reinado de Hadi foi muito curto, isto é, de apenas um ano e três meses. Ele morreu de repente, no mês de Rabiul Awwal, do ano de 170 H. Com relação à sua morte, alguns são de opinião que ele teria morrido de morte natural mas outros, no entanto, sustentam que ele teria sido assassinado e que a responsável teria sido sua mãe Khaizran. A esse respeito, mais uma vez, existem duas opiniões. Alguns dizem que Khaizran, que tinha o hábito de interferir nos assuntos de estado durante o reinado de seu marido, queria fazer o mesmo com o filho, Hadi, sem obter êxito. Ele dizia que não tolerava a interferência dela na administração e na política do califado. Ela teria ficado furiosa e tornou-se inimiga implacável do próprio filho, e, por conseqüência, quis destituir Hadi. Outros, no entanto, dizem que, quando começou a luta pela sucessão entre Hadi e Harun, Khaizran não teria aceitado a decisão de Hadi de cancelar o nome de Harun da linha sucessória e, então, preparou um esquema secreto para matá-lo. Contudo, a opinião de que Khaizran estaria envolvida na morte de Hadi não é amparada por grandes historiadores como Ibn Khaldun e outros. Conta-se que quando estava quase morrendo, ele mandou chamar sua mãe e pediu perdão a ela por tê-la desagradado. Ele disse à mãe que apenas tinha proibido que ela participasse das decisões de estado e que jamais tinha impedido que ela exercesse outras atividades

que não fossem políticas. Os historiadores sustentam que Hadi e a mãe não se davam bem, mas não crêem que a mãe tivesse matado seu próprio filho.

Hadi foi enterrado em um jardim de Eisa-abad.

## **Personalidade**

Hadi conhecia bem as maneiras de governar. Ele era um governante intrépido, de boa índole, generoso e de muita coragem. Era rigoroso em suas ordens e era um indivíduo de muita determinação. Ele tinha dignidade, pompa e os modos de um estadista. Seu meio-irmão, Husain bin Muaz bin Muslim, afirma que jamais teve medo dele em suas reuniões particulares, e que, algumas vezes, ele até jogou Hadi no chão. Porém, quando ele colocava a vestimenta real, nem Husain ou qualquer outro ousava enfrentá-lo. Ele ficava terrível com suas vestes reais.

Ele nutria um grande amor e adoração pelo Profeta (s.a.w.) em seu coração e não suportava qualquer palavra ofensiva contra o Profeta, por menor que fosse, proferida por quem quer que fosse. Ele era muito duro com os descrentes e os *zindiques* e era um grande inimigo do Manismo, a religião dos persas. Os historiadores dizem que se ele tivesse vivido um pouco mais não teria deixado o menor sinal dessa religião. Não obstante suas boas qualidades, como seu pai ele também gostava da vida luxuosa da corte.

O primeiro-ministro de Hadi foi Rabie bin Yunus, que morreu alguns dias depois de ter sido nomeado. Com sua morte, foi nomeado Ibrahim bin Zakwan para o posto. Hadi gostava tanto dele que muitas vezes Mahdi o repreendia por causa dessa amizade. Certa ocasião, Mahdi estava tão irado que quase matou Ibrahim que, felizmente, foi levado a Mahdi na hora em que ele estava saindo para caçar. Mahdi, então, colocou Ibrahim sob a custódia de alguns homens de sua confiança para decidir o que fazer com ele quando voltasse. Talvez sua vida não tivesse sido poupada se Mahdi

não tivesse morrido durante a caçada. Mas, quis o destino que sua vida fosse poupada e, no devido tempo, ele tornou-se ministro no reinado de Hadi.

## CAPÍTULO VI

### HARUN AL-RASHID BIN MAHDI

(de 170 a 193 H – 786 a 809 d.C.)

Com a morte de Hadi, seu irmão, Harun, que também era filho de Khaizran, ascendeu ao trono no mês de Rabiul Awwal, do ano 170 H (786 d.C.). Quando chegou ao poder, ele tinha apenas vinte e dois anos e tomou o título de *Rashid*<sup>1</sup>, daí ter passado para a história como “Califa Harun Al-Rashid”. Ele também ficou conhecido como o melhor governante da dinastia abássida. Durante o seu período de governo, o poder dos abássidas atingiu o seu clímax, florescendo como um todo, apesar da ocorrência de revoltas nas províncias do califado.

Assim que se tornou califa, Harun Al-Rashid nomeou seu antigo benfeitor e amigo, Yahia bin Khalid Barmakki, como seu ministro. No primeiro ano após assumir o poder, ele fez a peregrinação à Caaba e foi muito generoso na distribuição de presentes. Todas as limitações que tinham sido impostas anteriormente aos alauítas foram removidas e eles tiveram a permissão de residirem pacificamente em Medina.

#### Levantes e Desordens

Durante o reinado de Harun, ocorreram alguns levantes e perturbações da ordem em várias partes do califado, mas, graças às oportunas providências tomadas por ele, todos os revoltosos foram aniquilados.

No ano de 176 H, Yahia bin Abdullah, um neto de Imam Hasan e irmão de Nafs Zakiã, revoltou-se na parte oriental do califado e muita gente daquela região juntou-se a

---

<sup>1</sup> *al-Rashid* – o Ortodoxo. (N.T.)

ele. Yahia dominou aquela área e tornou-se muito poderoso. Então, Harun enviou Fazal bin Yahia Barmakki para enfrentá-lo. No entanto, como a família de Barmakki fosse partidária da família do Profeta, era muito difícil para ele combater Yahia bin Abdullah bin Imam Hasan. Fazal tentou resolver a questão de forma amigável e Yahia concordou em firmar um acordo de paz desde que respeitadas algumas condições, que foram prontamente aceitas por Harun. No entanto, decorrido algum tempo, Harun mandou deter Yahia bin Abdullah e o colocou na prisão, aonde veio a falecer mais tarde.

Naquele mesmo ano, em Damasco, os yamnis e muzris começaram, mais uma vez, a lutar entre si e Harun ficou bastante apreensivo com aqueles desentendimentos. Por fim, após grandes esforços de sua parte, ele conseguiu acabar com os confrontos e a paz foi firmada entre os dois grupos. E, assim, Harun acabou com uma constante fonte de distúrbios.

No entanto, após a solução dos conflitos em Damasco, os yamnis e muzris que viviam no Sind começaram novos confrontos, que continuaram por alguns anos. Harun, em várias ocasiões, mandou diversos governadores para resolver a questão de forma pacífica mas nenhum deles obteve êxito. Finalmente, no ano de 184 H, a paz e a tranqüilidade foram restabelecidas nas províncias do Sind.

Em 177 H, um homem chamado Altaf ocupou todo o território de Mosul e controlou aquela região por cerca de dois anos. No final, o próprio Harun partiu para enfrentá-lo e Altaf foi derrotado. Para evitar que futuras rebeliões pudessem ocorrer, Harun ordenou que a fortificação construída em torno da cidade fosse demolida.

No ano de 178 H, as tribos Qais e Quzh'aa se rebelaram no Egito porém sem sucesso, pois os revoltosos foram dominados e a situação ficou sob controle.

No mesmo ano, um carijita de nome Walid bin Tarif rebelou-se em Jazira. Ele conseguiu levar o seu movimento até a Armênia e a outras localidades. Harun al-Rashid enviou um certo Yazid bin Mazid Shebani que, em primeiro lugar, tentou resolver a questão de forma pacífica. Porém, Harun não gostou dessa solução e ordenou que Yazid combatesse e derrotasse Walid, que foi morto durante os confrontos.

### **Levantes na África**

No ano de 177 H, começaram os levantes na África, que continuaram por mais alguns anos. Harun tinha nomeado Fazal bin Rubb como *Wali*, isto é, como governador geral, para toda a África. Fazal, por sua vez, nomeou seu sobrinho, Mughira bin Bashar, como governador da Tunísia. No entanto, Mughira, não sendo uma pessoa experiente e sensata, maltratou os soldados e os humilhou fazendo surgir o ódio e a raiva nas fileiras do exército. Como resultado, Mughira foi substituído por Abdullah bin Yazid, mas os revoltosos não ficaram satisfeitos com essa substituição e mataram Abdullah bin Yazid. A partir daí, a insurreição assumiu uma gravidade maior em Cairuã, quando Fazal bin Rubb também foi morto por Ibn-e-Jarud, um dos líderes dos rebeldes. A situação ficou fora de controle. Finalmente, em 184 H, um certo Ibrahim bin Aghlab foi nomeado *Wali* da África e ele conseguiu manter a situação sob o controle do governo central. Vários rebeldes e suspeitos foram presos e mandados para Bagdá.

Ibrahim povoou uma nova cidade nas proximidades de Cairuã, que tomou o nome de Shumar. Depois de dois anos, em 186 H, surgiu na Tunísia um homem de nome Hamdis, que se revoltou mas foi derrotado. Idris bin Idris Alavi também tentou se rebelar, contudo não obteve sucesso.

No ano de 189 H os berberes disseminaram sua revolta em Trípoli, que foi controlada depois de grandes esforços de Ibrahim. Depois disto não houve mais revoltas em qualquer parte da África e a paz e tranqüilidade foram completamente restabelecidas.

## **Guerras contra os Romanos**

Harun também ficou conhecido por suas conquistas externas. Ele costumava participar pessoalmente das várias batalhas contra os romanos e quando, por algum motivo, não podia estar presente, ele mandava, em seu lugar, uma alta personalidade da família real para comandar a luta nas frentes de batalha. Dessa forma, os exércitos de Harun atacaram os romanos a cada ano e várias fortalezas romanas foram conquistadas. Além disso, foram realizadas várias conquistas no Egito, Síria e Ásia Menor, Anatólia e Cônia. Nicephorus, o imperador romano, tinha se recusado a pagar o tributo anual e Harun teve que marchar para combatê-lo e o imperador acabou se rendendo. Vários acampamentos foram construídos ao longo das áreas costeiras da Síria para a defesa contra os prováveis ataques dos romanos.

## **Indicação dos Sucessores**

Harun teve muitos filhos mas ele tinha uma inclinação maior por Amin e Ma'mun. Amin tinha sido educado sob a supervisão de Fazal e Ma'mun sob a supervisão de Ja'ffar. No entanto, Ma'mun era superior a Amin em todos os aspectos. Harun amava muito Amin por suas habilidades mas, além disso, ele tinha uma qualificação adicional que era a de ser filho da rainha Zubaidah, a mais amada das esposas. E este foi seu erro maior, cujas funestas conseqüências iriam surgir depois de Harun. Mas, ele teve que cometer esse erro somente por causa de sua amada rainha. Como forma de compensar Ma'mun, ele lhe deu a província do Corassã para sempre. Além disso, ele também concedeu algumas honrarias diferenciadas para Ma'mun.

Quanto à sua sucessão, ele escolheu Amin como seu primeiro sucessor, Ma'mun como o segundo e Mutaman como o terceiro sucessor. Como um gesto de mais generosidade para com Ma'mun, Harun também lhe deu exércitos, armamentos, tesouro e servos em separado, em Rayy.

## **Os Bermicidas**

Não há dúvida de que o período de Harun é considerada a fase áurea do califado abássida, e que foi o ponto culminante de toda a história da dinastia. No entanto, também não há como negar o fato de que as conquistas de Harun são devidas, em grande parte, aos ministros da família Bermicida. Durante o califado de Harun, a família Bermicida alcançou tanto poder, autoridade e grandeza que nem mesmo muitos reis e governantes da história da humanidade conseguiram alcançar. Porém, ao mesmo tempo, é um fato trágico que a família teve que enfrentar sua triste queda durante o próprio califado de Harun. Em resumo, os Bermicidas viveram sua ascensão e queda durante o mesmo período. Talvez seja oportuno trazer aqui fatos sobre os bermicidas com alguns detalhes.

Barmik, o avô dos Bermicidas, era sacerdote e curador de um templo budista em Balkh, que adorava o fogo, o templo Nau-bahar. Assim, ele exercia uma grande influência sobre a população do Corassã. Quando Abu Muslim deu início ao movimento abássida, Khalid, o neto de Barmak, converteu-se ao Islam, aderiu ao movimento e foi de grande valia para Abu Muslim e os abássidas. Foi por esta razão que As-Saffah logo gostou dele e tinha grande respeito por ele e, mais tarde, acabou por indicá-lo como seu ministro. Khalid permaneceu no cargo até o governo de Mansur e, no ano de 163 H, veio a falecer.

Yahia, filho de Khalid, também era um indivíduo instruído e muito bem qualificado. Começando no período de Mansur e entrando pelo período de Hadi, ele serviu ao



califado de várias formas. Em razão dos serviços prestados e da sinceridade com que se desincumbia das tarefas, conquistou uma elevada posição na corte abássida. Ele também foi tutor de Harun. A esposa de Yahia tinha amamentado Harun e a mãe de Harun, Khaizran, também tinha feito o mesmo com Fazal, o filho de Yahia. Assim, Harun tinha também uma relação de afinidade com essa família. Ele se dirigia a Yahia chamando-o de “papa”. Foi Yahia quem, assumindo todos os riscos possíveis, aconselhou Hadi a não cancelar o direito de sucessão de Harun. Por causa disto, ele sofreu e suportou a prisão e, não obstante, permaneceu sempre leal e fiel a Harun. Por causa desses favores e obrigações, Harun abrigava em seu coração um grande amor e respeito por Yahia. Quando tornou-se califa, ele disse a Yahia: “Papa, tudo o que consegui até hoje eu devo aos seus favores e sabedoria e, por isso, a partir deste dia, eu o torno senhor de tudo.” E, dizendo essas palavras, Harun nomeou Yahia seu ministro e o encarregou de cuidar de todos os afazeres de estado, sem sofrer qualquer interferência do califa.

Yahia tinha quatro filhos, Fazal, Ja’far, Musa e Muhammad, e todos eram dotados de algumas qualidades e tinham suas próprias características. Fazal era o mais velho e tinha suas qualidades familiares. Ninguém na família se comparava a ele em generosidade e nobreza de espírito. Sendo seu irmão de leite, Harun se preocupava muito com ele e sempre o chamava de “irmão” e o tratava como se fosse realmente seu irmão de sangue. Fazal foi indicado para o exercício de vários postos e posições de estado, inclusive o de governador do Corassã, e depois de Sherwan. Algumas vezes ele também chegou a representar seu pai, Yahia, nas questões do ministério. No final, Yahia permaneceu no cargo de ministro apenas no nome, pois todas as funções do ministério eram exercidas por Fazal. Foi ele também quem indicou o tutor do príncipe Amin. Fazal, em sua época áurea, fez milhares de pessoas ricas. Nenhuma pessoa necessitada que viesse ter com ele saía de mãos abanando. Mesmo seus opositores e inimigos não

se desapontavam com ele. Fazal tornou-se virtualmente o ministro porém, mais tarde, quando Harun quis indicar Ja'far, o segundo filho de Yahia e seu irmão, como seu ministro, não conseguiu fazer uso de uma linguagem clara para se fazer entender por Fazal, pelo contrário, fez uso de uma imagem, dizendo: "Ó irmão, eu quero que Ja'far ponha o seu anel." Fazal entendeu muito bem o que o califa estava pretendendo e imediatamente cedeu o lugar para Ja'far.

Ja'far era o segundo filho de Yahia e o irmão mais novo de Fazal. Como um todo, ele era bem superior a todos os seus outros irmãos, ele tinha sido educado sob a supervisão do Qazi Abu Yusuf e era um especialista em eloquência e composição retórica. Na família Bermicida não havia ninguém igual a ele em elegância, magnanimidade e disposição e ninguém tinha mais dignidade e pompa do que Ja'far. Ele conseguia escrever centenas de páginas em uma única noite. Dono de uma inteligência e personalidade agradável, Ja'far ocupava um lugar especial na mente do califa, a ponto de ele passar a gostar mais de Ja'far do que do próprio Fazal. Não havia na corte quem fosse mais respeitado do que Ja'far. Por fim, Ja'far conquistou o cargo de ministro do califado e também foi nomeado tutor do príncipe. Conta-se que os ensinamentos de Ja'far desempenharam um papel fundamental na grandeza e saber de Ma'mun. Durante o período de seu ministério, Ja'far conquistou tanto poder que algumas vezes ousava desobedecer até mesmo ao califa.

Musa e Muhammad, os dois irmãos restantes de Fazal e Ja'far, não alcançaram posição de destaque como seus dois irmãos mais velhos e nem eram tão brilhantes como os dois, no entanto eram valentes e bravos. Em resumo, a pompa e dignidade dos abássidas durante o reinado de Harun devem-se, basicamente, à família Bermicida. Analisemos, a seguir, as causas da queda desta família.

Os historiadores apresentaram várias causas para a queda dos Bermicidas, dentre as quais existe uma que teria sido o caso de amor entre Ja'far e a princesa Abbas, a irmã de Harun al-Rashid. No entanto, historiadores confiáveis desmentem completamente essa história. Ibn Khaldun, que é considerado como um dos mais respeitados e fidedignos historiadores, escreveu em seu *Muqaddima* (pág. 10 a 16) que a história de Abbas não tem qualquer fundamento e aqueles que inventaram este engano o fizeram por conta própria. Segundo Ibn-e-Qutaiba, um dos mais antigos historiadores islâmicos, Harun tinha dado a princesa em casamento a Muhammad bin Sulaiman Abbasi, e depois de ter enviuvado, ela tornou a se casar com Ibrahim bin Saleh bin Ali.

Então, segundo os historiadores especialistas em história islâmica, as principais causas da queda dos Bermicidas são as seguintes:

Harun tinha indicado Yahia como seu ministro, com plenos poderes e autoridade sobre todos os assuntos de estado e, quando Yahia ficou velho, seus dois filhos, Fazal, primeiro, e Ja'far, depois, foram colocados no exercício das funções, com os mesmos poderes que o pai detinha. Embora não tivessem quebrado a confiança do califa e nem tivessem agido contra os interesses do califado ou do califa, eles perderam as boas graças de Harun por causa da extraordinária generosidade deles. As portas estavam sempre abertas para os necessitados porém Harun, algumas vezes, sentia dificuldade em conseguir até mesmo uma quantia mínima em dinheiro para as suas próprias necessidades. Harun não só perdeu virtualmente poder como, também, sentia que as pessoas não mais se dirigiam a ele e sim a Barmak para terem a satisfação de suas necessidades e exigências. Os funcionários também já não vinham mais ao califa para resolver os assuntos de estado. Os governantes e seus ministros enviavam presentes e lembranças para os Bermicidas, mas não para o califa. Os Bermicidas gastavam milhões com suas próprias

necessidades mas o califa não conseguia obter uma quantia suficiente para sua conta particular. Naturalmente, esta situação acabou ficando intolerável para Harun. Além do mais, quando ele percebeu que os Bermicidas tinham nomeado seus próprios parentes ou pessoas da confiança deles para todos os postos-chave do governo, ficou realmente apreensivo.

Uma outra causa que fez Harun ficar aborrecido com os Bermicidas foi o tratamento respeitoso dispensado aos membros de *Ahl Bait*, ou a Casa de 'Ali, pois eles eram praticamente pró *Ahl Bait* e os recebiam com grande respeito e deferência. Por outro lado, os abássidas não gostavam dos alauítas e, assim, o califa não só ficou aborrecido como, também, sentiu que os Bermicidas poderiam representar um perigo potencial para o regime abássida. Infelizmente, um acontecimento tornou Harun bastante hostil em relação aos Bermicidas. Yahia bin Abdullah, irmão de Nafs Zakia, era um rebelde aos olhos dos governantes abássidas e, quando ele foi preso e trazido diante de Harun, ele ordenou que Ja'far o colocasse na prisão. Porém, mas tarde, Yahia foi libertado por Ja'far, que não fez muito caso da insatisfação do califa. Fazal bin Rabie, que era um grande opositor dos Bermicidas, informou o califa deste fato. Ao saber da libertação de Yahia, Harun mandou chamar Ja'far e pediu notícias do prisioneiro que tinha sido confiado a ele. Ja'far respondeu que, tendo em vista que o cativo não era perigoso, ele o tinha soltado. Ao que parece, Harun teria respondido: "Você fez a coisa certa, eu também estava pensando em libertá-lo", no entanto, quando Ja'far foi embora, Harun murmurou: "Eu o libertarei desta vida".

Além de Harun, havia também um grupo de abássidas que estava insatisfeito com os Barmakis e começou a insuflar Harun contra eles. Harun vinha tolerando os excessos dos Bermicidas já há algum tempo mas, quando os maledicentes o convenceram de que o poder dos

Bermicidas representava um grande perigo para o governo abássida, Harun não teve outra saída senão agir contra eles.

No ano de 187 H, Ja'far foi condenado à morte por Harun e Yahia e Fazal foram mandados para a prisão. Nenhum dos Barmakis, com exceção de Muhammad bin Khalid, ficou a salvo da prisão. Todos os palácios, prédios e outros bens da família foram confiscados pelo califa. Yahia e Fazal morreram na prisão, em 190 e 193 H, respectivamente. Este foi o trágico fim de uma família de ministros que outrora havia sido muito poderosa. Conta-se que depois do trágico fim de Yahia e de seus filhos, certa ocasião, em uma festividade religiosa, Ebada, a esposa de Yahia e mãe de Ja'far e Fazal, foi vista dirigindo-se furiosa para o Imam da mesquita de Kufa, para pedir ajuda. No entanto, o destino dos Bermicidas acabou também com o prazer e felicidade de Harun. De acordo com os historiadores, depois da morte de Ja'far, não mais se viu qualquer sinal de alegria no rosto de Harun.

## **A Morte**

Um pouco depois do trágico fim dos Bermicidas, Harun veio a falecer. No ano de 193 H, ele sentiu-se indisposto durante uma luta no Corassã. Desde então, sua saúde foi-se deteriorando dia a dia e não houve um tratamento que fosse eficaz. Quando ele sentiu que sua morte estava se aproximando, ordenou que se cavasse uma sepultura para ele onde o Alcorão era recitado. Por fim, no mês de Jamadius-sani, ele expirou em Tusin, com a idade de quarenta e sete anos. O seu califado foi de vinte três anos e ficou marcado como o período de ouro da dinastia abássida.

## **Personalidade e Conduta**

Na verdade, Harun al-Rashid foi um governante de personalidade incoerente. Por um lado, sua vida foi cheia de pompa, brilho e magnificência e teve uma vida animada, de

muito luxo e conforto. No entanto, por outro lado, ele era um indivíduo piedoso e muito religioso, que sempre tentava ratificar os princípios e normas da *Shariah*. Ele tinha grande carinho pelo saber e apreciava os eruditos. Contudo, sua vida alegre e cheia de brilho encobriu sua forma religiosa de viver. Segundo Khatib e At-Tabari, ele tinha um grande cuidado na observância da lei e na abstenção de atos ilícitos, conforme prescrito nos cânones islâmicos. Ele costumava fazer todos os dias cem *rak'ats* de *Nawafil* (oração voluntária) e distribuía mil *dirhams* a título de esmola. Ele também fez o *Hajj* várias vezes e levava com ele cem *Ulema* e *Fuqaha* (eruditos e juristas). No ano em que não conseguiu fazer o *Hajj*, mandou trezentas pessoas em seu lugar, com todas as despesas pagas por ele. Durante o *Hajj*, ele se transformava completamente para ser um quadro vivo da humildade e sinceridade, e chorava dolorosamente.

Ele tinha um grande apreço pelo *Jihad* pela causa de Allah e por isso alternava o *Hajj* e o *Jihad*. Ele nutria grande amor e respeito pelo Profeta (s.a.w.) e, se alguém mencionasse o nome dele na sua frente, imediatamente respondia dizendo: “Que a paz e as bênçãos de Allah estejam com o nosso senhor.”

Um dia, quando Abu Muawiya narrava um *hadith* (Tradição) do Profeta (s.a.w.), um indivíduo que se encontrava presente, apresentou uma objeção no tocante àquela Tradição. O califa ficou furioso a ponto de querer decapitar o homem, porém, Abu Muawiya o salvou da morte certa.

Harun também tinha em alta consideração os eruditos e os virtuosos. Se recebesse uma crítica ou reprovação proveniente de um homem piedoso, sem hesitar ele admitia sua falta ou má ação e suplicava o perdão de Allah.

Certa vez, Harun solicitou a Ibn-e-Samak, que era um homem virtuoso, que lhe desse um conselho. Ibn-e-Samak

disse: “Tema a Deus, porque amanhã você estará diante d’Ele e lá você deverá escolher um domicílio, ou no Paraíso ou no Inferno.” Ao ouvir isto, Harun começou a chorar copiosamente. Fazal bin Rabie, que tinha ouvido o conselho do homem, disse: “Ó, Chefe dos Crentes, você sempre cumpre com seu dever para com Allah e é um homem justo, portanto, certamente que você conseguirá um lugar no paraíso.”

Então, Ibn-e-Samak voltou-se para Harun e disse: “Ó Chefe dos Crentes, nesse dia Fazal não estará com você, por isso preocupe-se com seus atos e tema sempre a Allah.” Harun começou a chorar de novo.

Há um outro relato que conta que, certa ocasião, Fazil bin Ayaz dirigiu-se ao califa e disse: “Ó misericordioso! Você é responsável por esta *Ummah* e será chamado a prestar contas de seus atos.” Harun não levou a mal essa advertência, pelo contrário, começou a chorar. Fazil bin Ayaz amava Harun por causa de suas boas qualidades. Uma vez, ele disse: “As pessoas talvez não conheçam este homem (Harun) mas ele é muito caro para mim.”

Harun nomeou Abu Yusuf para o cargo de *Qaziul Quzzat*, ou o Chefe de Justiça, por causa de seu forte caráter e honradez e, por isso, ele ficou encarregado da administração da justiça em todo o estado. Dentre suas atribuições, estava a de indicar *qazis* para as diversas localidades do califado. Sob a administração e supervisão de *Qazi* Abu Yusuf, a justiça foi observada plenamente em todos os cantos do país. A sua independência era tanta que podia até baixar decretos contra o próprio califa. Por ocasião de sua morte, *Qazi* Abu Yusuf disse: “Ó Allah, Vós sabeis que jamais baixei um decreto ou ordem que fosse contra o Alcorão e à *Sunnah*. Jamais me deixei subornar por ninguém e nunca fui injusto com quem quer que seja.”

Seguindo orientação de Harun al-Rashid, *Qazi* Abu Yusuf produziu um livro que tomou o título de *Kitabul Kheraj*.

Embora o livro se referisse basicamente à legislação da taxação da *jizya*, dos tributos e responsabilidades, no entanto os princípios do modo de vida islâmico e o uso do poder foram tratados com bastante critério. Os direitos e deveres das pessoas para com o estado e vice-versa, de acordo com a Shariah islâmica, foram debatidos à exaustão. Quando o livro ficou pronto, Harun começou a governar e a administrar o estado de acordo com ele. O livro ainda é considerado uma autêntica obra da legislação islâmica.

O trabalho de tradução de livros de outras línguas para árabe começou durante o período de Mansur mas, foi durante o período de Harun que desenvolveu-se e floresceu bastante. Com o objetivo de ter um centro voltado para os livros, ele criou uma instituição chamada *Baitul Hikmat*, ou Casa da Sabedoria. Vários intelectuais foram nomeados tradutores desta instituição e pelo trabalho recebiam generosas remunerações.

Em resumo, conforme as palavras de Ibn-e-Talq-Taqi, o reinado de Harun foi um dos melhores na história, seu governo foi cercado de grande dignidade e foi cheio de virtudes e esplendor. Os limites de seu estado foram ampliados e o califado recebia tributos de uma grande parte do mundo. O governante do Egito era seu vice-rei. Grandes homens de saber, literatos, poetas, juriconsultos, *Qazis*, escritores, músicos, etc., estavam entre os freqüentadores habituais da corte. Jamais se viu reuniões desse tipo antes de Harun. Ele ajudava a todos a alcançarem elevadas posições sociais e os remunerava generosamente. O próprio califa tinha um gosto sofisticado pela literatura e poesia e era um indivíduo instruído e versado em várias artes. Tanto os cortesãos como as pessoas comuns se sentiam igualmente tomados pelo espanto.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Al Fakhri, pág. 177.



Durante o califado de Harun, a dinastia abássida alcançou o seu apogeu em cultura, civilização, saber e política.

## CAPÍTULO VII

### MUHAMMAD AL-AMIN BIN HARUN

(193 a 198 H – 809 a 813 d.C.)

Depois da morte de Harun al-Rashid, seu filho, Muhammad al-Amin, o sucedeu como califa e Bagdá, Arábia, Pérsia ocidental e África estavam incluídos em seu califado. O segundo filho de Harun, Ma'mun começou a governar a Pérsia oriental, o Sind e os países do oriente como um governante independente, com sua capital em Merve, uma cidade do Corassã. A ligação de Ma'mun com o califado central era apenas nominal.

A mãe de Amin, Zubaidah, foi uma senhora muito famosa na história islâmica. Ela era hashemita e, portanto, Amin era um hashemita tanto pelo lado da mãe como do pai. Um pouco depois da morte de Harun, os nobres e funcionários que estavam presentes em Tus prestaram o juramento de fidelidade a Amin e no décimo oitavo dia aconteceu a cerimônia pública em Bagdá. Amin ascendeu ao trono no mês de Jamadiul Awwal, do ano de 193 H.

Nos primeiros dias do governo de Amin, um rebelde de nome Raf-e-bin Lais, que já tinha criado problemas demais durante o califado de Harun, também começou a representar motivo de preocupação para Amin. Ele, contando com a ajuda dos não-muçulmanos de Balkh, Tacaristão, Soghdiana e Transacania, provocou uma série de confusões. No entanto, o general Harsma bin Aa'yan, que tinha sido indicado por Harun para enfrentar o rebelde, desta vez, sob as ordens de Amin, impôs uma derrota esmagadora a Raf-e-bin Lais.

## Diferenças entre Amin e Ma'mun

Ao dividir o califado entre seus dois filhos, Amin e Ma'mun, na verdade Harun al-Rashid cometeu um grave erro. Depois de sua morte, Ma'mun tornou-se um governante praticamente independente das regiões que tinham sido concedidas a ele por Harun. Corassã e Sind ficaram sob sua autoridade e não tinham qualquer relação com o califado central de Bagdá, exceto uma relação nominal de *Khutba* (sermão).

Harun tinha confiado a Ma'mun todos os tesouros e equipamentos que ele tinha recebido durante sua campanha no Corassã. Amin, por seu turno, enquanto o pai viveu, não ousou questionar a decisão dele mas, a partir de então, o despeito e a má vontade contra o irmão encontraram terreno fértil em seu espírito. Assim, quando Harun estava em seu leito de morte, Amin despachou para o Corassã Fazal bin Rabie e outros, com a missão de trazerem para ele a fortuna que Harun tinha concedido a Ma'mun. Naquela ocasião, Ma'mun estava fora e Fazal e seus companheiros, aproveitando-se de sua ausência, pegaram de volta os tesouros pedidos por Amin. E, dessa forma, o despeito transformou-se em aberta inimizade.

Fazal bin Rabie, ainda que não fosse um amigo incondicional de Amin, sabia que ele não estava qualificado para governar o país e por isso achou que seria melhor ficar à sombra do califa. Além disso, ele também sabia que Ma'mun era possuidor das qualidades que faltavam no irmão e era muito esperto e por isso não gostava dele. Como se não bastasse, Fazal tinha desempenhado um papel fundamental na destruição da família Barmak e sabia que Ma'mun, que era um partidário dos Barmakis, tinha pleno conhecimento do seu envolvimento no caso. Portanto, ele achou que se Ma'mun chegasse ao poder, haveria de querer vingar-se da queda dos Barmakis. Por causa de todos esses sentimentos, ele, abertamente, acabou tomando o partido de Amin.

Por outro lado, havia no Corassã um indivíduo de nome Zur-Reyasatain, que confortou Ma'mun e se tornou seu simpatizante. Ele prometeu a Ma'mun torná-lo, um dia, o califa. Reyasatain era um homem competente e muito sensato e agiu de tal forma que, não levou muito tempo e todo o Corassã tomou o partido de Ma'mun.

Enquanto isso, seguindo o conselho de Fazal bin Rabie, Amin cometeu um grave erro. Ele quis alterar a vontade de Harun e tornar seu próprio filho, Musa, como seu sucessor em lugar de Ma'mun. Aqueles que se opunham a Ma'mun também apoiaram a idéia mas, na verdade, significava um claro abuso de confiança por parte de Amin e foi a causa principal da inimizade entre os dois irmãos, abrindo o caminho para o derramamento de sangue que se seguiu e que durou anos.

Quando na *Khutbah* Amin excluiu o irmão da lista de sucessão e incluiu o nome de seu filho, Musa, em resposta Ma'mun rompeu relações diplomáticas com Bagdá. Decorridos alguns dias, Amin pediu que Ma'mun comparecesse a Bagdá e que aceitasse a sucessão de Musa, mas ele se recusou terminantemente. Então, Amin, usando o pretexto de defender o califado, pediu que certas áreas do Corassã ficassem submetidas ao califado central, em Bagdá. Desnecessário dizer que também esta proposta foi rejeitada por Ma'mun.

No ano de 195 H, Amin enviou um exército de cinquenta mil soldados, sob o comando de 'Ali bin Eisa, para conquistar o Corassã. Zubaidah, a mãe de Amin, que estava presente por ocasião da partida do exército, orientou bin Eisa para que quando Ma'mun fosse preso, não sofresse ferimentos ou injúrias e que fosse levado a Bagdá amarrado com algemas de prata.

Ma'mun estava muito bem informado do que estava acontecendo em Bagdá e, por isso, ele se preparou para

defender seu estado. Ele organizou um exército e deu o comando a Tahir bin Husain Khorasani, para enfrentar o exército de Bagdá. Havia uma enorme diferença numérica entre os dois contingentes. O exército de Bagdá era composto de cinqüenta mil homens, enquanto o de Ma'mun era de apenas quatro mil homens. Os dois exércitos se enfrentaram a poucos quilômetros de Rayy. 'Ali bin Eisa foi vítima de uma flecha lançada pelo inimigo, morrendo instantaneamente. Sua morte provocou uma grande confusão entre os seus soldados, que fugiram em desabalada carreira.

Depois disto, Amin enviou um outro exército de vinte mil soldados, sob o comando de Abdur Rahman bin Jabia Anbari, que também foi derrotado por Tahir. Após Abdur Rahman, seguiu-se a derrota de Kasir, um outro general de Amin, em Qazvin. Como conseqüência, Hamadan e toda a região do Iraq-e-Ajam se submeteram ao controle de Ma'mun.

Então, no ano de 196 H, Amin enviou um terceiro exército composto de vinte mil homens, sob o comando de três generais, e também este não trouxe qualquer resultado positivo. Logo surgiu a divergência em suas fileiras e todos retornaram sem uma única luta. Tahir teve a oportunidade de capturar Halwan também. Portanto, Tahir capturou uma após a outra Ahwaz, Yamama, Bahrein e Amã. Após alguns dias, Wasta também foi capturada por ele. Os partidários de Amin, ao verem as vitórias consecutivas de Tahir bin Husain, ficaram completamente desapontados e as populações de Basra, Kufa e Mosul, em flagrante desrespeito ao juramento de fidelidade prestado a Amin, apresentaram um novo compromisso em favor de Ma'mun. Amin ficou muito apreensivo e mandou um exército para, pelo menos, retomar Kufa, mas também esta força foi derrotada. Madayen, a porta de entrada de Bagdá, também foi capturada por Tahir.

A decisão final em relação ao califado passou a depender, em grande parte, das populações das duas

idades sagradas, Meca e Medina, as quais ainda se encontravam sob o controle de Amin. Porém, aquelas duas localidades também estavam insatisfeitas com Amin porque ele tinha cometido um abuso de confiança no tocante à sucessão de Ma'mun e tinha rasgado o Testamento de Harun que tinha sido pendurado na Parede da Caaba pelo próprio Harun. Naquela época, o governador de Meca era Daud bin Eisa, que, certo dia, diante de uma reunião com a nobreza de Meca, contou o abuso de confiança de Amin e sugeriu que eles deveriam romper o compromisso assumido com Amin e prestar um novo juramento de fidelidade em favor de Ma'mun. Os nobres de Meca concordaram de imediato com esta sugestão. O filho de Daud, Sulaiman, que era o governador de Medina, recebeu uma carta do pai relatando o ocorrido e orientando-o a seguir o exemplo dos nobres de Meca, o que também foi feito imediatamente. Assim, as duas cidades sagradas recusaram a autoridade de Amin e aceitaram Ma'mun como califa.

Bagdá, a capital do califado, tinha se tornado um centro de confusão e caos. No ano de 197 H, Tahir e Harsma bin Aa'yan cercaram a cidade e agora, Amin tornara-se vítima de uma série de fatalidades. Não havia dinheiro no tesouro e por este motivo não havia suporte para ele nem no exército ou entre os nobres e a elite. Alguns nobres abertamente se passaram para o lado de Ma'mun. Não foi deixado um regimento militar sequer para lutar por Amin, salvo alguns civis e alguns desordeiros de rua. É claro que eles não representavam perigo para o exército regular. Muitos nobres e oficiais do exército tinham deixado a cidade e foram seguidos pelos cidadãos comuns. Bagdá foi assaltada por uma terrível fome.

Por fim, *Madinatul Mansur*, o local onde Amin vivia, também foi cercado e sua vida ficou por um fio. Seus dois mais fiéis e sinceros companheiros, Muhammad bin Hatim e Muhammad bin Ibrahim, o aconselharam a deixar o palácio, durante a noite, sem ser percebido. Mas Amin, que estava atônito e perplexo, não conseguiu prestar atenção à

sugestão dos companheiros. Ele solicitou asilo a Harsma que aceitou e que, na realidade, providenciou para que Amin saísse da cidade em segredo. A cena em que Amin se despediu de parentes e familiares foi muito comovente. Ele teve que partir mas não conseguiu continuar a viagem. Assim que embarcou, alguns homens de Tahir, que estavam escondidos perto do barco, apareceram de repente e o mataram implacavelmente. Então, no mês de Muharram, do ano de 198 H, o exército de Ma'mun ocupou Bagdá e, na *Khutba* da sexta-feira seguinte, seu nome foi declarado califa.

### **Personalidade de Amin**

Embora Amin fosse generoso, bravo e instruído, não possuía habilidades políticas e de estadista. Fisicamente, ele era um homem poderoso mas não tinha qualquer capacidade mental e também não era muito sagaz. Após ascender ao trono, Amin passava seu tempo às voltas com jogos e prazeres mundanos e comprou centenas de eunucos, pelos quais pagou uma grande quantia em dinheiro. Ele também construiu um jardim zoológico, onde podiam ser encontradas todas as espécies de animais e pássaros. Indivíduos idiotas e imprestáveis conseguiram ocupar elevadas posições e tinham lugar cativo na corte, o que não acontecia com seus próprios irmãos e familiares, que eram insultados e ridicularizados. Ele costumava passar os dias entre palhaços e bufões e as noites com belas mulheres e vinho. Os prazeres materiais eram o objetivo de sua vida e foram a causa principal de sua queda. Abu Nawas foi seu poeta na corte.

Fazal bin Rabie, que tinha sido indicado seu ministro, teve uma participação relevante em sua ruína pessoal. Foi ele quem criou o ódio e a inimizade entre os dois irmãos, Amin e Ma'mun. Contudo, graças à recomendação e influência de Tahir bin Husain, Ma'mun o perdoou. Ele morreu no ano de 208 H.

## CAPÍTULO VIII

### ABDULLAH MA'MUN AL-RASHID BIN HARUN AL-RASHID

(198 a 218 H – 813 a 833 d.C.)

Depois do assassinio de Amin, o compromisso de fidelidade a Abdullah Ma'mun al-Rashid foi prestado em Bagdá, no mês de Muharram, do ano de 198 H (813 d.C.), e, assim, Ma'mun tornou-se o sexto califa da dinastia abássida. Depois do governo de Harun, foi o califado de Ma'mun que manteve a pompa, o esplendor e a magnificência dos abássidas.

Depois de ter assumido o poder, Ma'mun ainda permaneceu em Merve por cerca de seis anos e, durante esse período, Bagdá se viu às voltas com o caos e as desordens de rua. Certa ocasião, o exército se revoltou contra Tahir bin Husain e a causa desta revolta foi o não cumprimento por Tahir das promessas que ele havia feito ao exército durante a guerra contra Amin. Quando Ma'mun se tornou califa, o exército exigiu que Tahir pagasse o dinheiro prometido. No entanto, como Tahir não estivesse em condição de atender à demanda, o exército se rebelou e ele não teve outra saída senão fugir de Bagdá. Contudo, Tahir teve sorte pois os chefes do exército insurreto e os nobres de Bagdá se renderam e a situação, mais uma vez, ficou sob controle.

Amin era um hashemita por parte de pai e de mãe, porém Ma'mun era de origem persa pelo lado materno e, por isso, Amin fez surgir a questão de árabes e *ajam* (não-árabes) também. Um certo Shabas Aqili, um líder árabe, rebelou-se contra Ma'mun e a favor de Amin. Ele conseguiu reunir um considerável exército de árabes nas cercanias de Alepo e, cruzando o rio Eufrates, capturou algumas regiões a leste. Sua rebelião continuou por onze anos e, por fim,



Abdullah, o filho de Tahir, o derrotou no ano de 209 H. Shabas tinha construído uma fortaleza inexpugnável em Kaisum, que foi demolida por Abdullah.

No ano de 199 H, um descendente de *ahl-e-bait* (família do Profeta), Muhammad bin Ibrahim, mais conhecido como Ibn-e-Tabataba Alai, rebelou-se contra Ma'mun no Iraque e reivindicou o califado. Ele ficou tão poderoso que grande parte do califado abássida perdeu a soberania sobre ele.

Kufa era um importante centro dos xiitas e, por isso, a convocação de Ibn-e-Tabataba rapidamente alcançou grande popularidade entre a população. Milhares de pessoas aderiram ao movimento contra o califado abássida, e, sob o comando de Abu Saraya, um partidário de Ibn-e-Tabataba, o exército ocupou a cidade de Kufa. Sulaiman bin Mansur, governador de Kufa, enviou Zuhair bin Musaille para enfrentar as forças de Ibn-e-Tabataba, mas não foi bem sucedido. Abu Saraya quis se apossar de todos os bens e riquezas do exército abássida como espólio de guerra, mas foi proibido por Ibn-e-Tabataba. Abu Saraya que, na verdade, não passava de um bandido e tinha se juntado ao movimento com seu bando, apenas com a intenção de conseguir fortuna, não gostou da proibição. Então, decidiu tirar a vida de Ibn-e-Tabataba, envenenando-o, e conseguiu indicar Muhammad bin Zaid bin 'Ali bin Husain como seu sucessor. Embora Muhammad bin Muhammad pertencesse também a *ahl-e-bait*, no entanto era apenas um jovem sem qualquer experiência. Abu Saraya só queria alcançar o poder para si por intermédio de Muhammad. Por algum tempo, Abu Saraya provocou um grande estrago em Kufa e em várias outras localidades porém, mais tarde, também ele foi assassinado e seu bando foi aniquilado

### **A Sucessão de 'Ali bin Musa**

Um pouco depois do término dessa insurreição e de a situação estar sob controle, surgiu uma nova causa de

distúrbios. Desta vez, foi o próprio Ma'mun o causador da insatisfação gerada no seio de sua família. Em resumo, conta-se que Ma'mun era um grande apaixonado pela família do Profeta e dos descendentes de 'Ali, o quarto Califa. O respeito e amor que Ma'mun devotava a 'Ali bin Musa Raza, um descendente de 'Ali e o oitavo Imam da *Isna-e-Asharis*, era tanto que ele decidiu declará-lo como seu sucessor. Ele também ordenou que a cor oficial dos abássidas nos uniformes dos soldados, que era negra, deveria ser substituída pela cor verde, usada pelos fatimidas, e que fosse prestado o juramento de fidelidade em favor de Musa Raza.

Esta decisão causou um grande mal-estar entre os abássidas, de um modo geral. Eles ficaram claramente desapontados e quiseram se dissociar de Ma'mun e prestar o juramento de fidelidade a qualquer outro membro da família abássida. Em particular, Mansur e Ibrahim, filhos de Mahdi Abbasi, posicionaram-se contrariamente a Ma'mun.

A situação agravou-se mais ainda e Ibrahim declarou-se califa em lugar de Ma'mun. Com esta atitude, ele deu início a uma prolongada guerra entre os seus adeptos e os de Ma'mun. Os partidários de Ibrahim se denominaram "*sunis*", sunitas, aqueles que seguem a *Sunnah*, e Ma'mun e seus seguidores foram chamados de "*Rafzi*", heréticos ou causadores de cisma.

Ma'mun gostava tanto de Imam 'Ali Raza que deu uma de suas filhas, Umm-e-Habib, em casamento a ele. Um outra filha sua, Umm-e-Fazal, também foi casada com Muhammad bin Ali Raza. Na verdade, ele só não se tornou califa porque veio a falecer de repente, enquanto Ma'mun ainda estava vivo. Mais tarde, Ma'mun foi obrigado a mudar, mais uma vez, a cor oficial dos abássidas, do verde para o negro. Com a morte de 'Ali bin Musa Raza, a questão de sua sucessão deixou de existir.

Durante todos esses acontecimentos, Ma'mun encontrava-se no Corassã e Bagdá ficou sob controle de Ibrahim. Logo após a morte de Imam 'Ali bin Musa Raza, Ibrahim perdeu vários de seus partidários, que preferiram retornar às fileiras de Ma'mun. Assim, quando ele retornou a Bagdá, Ibrahim não teve outra saída a não ser fugir da cidade. Ao assumir o controle total de Bagdá, Ma'mun ordenou que Ibrahim fosse encontrado e detido, porém ele não foi encontrado em lugar algum e seu califado, que teve a duração de apenas um ano e onze meses, foi abolido para sempre.

Fazal bin Rabie foi o principal responsável pelo surgimento das divergências e inimizade entre Ma'mun e Amin. Quando Ma'mun chegou ao poder, Fazal se escondeu e, mais tarde, o califa foi informado de que ele tinha morrido e por isso, todos os seus bens foram confiscados. Porém, certo dia, Fazal reapareceu de repente e quando Ma'mun soube desse reaparecimento riu muito e disse: "Quando Fazal voltar do outro mundo isto quer dizer que meu pai, Harun, também retornará." E dizendo isto, perdoou Fazal e devolveu todos os bens que haviam sido confiscados.

No ano de 206 H, Ma'mun nomeou seu famoso general e partidário, Tahir bin Husain, como governador das províncias do oriente, que se estendiam desde o Corassã até o Sind. No entanto, existe uma história por trás dessa nomeação. Certa tarde, no ano de 206 H, Ma'mun estava se deliciando com o *Nabiz*<sup>1</sup>, quando Tahir veio encontrar-se com ele. Ao vê-lo, os olhos do Califa ficaram cheios de lágrimas e Tahir quis saber a razão daquelas lágrimas, mas Ma'mun evitou dizer qualquer coisa. Tahir ficou bastante curioso e intrigado e, pagando uma generosa quantia em dinheiro ao camareiro do califa, conseguiu saber aquilo que Ma'mun tinha evitado contar. Em resposta à indagação do camareiro, o califa informou que a presença de Tahir

---

<sup>1</sup> Um tipo de bebida sem álcool inventada pelos árabes, em substituição ao vinho que é proibido no Islam.

lembrava a ele a condição de Amin, desamparado e arruinado. Ele também disse que tinha medo do temperamento apaixonado de Tahir, que poderia levá-lo a cometer algum ato violento contra ele. Tahir ficou bastante inquieto e foi ao encontro do primeiro-ministro, Ahmed bin Abu Khalid, e pediu a ele que recomendasse ao califa transferi-lo para qualquer lugar bem longe dali. No dia seguinte, Ahmed reuniu-se com o califa e sugeriu que Tahir fosse nomeado governador das províncias orientais. No início, Ma'mun ficou desconfiado de que Tahir pudesse tornar-se um insurgente naquela região mas, quando o primeiro-ministro disse que se responsabilizava por Tahir e que se ele se tornasse um rebelde, então que Ma'mun o nomeasse governador para as províncias do Corassã e do Sind, em substituição a Tahir.

O que era uma simples desconfiança do califa acabou transformando-se em realidade quando, alguns anos mais tarde, Tahir retirou o nome de Ma'mun da *Khutba*. Com isso, ele dava início à dinastia *tahirida*, estabelecida no Corassã. Este foi o primeiro governo semi-independente no Corassã, durante o califado abássida. A dinastia *tahirida* governou o Corassã de 206 a 259 H, quando foi abolida por Yaquub Safari. Quando Ma'mun soube da insurreição de Tahir ordenou que Abu Khalid partisse para a região e o prendesse. Contudo, antes que Abu Khalid pudesse tomar qualquer providência efetiva contra ele, chegou a notícia da morte de Tahir e Abu Khalid se livrou do compromisso que tinha assumido com Ma'mun.

Durante o período de Ma'mun aconteceram diversas insurreições e revoltas internas, as quais serão comentadas resumidamente a seguir:

### **O Movimento de Abdur Rahman bin Ahmad Alai**

Conforme já lemos anteriormente, Ma'mun, divergindo da política adotada por aqueles que o tinham precedido, não odiava os alauítas, pelo contrário, os respeitava e amava. No

entanto, apesar disto, os alauítas continuavam insatisfeitos e não estavam dispostos a mudar sua conduta e, da mesma forma que antes, continuaram se opondo a Ma'mun. No ano de 207 H, um certo alauíta de nome Abdur Rahman bin Ahmad bin Abdullah, levantou-se contra Ma'mun, em Yaman, e começou a convocar as pessoas para se posicionarem contra o regime. A população de Yaman que, de um modo geral, não gostava dos governantes e funcionários abássidas, responderam favoravelmente ao chamado de Abdur Rahman e aderiram ao seu movimento. Ao ser informado desses acontecimentos, Ma'mun enviou um exército sob o comando de *Dinar* bin Abdullah para enfrentar os rebeldes. Contudo, ao mesmo tempo, ele também mandou um alvará de anistia, que deveria ser entregue a ele no caso de sua rendição, seguido de um pedido de desculpas. Ao se aproximar de Abdur Rahman, *Dinar* primeiro ofereceu a carta de anistia do califa com suas condições, que foram aceitas prontamente e *Dinar* voltou para Ma'mun. Embora Ma'mun não o tivesse tratado mal, no entanto, a partir de então, os alauítas ficaram impedidos de freqüentar a corte do califa. Foi nesta oportunidade que a cor verde dos alauítas tornou a ser substituída pela cor negra dos abássidas.

### **Abdullah bin Sirri**

Durante os distúrbios em Bagdá, alguns funcionários e oficiais aderiram ao caos e criaram uma série de problemas. Abdullah bin Sirri bin Muhammad foi um desses desordeiros. Sirri era o governador do Egito e, depois de sua morte, seu filho, Abdullah bin Sirri, foi nomeado para o posto do pai, mas, não demorou muito e rebelou-se contra o califa. Uma tribo da Andaluzia, que tinha sido expulsada por Hakam bin Hisham, juntou-se ao movimento também. Dessa forma, o Egito e Alexandria passaram a apresentar perigo. Ma'mun nomeou Abdullah bin Tahir o novo governador do Egito, que obrigou Abdullah bin Sirri a se render. E, em 210 H, ele também obrigou a tribo andaluza a abandonar Alexandria.

Eles foram autorizados a partir e se estabeleceram na ilha de Creta, onde governaram por um longo tempo.

### **Revolta em Qum**

No mesmo ano, a população de Qum também se levantou contra o califado. Ma'mun tinha reduzido os impostos em Rayy e Qum também quis ter direito à mesma regalia, mas Ma'mun não autorizou. Insatisfeitos com a recusa do califa, a população de Qum parou de recolher os impostos. Ma'mun enviou 'Ali bin Hisham para subjugar aquelas pessoas que não só foram submetidas como também pagaram os impostos muito mais do que realmente estavam acostumados a pagar.

### **Zariq bin Ali**

Ainda nesse mesmo período, no ano de 211 H, Zariq bin Ali, um árabe de Mosul, revoltou-se contra o califado e ocupou várias regiões do Curdistão e do Azerbaijão. Syed bin Anas, governador de Mosul, marchou para enfrentar os rebeldes mas, no confronto, Zariq, com seus onze mil soldados reagiu e derrotou o exército de Ibn-e-Anas, que morreu durante os combates.

Ma'mun ficou chocado ao ser informado desses acontecimentos e, em 212 H, enviou, mais uma vez, um exército, desta vez sob o comando de Muhammad bin Hamid, que impôs uma derrota esmagadora a Zariq. O rebelde foi preso e enviado a Ma'mun e o Azerbaijão foi recapturado por Muhammad bin Hamid.

### **Babak Khurrami**

No ano de 210 H, um persa, de nome Assassin Babak *Khurrami*, deu início a um novo movimento que, mais tarde, ficou conhecido como *Khurrami*. Na verdade, era uma forma nova de um antigo credo persa, Muzdaki, que tinha desaparecido muito tempo antes do advento do Islam. No

entanto, *Javedan*, um *magiano*, tinha tentado, mais uma vez, revivê-lo. Os seguidores desse culto acreditavam na transmigração da alma. De acordo com a doutrina deles, um homem morria e voltava de novo, o que significava dizer que era “imortal” e, por isso, ele passou a se chamar de *Javedan*, ou seja, “aquele que permanece vivo para sempre”. Quando o Islam chegou e predominou por toda a Pérsia, este culto, da mesma forma que vários outros cultos locais, desapareceu.

Durante o governo de Ma'mun, Babak *Khurrami* tentou, mais uma vez, reviver aquele credo. Desta vez, no entanto, tratou-se mais de um movimento político do que propriamente uma religião ou credo. Babak *Khurrami* tinha por objetivo destruir o Islam através desta nova edição da antiga religião. Ele afirmava que, por intermédio da transmigração da alma, *Javedan* tinha entrado em seu corpo e, nesse processo, ele passara a ser o sucessor de *Javedan* na terra. Para tornar sua assim chamada religião mais atraente para as pessoas, ele decretou plena liberdade para as paixões sexuais. De acordo com ele, não havia limites para o sexo e, por isto, adotou para si e para sua religião o título de *Khurrami*, isto é, usufruir prazer e alegria. A liberdade sexual apregoada por ele realmente atraiu milhares de pessoas para as suas fileiras.

Conforme comentado, tratou-se, na verdade, de um movimento político e não de uma religião, que tinha por objetivo derrotar o Islam e os muçulmanos na Pérsia. Assim, quando este credo começou sua movimentação e se fortaleceu pela adesão das pessoas, seus seguidores começaram a atacar as localidades muçulmanas e a matar os muçulmanos sem dó nem piedade. Ma'mun enviou vários exércitos na tentativa de dominar este grupo rebelde, porém sem sucesso, porque Babak *Khurrami* e seu grupo tinham conseguido abrigo nas regiões montanhosas, que eram inacessíveis para os exércitos muçulmanos. No ano de 212 H, Muhammad bin Hamid foi destacado para aquela área com o objetivo de derrotar e subjugar os *khurramis*, mas

também ele foi derrotado e Muhammad bin Hamid foi morto no confronto. Como resultado, durante todo o seu califado Ma'mun não conseguiu dominar os *khurramis*.

## **Conquistas**

Ainda que em quase todo o seu período de governo Ma'mun se visse às voltas com grandes e pequenos levantes e rebeliões e estivesse mais ocupado em controlar a situação interna, no que se refere às conquistas ele obteve alguns resultados expressivos.

Na época em que, por um lado, Bagdá estava envolta no caos por causa de graves levantes e o exército de Ma'mun tivesse cercado a cidade, por outro seus exércitos encontravam-se em campanha em Cabul, o que resultaram na rendição do rei de Cabul e na sua aceitação do Islam.

Nesse mesmo período, as campanhas no Turquestão tiveram como consequência a submissão de vários governantes e líderes do Turquestão, Tabaristão e da Transoxiana.

O próprio Ma'mun liderou campanhas na Ásia Menor e conquistou todas as terras que encontrava em seu caminho.

No ano de 217 H, quando Ma'mun foi informado do massacre, pelos romanos, de vários muçulmanos que habitavam seus territórios, ele, mais uma vez, atacou aquelas áreas e, em decorrência dessa movimentação, conquistou cerca de trinta fortes romanos.

Algumas partes de Creta foram conquistadas durante o califado omíada de Walid e outras durante o período de Harun, mas uma grande porção da ilha ainda permanecia fora do controle do califado. Foi no período de Ma'mun que toda a ilha foi conquistada.



A conquista da Sicília foi iniciada durante o califado omíada, com alguns ataques e invasões a algumas regiões do território. No entanto, a conquista definitiva só foi ocorrer durante o governo de Ma'mun e é considerada como um marco de seu califado. Embora não esteja ligada diretamente ao regime abássida porque foi conquistada pelos aglábidas do norte da África, por se tratar de um estado dependente sob o califado abássida, a conquista deve ser creditada aos abássidas e, mais especificamente, a Ma'mun.

## **Ministros**

O primeiro ministro a ser nomeado por Ma'mun foi Fazal bin Sahl. Seu pai, Sahl, era oriundo da família real persa e ele se converteu ao Islam durante o califado de Harun. No entanto, segundo alguns historiadores, foi Fazal quem aceitou o Islam e não seu pai. Fazal era um grande especialista em Astronomia e, por diversas vezes, resolveu as questões de estado segundo seus conhecimentos de Astronomia. Fazal era famoso por sua oratória, por seu tino político e pela desenvoltura com que lidava com o cerimonial da corte. Ele era um homem de boa índole e generoso. Quando surgiram as divergências entre Ma'mun e Amin, ele tomou partido do primeiro e o apoiou inteiramente. Por isso, depois de tornar-se califa, Ma'mun o nomeou como seu primeiro-ministro. Ele administrou o estado com grande habilidade porém, mais tarde, enveredou pelo caminho do despotismo e do absolutismo, que acabaram ocasionando seu assassinio.

O segundo ministro de Ma'mun foi Hasan bin Sahl, o irmão mais novo de Fazal. Embora ele não se comparasse ao irmão em termos de conhecimentos, capacidade e qualidades, a sua característica principal era a extrema generosidade, quando, então, superava Fazal. Ma'mun o nomeou para o cargo principalmente como uma forma de compensá-lo pelo assassinio do irmão. Além disso, Ma'mun casou-se com Boran, que era a filha de Hasan. Segundo os

historiadores, a grandiosidade e pompa demonstradas neste casamento não encontram paralelo na história islâmica. Os gastos estimados com a cerimônia foram de cerca de quinhentos milhões de *dinares*. Apesar de todas essas compensações, Hasan não conseguiu superar o choque da morte do irmão e, depois de algum tempo, enlouqueceu e acabou morrendo no ano de 236 H.

O terceiro ministro de Ma'mun foi Ahmad bin Khalid que também era um indivíduo de muitas habilidades e qualidades. Ele foi nomeado primeiro-ministro enquanto Hasan ainda estava vivo, porém, morreu no ano de 216 H.

Depois de Ahmad bin Khalid, veio Ahmad bin Yusuf, que era um excelente poeta e literato, bastante familiarizado com as questões de estado e a etiqueta real. Ele foi nomeado primeiro-ministro por sugestão de Hasan bin Sahl mas também ele não viveu muito tempo.

O quinto ministro de Ma'mun foi Sabit bin Yahia. Ele era um excelente calígrafo e tinha um grande talento para a contabilidade. No entanto, como fosse uma pessoa muito sensível, que se irritava por nada e que, com raiva, perdia o controle de si, acabou perdendo o cargo.

O sexto ministro de Ma'mun foi Abu Abdullah Muhammad bin Yazdad. Ele era oriundo do Corassã e seus ancestrais eram *magianos*. Ele tinha um conhecimento do persa e era muito habilidoso com as contas. No início, foi nomeado para trabalhar com a contabilidade real e dali, por causa de seus conhecimentos, dedicação ao trabalho e bom desempenho em suas atividades, certo dia, ele tornou-se primeiro ministro de Ma'mun, onde permaneceu no posto até a morte do califa.

## **A Morte**

Quando voltava de uma campanha em território romano, no meio do caminho Ma'mun foi acometido de uma

febre renitente. Os médicos reais que o acompanhavam começaram o tratamento mas a febre mostrou ser o sintoma de uma doença mais grave. Seu filho, Abbas, e seu irmão, Mu'tasim, estavam com ele e assim, diante dos juristas e *qazis* que se encontravam ali presentes Ma'mun declarou seu irmão, Mu'tasim, como seu sucessor. Em seguida, sua saúde foi se deteriorando cada vez mais e ele exalou seu último suspiro proferindo as seguintes palavras: "Ó Vós, que nunca morrereis, que Vossa misericórdia esteja com aquele que está morrendo." Era o mês de Jamadi-us-Sani, do ano de 218 H. Ma'mun morreu com a idade de quarenta e oito anos apenas e seu califado teve a duração de vinte anos e cinco meses.

### **Virtudes e Erudição**

Ma'mun adquiriu instrução e saber sob os cuidados e a vigilância das maiores e mais famosas personalidades eruditas de sua época. Especialistas nos vários campos do saber e das ciências foram escolhidos para se dedicarem à sua educação. Por natureza, ele era muito inteligente e tinha grande apreço e respeito pelo conhecimento. Sua sede de saber e a urgência pela sua aquisição o tornaram um grande erudito. Na história do califado abássida, não há outro exemplo de um califa que possa se comparar a Ma'mun e ele é considerado como um dos maiores eruditos de sua época. Ele também era superior em sabedoria, inteligência e compreensão e era versado nas artes, na literatura e na poesia. Como governante, ele foi um político vigilante e atento e tinha uma grande preocupação com a administração do estado assim como com a justiça e a equidade. Ele não era arrogante ou vaidoso, pelo contrário tinha boa índole, era generoso e liberal com as pessoas. Conta-se que ele foi um "Galeno" na ciência médica, um "Ali" na jurisprudência (*fiqh*), um Hatim na generosidade e um Abu Zar na honradez e veracidade. Ele também foi um homem corajoso e valente e era um *Hafiz-e-Qur'an*, um memorizador do Alcorão, e possuía um grande conhecimento da teologia islâmica.

Ma'mun tinha uma grande preocupação com a igualdade na administração da justiça e da equidade. A cada domingo, ele mantinha reuniões que iam de manhã até a noite, para ouvir as queixas da população. Em sua Corte de Justiça, um príncipe ou um nobre eram iguais às pessoas comuns. Todos eram tratados igualmente, independentemente de sua posição social.

Certa ocasião, uma mulher idosa apresentou a ele uma queixa contra seu filho, Abbas, que tinha tomado sua propriedade sem uma justificativa legítima. Ma'mun colocou a queixosa e o príncipe Abbas frente a frente e começou a ouvir as explicações de cada um. O príncipe, diante do pai, falava baixo e com todo respeito, enquanto a mulher falava aos gritos. O primeiro-ministro, Ahmad bin Abu Khalid, pediu que ela falasse mais baixo diante do califa, porém Ma'mun disse: "Não a interrompa porque o seu direito a tornou atrevida e Abbas ficou calado." Depois de ouvir as explicações dos dois, Ma'mun declarou-se a favor da mulher idosa e contra o filho, por considerar a reivindicação dela correta e legítima.

Há um outro exemplo da justiça de Ma'mun. Certa vez, um homem apresentou na Corte de Justiça uma reivindicação contra o califa de vinte mil *dinares*. Ma'mun, em pessoa, apresentou-se ao *qazi* (juiz) da corte, onde seus servos quiseram fazer alguns preparativos especiais para receber Ma'mun. O *qazi*, porém, na presença do califa impediu que os servos modificassem qualquer coisa e disse que querelante e querelado eram iguais aos olhos da lei e que, por isso, não era justo que houvesse tratamento diferenciado que beneficiasse ou um ou outro. Ma'mun ficou muito impressionado e satisfeito ao ouvir a justa observação do *qazi* e mandou que aumentassem seu salário.

Ma'mun era dotado de grande humanismo, civilidade e hospitalidade e era muito cortês com seus companheiros e partidários. Yahia bin Aksam, que era o *Qazul Quzzat*, ou

Chefe da Justiça, de sua época, certa vez passou a noite com o califa como seu convidado. À meia-noite, o *qazi* sentiu sede e se levantou da cama para tomar água. O califa o viu e perguntou o que ele queria. “Estou com sede”, respondeu o *qazi*. Ao ouvir isto, o califa se levantou e trouxe um copo de água para o convidado. O *qazi* aplacou a sede e perguntou: “Por que você foi se incomodar, ó *Amirul Mu’minin*? Por que você não chamou um escravo ou escrava para fazer este serviço?” “Porque todos estão dormindo”, respondeu Ma’mun. “Então, eu poderia ter ido buscar a água para mim”, disse o *qazi*, ao que replicou o califa: “Não, de maneira alguma, você é meu convidado e não é justo que um convidado tenha problemas. Não custa nada fazer esse trabalho. O Profeta (s.a.w.) disse que o chefe de uma nação é o servo dessa nação”, disse o califa.

Há muitas outras histórias como essas, que são a prova de sua simplicidade e franqueza, assim como de sua natureza paciente e gentil. A seguir, alguns exemplos:

Husain bin Zahak era o poeta da corte de Amin. Quando Amin foi derrotado e morto, Zahak escreveu algumas elegias comoventes que expressavam toda sua emoção por Amin. Ao mesmo tempo, ele ainda tentou caluniar Ma’mun e fez algumas afirmações sem fundamento contra ele. Quando Ma’mun chegou ao poder, ele poderia ter-se vingado de Zahak porém não fez nada contra ele exceto não permitir sua presença na corte. Contudo, um dia, ele chamou Zahak e o questionou a respeito da veracidade das afirmações feitas contra ele. Em resposta, Zahak disse: “Ó, *Amirul mu’minin*, eu fiquei tão chocado com a deplorável condição de Amin que não consegui controlar minha cólera. Assim, não fiz diferença entre o certo e o errado em tudo o que escrevi. Apenas expressei meus sentimentos pelo califa morto com as palavras que me vieram à minha mente. Agora cabe a você decidir se me pune ou me perdoa.”. Ao ouvir essas palavras de Zahak, Ma’mun ficou profundamente comovido e fixou um salário para ele.

Da mesma forma, ele também perdoou Ibrahim bin Mahdi, que foi um de seus mais implacáveis inimigos e que, depois de se sublevar, tomou o trono em Bagdá. Uma vez dominado e feito prisioneiro, ele foi levado a Ma'mun, diante do qual desculpou-se e humildemente disse: “Agora estou à sua mercê, ó *Amirul Mu'minin*. Você tem todo o direito de mandar me matar ou de me perdoar.” E Ma'mun o perdoou.

Certa ocasião, Ma'mun tinha acampado às margens do rio Tigre e estava sentado sobre um tapete, quando um fazendeiro que passava por ali, olhando para Ma'mun, disse: “Ma'mun, o matador do irmão, não pode ser respeitável aos nossos olhos.” Ma'mun sorriu ao ouvir essa observação e vendo as pessoas que estavam ao redor, perguntou: “Alguns de vocês pode me sugerir uma forma de eu me tornar respeitável aos olhos de um homem tão digno?”

### **Generosidade e Liberalidade**

Ma'mun era generoso e liberal como seu pai. Para ele, o uso mais importante da riqueza era sua distribuição generosa com as pessoas que precisavam. Nenhum necessitado que batesse à sua porta voltava desapontado com ele. Os poetas, escritores e artistas chegavam até ele e voltavam com os bolsos cheios de dinheiro. Por ocasião de seu casamento com Boran, a filha de Hasan bin Sahl, havia entre os pobres aqueles que não podiam oferecer objetos de valor, apenas sal e perfumes, que eram apresentados em sacos. Quando os sacos eram entregues, ele aceitava os presentes e devolvia os sacos cheios de *ashrafis* (moeda de ouro).

Por causa de suas generosas gratificações, por diversas vezes, o tesouro real mostrou-se insuficiente para honrar as liberalidades do califa. Certa ocasião, quando encontrava-se em Damasco, ele estava com pouco dinheiro e nesse meio tempo, o tesouro recebeu um dinheiro proveniente do pagamento de tributos. Ma'mun olhou para aquela quantia e disse: “Não é razoável que eu pegue todo

esse dinheiro enquanto as pessoas não têm coisa alguma, é melhor distribuir essa soma de dinheiro entre aqueles que realmente necessitam.” E, assim, toda a quantia foi distribuída entre os necessitados.

Ma'mun tinha como norma de vida distribuir o máximo possível de dinheiro entre os necessitados. Ele costumava dizer: “O tempo nunca é semelhante, por isso é melhor satisfazer as necessidades das pessoas quando o tempo favorecer.”

### **Contribuição para o Saber e o Ensino**

Sendo ele um homem instruído, Ma'mun tinha um grande cuidado e respeito pelo saber e pelos eruditos. Ele se esforçou ao máximo para divulgar o saber e a literatura. Este sétimo califa da dinastia abássida deu continuidade ao trabalho iniciado por seu avô, Mansur, o segundo califa abássida. Ele revelou os tesouros do saber que estavam escondidos até então. Ma'mun tinha um grande interesse na astronomia e na matemática e, com a ajuda de astrônomos e matemáticos ele conseguiu medir o globo terrestre duas vezes. O trabalho de tradução de várias obras para o árabe alcançaram o seu auge durante o período de Ma'mun.

Depois de tornar-se califa, Ma'mun deu uma atenção especial à divulgação do saber e, para atingir esse objetivo, ele sentiu que era necessário traduzir o conhecimento romano e grego que, há séculos, permanecia na obscuridade. Ele enviou ricos presentes para os imperadores romanos, com o pedido de que lhe fossem enviados livros sobre filosofia e outros ramos do conhecimento. Seu pedido não foi em vão pois, rapidamente, ele recebeu as obras de Platão, Aristóteles, Hipócrates, Galeno e Ptolomeu, que logo foram traduzidas para o árabe.

Nesta época, os romanos consideravam o saber racional e as ciências uma fonte constante de dor de cabeça

e potenciais causadores de problemas. Então, quando o imperador recebeu o pedido de Ma'mun para que lhe fossem remetidas as obras dos antigos, ele indagou de seus conselheiros onde estariam guardados tais livros. Um monge o informou de que os livros tinham sido guardados em um local que fora trancado pelo próprio Constantino e que, depois dele, cada novo imperador acrescentava uma nova fechadura à porta. Em seguida, o imperador perguntou o que poderia acontecer se ele enviasse aquelas obras para Bagdá, se ele poderia sofrer algum dano ou se acarretaria para si algum tipo de infelicidade nesse mundo ou no outro. O monge respondeu: "Não há que se falar em desgraça ou danos, pelo contrário, trata-se de um gesto virtuoso porque esses livros destruiriam o fundamento da religião substituída por eles." Então, o imperador romano despachou para Bagdá os livros solicitados e os muçulmanos se utilizaram deles da melhor forma possível. Ma'mun providenciou para que toda aquela obra fosse traduzida para o árabe.

O trabalho realizado pelos tradutores foi regamente recompensado. Conta-se que, além da remuneração habitual, eles teriam recebido, a título de recompensa, prata e outro em peso equivalente à obra traduzida. Entre os mais famosos tradutores daquela época estava Yaqub bin Ishaq Kindi, que foi o primeiro muçulmano a obter o título de "Filósofo dos Árabes". Suas traduções, além de outros trabalhos de sua autoria, somam cerca de cinqüenta obras. Hunain bin Ishaq Ibadi foi um outro conhecido tradutor. Ele era um médico cristão que conhecia muito bem as línguas grega, romana e árabe e foi o responsável pela tradução de várias obras do grego para o árabe. Um outro famoso tradutor foi Kista bin Loca, um cristão de Balbak. Ele traduziu vários livros de matemática, geometria, astronomia, lógica, medicina e física. Omar bin Farkhan Tabari era um grande conhecedor de astronomia e foi incluído no grupo de tradutores por Fazal bin Sahl. Ele traduziu vários livros sobre astronomia e filosofia.



Além das ciências gregas, Ma'mun também se interessou pelo conhecimento e literatura persas. Durante o período de influência dos Barmakki, que eram de origem persa, a literatura recebeu um novo impulso mas, com a queda da família voltou, mais uma vez, ao ostracismo. Contudo, quando Ma'mun chegou ao poder, ele começou a incentivar o conhecimento da língua e literatura persas. Da mesma forma que os tradutores do grego, também foram nomeados vários tradutores da língua persa. Um certo Sahl bin Harun e seu irmão ficaram conhecidos como tradutores do persa para o árabe. Algumas obras hindus, principalmente livros sobre astronomia e medicina, também foram traduzidas.

Estimulados por Ma'mun, de todos os cantos do califado começaram a chegar artistas e escritores para realizarem trabalhos literários e também adquirirem conhecimento. Quando os sábios e eruditos perceberam que o califa estimulava o ensino e o aprendizado, eles começaram a vir para Bagdá, vindos do Iraque, da Pérsia, da Síria, da Índia e de outras terras mais distantes. Os nobres e abastados também começaram a se interessar pela instrução, a fim de obterem melhores posições sociais. Por toda a capital proliferaram as livrarias e os livreiros e Bagdá tornou-se um grande centro de saber e literatura.

## **Administração**

Enquanto Fazal bin Sahl foi seu primeiro-ministro, Ma'mun não se interessou muito pela administração do estado. Fazal, por seu turno, até tentava manter o califa afastado das questões administrativas e, assim, vimos que quando Ibrahim bin Mahdi capturou a capital Bagdá (naquele momento Ma'mun encontrava-se no Corassã), Fazal não se preocupou em informar o califa do acontecido. No entanto, depois de Fazal, Ma'mun passou a se ocupar das questões de estado pessoalmente e não deixava escapar absolutamente nada, nem mesmos os mínimos detalhes ou as questões administrativas mais comuns. Para

manter-se informado, ele nomeou pessoas de sua confiança que foram colocadas em postos-chaves do califado, inclusive no Egito e Síria. Conta-se que havia cerca de 1.700 mulheres em Bagdá, que eram encarregadas de relatar a ele tudo sobre todos os acontecimentos na capital. Sempre que retornava do Corassã para Bagdá, onde quer que parasse ele queria inteirar-se das condições das pessoas e tentava, de alguma forma, resolver seus problemas. Em algumas regiões ele reduziu os impostos.

### **Suas Crenças Religiosas**

Curiosamente, encontramos na crença religiosa praticada por Ma'mun uma mistura de vários elementos. Por causa de seus estudos filosóficos e a camaradagem e convivência desenvolvidas com pessoas de outras religiões, ele adotou o conceito de *Khalq-e-Qur'an*, segundo o qual o Alcorão também seria considerado uma "criatura" de Allah. Ele aceitou tão completamente esta idéia que tentou impô-la à força aos *ulema*<sup>1</sup>. Além do mais, Ma'mun tentou ainda transformar este conceito em parte integrante da crença dos muçulmanos porém, logicamente, vários *ulema* se recusaram a aceitar. Então, aqueles que não aceitaram o conceito foram vítimas da opressão. (Esta questão será tratada mais adiante.)

Segundo alguns historiadores, Ma'mun teria aceitado o xiismo, no entanto, outros rejeitam essa afirmação. Contudo, para sermos mais precisos, pode-se dizer que ele não era um xiita puro e nem um sunita puro, e sim uma combinação das duas doutrinas. Certa vez, ele declarou o *Muta* (casamento temporário por um prazo predeterminado) uma prática lícita porém, após discutir a questão com o *qazi* Yahia bin Ahsan, voltou atrás e declarou o *Muta* uma prática ilícita. Ele considerava 'Ali, o quarto califa, superior a Abu Bakr, o primeiro califa, e a Omar, o segundo califa, mas

---

<sup>1</sup> *Ulema* são muçulmanos eruditos, versados na lei e na doutrina religiosa tradicionais. (N.T.)

tinha um grande apreço por Osman Ghani, o terceiro califa. Ele também abrigava em seu coração um grande amor e respeito pelo Profeta (s.a.w.), tornou-se um *hafiz* do Alcorão e durante o Ramadã participava do *Salat-e-Tarawih*. Com todos esses fatos históricos registrados, não é justo afirmar-se que ele fosse um perfeito xiita ou um perfeito sunita. Na verdade, ele tinha estranhas crenças religiosas. A causa disso pode ter sido o seu envolvimento com a literatura não-islâmica, assim como com seus ministros e companheiros que tinham diferentes conceitos de vida. Seus dois ministros, Fazal bin Sahl e Hasan bin Sahl, professavam o xiismo e ele se casou com Boran, a filha de Hasan. Pode-se dizer que Ma'mun ficou impressionado com a crença xiita mas não que tenha se tornado um xiita na verdadeira acepção da palavra.

Por um lado, ele é considerado um indivíduo muito religioso mas, por outro, também é visto como um homem dedicado aos prazeres mundanos, que bebia o *nabiz* e gostava de música. Ele mesmo era um especialista em música e os grandes músicos de sua época tinham espaço garantido em sua corte e realizavam concertos em suas reuniões.

Em sua personalidade contraditória, uma coisa é clara, ele não oprimia os alauítas, pelo contrário, respeitava a todos eles, e foi esse respeito e simpatia que o fez declarar Imam Ali Raza como seu sucessor. Além do Imam Ali Raza, ele cuidava pessoalmente de cada alauíta a ponto de alguns deles, ao verem a generosidade de Ma'mun para com os membros de *Ahl-Bait*, terem pedido que fosse devolvido o jardim ao alauíta Muhammad bin Yahia bin Husain.

Na época dos omíadas e dos abássidas, as portas dos serviços administrativos sempre estiveram fechadas para os alauítas porém Ma'mun tratou de abrir um canal de comunicação com eles. Quando uma senhora, membro de

sua família, questionou a decisão, ele respondeu: “Estou tentando reparar a injustiça praticada pelos antigos califas.”

Terminamos este capítulo com uma observação feita por Ma'mun a seu próprio respeito. Ele disse: “Muawiya governou com a ajuda de Amr bin Aas, Abdul Malik com o apoio de Hajjaj mas o meu suporte é o meu poder.”

É por isto que os historiadores dizem que ele está no meio da geração abássida. No início da dinastia, estava Saffah, no final, Mutalid, e Ma'mun ficou entre esses dois extremos.

## CAPÍTULO IX

### ABU ISHAQ MUHAMMAD BIN HARUN

### CONHECIDO POR MU'TASIM BILLAH

(de 218 a 227 H – 833 a 841 d.C.)

Após a morte de Ma'mun, ascendeu ao trono seu meio-irmão, o segundo filho de Harun al-Rachid com uma escrava de nome Mardah. Embora Ma'mun tivesse seu próprio filho para substituí-lo no califado, ele achava que seu irmão, Mu'tasim estava melhor qualificado para ser o califa e por isso, declarou-o príncipe herdeiro. No entanto, assim que Ma'mun morreu, o exército, que não tinha concordado com essa decisão, tentou sublevar-se, com o objetivo de trazer para o trono Abbas, o filho de Ma'mun, que, no entanto, honrou a vontade de seu pai e aceitou Mu'tasim como califa.

Como vimos anteriormente, Ma'mun era claramente a favor dos *ajam*, os não-árabes, e, em seu governo, ele deu espaço aos persas, que exerceram uma grande influência na administração do califado. Mu'tasim, no entanto, não estava satisfeito com isso e decidiu oferecer aos turcos uma oportunidade de exercerem cargos em sua administração. Dessa forma, as divergências entre árabes e *ajamis*, que até então estavam restritas aos persas, passaram a incorporar os turcos também. Com a inclusão dos turcos nas questões de estado, o poder militar do califado cresceu em força e poder. Os turcos eram recrutados pelo exército em grande número, a ponto de ser criado um regimento só de turcos.

A partir de 218 H, exatamente no ano em que Mu'tasim ascendeu ao trono, surgiram alguns distúrbios e confusões mas todas foram controladas e a lei e a ordem foram restabelecidas.

Um dos maiores eventos ocorridos durante o califado de Mu'tasim, foi a erradicação da discórdia semeada pelo caluniador Babak Khurrami. Já lemos que o movimento dele teve início durante o período de Ma'mun. Na verdade, ele assumiu a forma de uma comunidade religiosa e o movimento continuou suas atividades, mesmo depois da morte de Ma'mun. Então, assim que Mu'tasim deu início ao seu reinado, Khurrami, que, por causa de sua roupa vermelha era chamado de *Muhmera*, ou Vermelho, mais uma vez trouxe seu movimento à tona, na região montanhosa do Corassã. Ele começou a roubar e matar as pessoas e Mu'tasim decidiu enviar um destacamento militar sob o comando de um líder turco, Hashim bin Batijor, para reprimir os desordeiros. No entanto, Batijor não teve sucesso e, em seguida, Mu'tasim enviou um novo destacamento, desta vez sob o comando de Ishaq bin Ibrahim, que conseguiu controlar a situação.

Decorrido algum tempo, Mu'tasim enviou um certo Abu Sayid Muhammad bin Yusuf, com o objetivo de reparar as fortalezas de Zanjilean e Ardabil, que tinham sido destruídas durante as campanhas contra os *khurramis*, e construir novos postos de segurança naquelas localidades. Porém, assim que a construção teve início, mais uma vez os seguidores de Khurrami começaram os distúrbios nas proximidades. Abu Sayid, ao tomar conhecimento do fato, atacou os desordeiros e a paz foi restabelecida.

Na verdade, o movimento de Khurrami não era só contra o regime abássida ou contra os muçulmanos e sim contra o Islam como um todo, o que trouxe o caos para o mundo islâmico. A principal base dos *khurramis* era o Corassã, que se estendia até Gilan e o Azerbaijão. Contudo, este movimento nocivo foi erradicado durante o reinado de Mu'tasim por um líder turco de nome Afshin bin Haider. Depois de duros combates e muito derramamento de sangue, Babak Khurrami finalmente foi preso. Quando chegou de volta à capital escoltando o prisioneiro, Afshin foi calorosamente recebido e com grande admiração. Mu'tasim

apenas olhou para Khurrami e, então, ordenou que ele fosse morto. Babak foi executado em Bagdá e seu perigoso movimento contra o Islam terminou.

Um outro acontecimento importante durante o reinado de Mu'tasim foi a campanha contra os romanos. Conta-se que, certo dia, quando Mu'tasim estava reunido com sua corte, ele foi informado de um assustador ataque promovido pelos romanos. Segundo os historiadores, quando Babak perdeu as esperanças de obter sucesso com o seu movimento e sentiu que a derrota era iminente, escreveu ao imperador romano dizendo que quase todo o exército islâmico tinha sido mobilizado contra ele (Babak) e que, por isso, a capital estava indefesa. Diante disso, se os romanos atacassem naquele momento, o califado não teria condições de se defender. O imperador romano, Towfil Michael, achou que era uma boa oportunidade para ele e enviou um grande exército que, juntamente com um destacamento de *khurramis*, invadiu a fronteira islâmica e chegou a uma localidade de nome Zabatra. Em seguida, eles atacaram os muçulmanos. Não foram poupadas nem mesmo mulheres e crianças, que foram feitas cativas ou assassinadas sem dó nem piedade. Sem encontrarem resistência, os romanos saquearam livremente a região e vários muçulmanos tiveram arrancados olhos, narizes e ouvidos. Entre os cativos estava uma mulher hashemita que, segundo relatos, gritava por ajuda, chamando o nome de Mu'tasim. Ao tomar conhecimento dessas notícias, o califa ficou tão aflito que, imediatamente, ordenou o ataque aos romanos e, impaciente, disse *Labbaik! Labbaik!* (Estou chegando, estou chegando). Naquela ocasião, um astrólogo que estava presente na corte disse que não era um momento favorável para a mobilização do exército mas o califa não deu atenção aos prognósticos e ordenou sua partida imediata. Alguns chefes militares foram enviados imediatamente com o objetivo de confortar e ajudar os muçulmanos de Zabatra.

Mu'tasim partiu para a Ásia Menor e subverteu toda a região. Enquanto não libertou os muçulmanos que tinham

sido capturados pelos romanos, ele não retornou para Bagdá. Durante essa campanha, os exércitos muçulmanos destruíram todas as fortificações romanas em Amorion e Amira, e chegaram às portas de Constantinopla. Eles estavam prestes a conquistar a capital romana e Mu'tasim estava ocupado com os preparativos da invasão da cidade, quando chegou a informação sobre a sublevação liderada pelo sobrinho do califa, Abbas, filho de Ma'mun. Embora Abbas fosse leal a Mu'tasim desde que ele assumira o califado, no entanto, mais tarde, vários líderes árabes, que não aceitavam a política pró-turcos de Mu'tasim, voltaram-se contra o califa e incentivaram Abbas a se rebelar contra o tio. Segundo o plano idealizado por eles, o califa seria preso e morto, além de alguns líderes turcos também. Quando Mu'tasim soube desta rebelião em Bagdá, desistiu da idéia de conquistar Constantinopla e voltou imediatamente para a capital do califado. Abbas bin Ma'mun foi preso e todas as suas propriedades e pertences, que valiam algo em torno de cento e dezesseis *ashrafis* (moeda de ouro), foram confiscados. Decorrido algum tempo, Abbas morreu na prisão. Segundo alguns teria morrido de morte natural, no entanto, de acordo com outros, ele teria sido assassinado por Afshin, um chefe turco leal a Mu'tasim.

## **Ministros**

O primeiro ministro de Mu'tasim foi Fazal bin Marwan que, no entanto, não estava à altura do cargo. Seu período não teve nada de especial e não teve qualquer realização digno de nota.

O segundo ministro foi Ahmad bin Amar. No início, ele era um indivíduo bastante comum que, mais tarde, conseguiu acumular grande fortuna e bens graças ao seu trabalho. Após a demissão de Fazal, ele foi nomeado ministro mas também não ficou muito tempo pois não tinha muita familiaridade com as funções inerentes ao cargo e, por causa desse desconhecimento, acabou sendo demitido. Para o seu lugar veio, então, Muhammad bin Zaiyat, que era



um homem erudito, versado em literatura, poesia, história, política e direito. No entanto, talvez em razão dessas qualidades, era um indivíduo orgulhoso e despótico. Ele permaneceu no cargo durante os califados de Mu'tasim e Wasiq, mas foi condenado à morte no reinado de Mutawakkil.

### **A Morte de Mu'tasim**

No 27<sup>o</sup> dia, do mês de Muharram, Mu'tasim caiu doente mas, depois de algum tempo, recuperou-se, embora não estivesse curado completamente. No mês de Rabiul Awwal, do ano 227 H, ele voltou a adoecer e, desta vez, o mal agravou-se e ele veio a falecer. Mu'tasim foi enterrado em sua recém-construída cidade, Samarra, e estava com a idade de quarenta e sete anos. O período total de seu califado foi de oito anos e oito meses.

### **Personalidade**

Mu'tasim foi um extraordinário homem robusto e saudável, que possuía um coração e um corpo poderosos. Ele era um indivíduo intrépido e corajoso que governou o califado com grande dignidade e admiração. Seu corpo era tão rijo que era difícil de ser agarrado e mordido com os dentes. Por causa de sua força física e qualidades marciais, ele era considerado muito mais um rude guerreiro do que um homem polido e diplomático. Durante o seu reinado de oito anos e oito meses, ele extirpou todas as forças internas e externas que se levantaram contra ele e quem quer que se rebelasse contra o califado era esmagado. A conquista de Amorion foi sua maior realização militar. Mu'tasim derrotou oito inimigos e conquistou oito países. Ele tinha um enorme apreço por duas coisas apenas, a dignidade e a admiração de seu califado e dos combates. Ele gastava dinheiro principalmente com esses dois objetivos. A despesa maior de seu orçamento era em relação aos gastos militares. De acordo com Seuti, oito governantes estrangeiros foram trazidos como cativos diante dele.

Diferentemente de seus antecessores, Mu'tasim não tinha qualquer interesse no conhecimento e no aprendizado e, desde sua infância, não gostava de ler nem de escrever. Embora Harun tivesse providenciado uma boa educação para ele, da mesma forma como tinha feito com os outros filhos, Mu'tasim realmente não se interessava pela instrução. Certa ocasião, quando Harun ainda estava vivo, um colega de turma de Mu'tasim morreu. Enquanto Harun expressava toda sua tristeza pelo ocorrido, Mu'tasim disse: "Bom, ele agora está livre dos problemas com os livros." Vendo o grau de sua antipatia pelos livros, Harun o poupou dos livros e da instrução. Como resultado ele não adquiriu saber, exceto leitura e escrita básicas.

## **Samarra**

Mu'tasim fundou uma nova cidade permanente perto de Bagdá e deu o nome de Samarra. Era uma cidade muito bonita e, inicialmente, foi chamada de *Sarra-man-raya*, "aquele que a viu ficou feliz". Mais tarde, este nome comprido foi abreviado para Samarra. Originalmente, ela foi habitada pelos turcos mas o próprio Mu'tasim estabeleceu-se por lá.

Ele adorava pegar terras incultas e abandonadas e transformá-las em terras cultivadas. Ele dizia que era a forma mais fácil e inteligente de tornar as pessoas prósperas.

## **Uma Interpretação Equivocada**

Como já lemos antes, Ma'mun tinha aderido a uma interpretação errônea do Alcorão segundo a qual o livro sagrado dos muçulmanos seria uma criatura de Allah, como qualquer outra criatura Sua. Imam Ahmad bin Hanbal opôs-se a este conceito. Ao saber da oposição do Imam, Ma'mun ordenou que ele fosse preso e, apesar de ter sido torturado

na prisão, o Imam jamais aceitou essa posição equivocada de Ma'mun. O Imam ainda estava na prisão quando Ma'mun morreu porém, ainda em seu leito de morte, ele deu instruções para que o Imam não fosse libertado e que fosse submetido à tortura até aceitar o conceito do Alcorão como uma "criatura" de Allah. Essa orientação de Ma'mun foi a garantia que Mu'tasim precisava para continuar torturando Imam Hanbal. Sendo ele ignorante da filosofia islâmica, Mu'tasim, além de torturar Imam Hanbal baixou uma ordem geral segundo a qual todo homem erudito (*ulema*) foi obrigado a aceitar o conceito. Os professores foram instruídos a ensinar aos seus discípulos aquele idéia errônea, obrigando-os a aceitá-la. Este momento é mais um capítulo trágico da história islâmica.

Mu'tasim levava uma vida muito simples mas possuía uma enorme mesa de jantar para alimentar os outros. Conta-se que os gastos com sua cozinha eram em torno de mil *ashrafis* por dia. Ele era muito criterioso em relação à dignidade e admiração.

## **ABU JA'FAR HARUN WASIQ BILLAH**

**(227 a 232 H – 841 a 844 d.C.)**

Wasiq Billah era o filho de Mu'tasim com uma escrava romana e tornou-se califa depois de sua morte, no mês de Rabiul Awwal, do ano de 227 H (841 d.C.).

Da mesma forma que o pai, Wasiq também era a favor dos turcos e, por causa dessa postura, eles tiveram excelentes oportunidades durante o seu reinado e conseguiram progredir em praticamente todos os ramos da vida do califado. Eles foram nomeados para o exercício de elevados postos da administração e Wasiq foi o primeiro governante a criar o alto posto de *Naib-us-Saltanat*, isto é, o representante do reino, e o primeiro a ser nomeado para

exercer o cargo foi um chefe turco de nome Ashnas. Ele foi presenteado com um conjunto de colar e coroa de diamantes. No entanto, esta política de apaziguamento dos turcos só serviu para criar mais ressentimentos entre árabes e turcos, trazendo o caos e a desordem para o califado.

No ano de 230 H, Banu Salim, um ramo da tribo Banu Qais, começou a provocar distúrbios nos arredores de Medina. Os regimentos enviados pelo governador de Medina para controlar a situação foram derrotados por eles. Em seguida, vários coraixitas e *ansar* também se juntaram às forças reais contra os rebeldes, mas todos foram derrotados e vários nobres do Coraix e dos *ansar* foram mortos durante os combates. Este resultado positivo trouxe grande alento aos membros de Banu Salim que passaram a atuar em Meca também. Por causa dessas desordens, naquele ano o *hajj* não pode ser realizado. Wasiq enviou um grande exército sob o comando de Bagha Kabir, um chefe turco, que atacou a fortaleza de Banu Salim, em Sha'ban, no ano de 233 H, impondo uma esmagadora derrota a eles. Cerca de mil rebeldes foram presos e mandados para a prisão em Medina. Outras tribos, que tinham se juntado ao movimento, foram submetidas e a paz foi restabelecida.

## **Ahmad bin Nasar**

Ahmad bin Nasar era um homem erudito e muito piedoso, que tinha um grande conhecimento dos *Ahadith* (Tradições do Profeta). Por outro lado, Wasiq, como o pai, Mu'tasim, e o tio, Ma'mun, tinha aceitado o conceito do Alcorão como uma "criatura" de Allah, mas enfrentou uma veemente oposição por parte de Ahmad bin Nasar. Frequentemente ele dizia em lugares públicos que o califa era um descrente. Na verdade, naquela época quase todos os ulema sinceros eram contrários a este conceito equivocado do Alcorão como uma criatura. Já vimos antes que Imam Ahmad bin Hanbal foi violentamente torturado por discordar do califa Ma'mun e depois do califa Mu'tasim.

Cabe salientar, no entanto, que Wasiq não foi tão rigoroso quanto seus antecessores com o Imam, que, no seu califado foi banido.

Ahmad bin Nasar contou com o apoio de diversos grupos da sociedade. Quando as pessoas estavam prestes a se levantar contra o regime, o governo tomou conhecimento do fato e ordenou a prisão dos líderes do movimento, inclusive de Ahmad bin Nasar. Quando Ahmad foi trazido diante de Wasiq, ele indagou: “Como é que você não considera o Alcorão como uma criatura?” e recebeu como resposta: “Eu acredito que o Alcorão é a palavra de Allah e não uma criatura. Estou pronto a morrer pela minha crença.” Então, Wasiq, sem pestanejar, levantou-se e matou Ahmad bin Nasar com suas próprias mãos.

Houve também distúrbios de vários tipos em Yamama, Armênia, etc. Em 231 H, os carijitas, mais uma vez, se rebelaram mas foram submetidos.

Wasiq morreu no mês de Zilhijja, do ano de 232 H. Muhammad bin Abdul Malik bin Zaiyat permaneceu no posto de primeiro-ministro durante todo o seu reinado.

Wasiq era um homem competente e de educação aprimorada. Segundo alguns historiadores, ele era uma “cópia” de Ma'mun que, por seu turno, nutria um grande amor por ele. Wasiq sentia muito respeito pelos alauítas porque eles eram considerados descendentes do Profeta (s.a.w.).

## **JA'FAR BIN MU'TASIM MUTAWAKKIL AL-ALLAH**

**(232 a 246 H – 847 a 861 d.C.)**

Depois da morte de Wasiq, seu irmão, Ja'far bin Mu'tasim, ascendeu ao trono. Ele era o filho de uma escrava do Corassã. Como Wasiq, em vida, não tivesse indicado um

sucessor, então, logo após sua morte surgiu a questão sucessória. Algumas pessoas eram de opinião que deveria ser indicado o filho de Wasiq, na época uma criança pequena. No entanto, outros, levando em consideração a pouca idade do menino, aceitaram a sugestão do *qazi* bin Abu Dawud, a de que a escolha deveria recair sobre Ja'far, o irmão de Wasiq. Assim, no mês de Zilhijja do ano 232 H, ele assumiu o califado. Na história da dinastia abássida, ele é considerado o último califa de pompa e esplendor.

### **Execução de Ibn Zaiyat**

Conforme lemos antes, Muhammad bin Abdul Malik bin Zaiyat fora nomeado ministro durante o período de Mu'tasim. Ele era um homem muito competente, mas, ao mesmo tempo, era orgulhoso e cruel com as pessoas. Para a punição dos sentenciados, ele mandou construir um forno cheio de espinhos de ferro. Era, realmente, uma forma terrível e implacável de executar os culpados e Ja'far não gostava desse método, assim como também não gostava do próprio Ibn Zaiyat. Era um ressentimento antigo pois, por diversas vezes, ele havia insultado Ja'far quando Wasiq ainda era vivo. Por causa dessas ofensas, Ja'far tinha muita raiva dele. Além do mais, quando surgiu a questão da sucessão de Wasiq, Zaiyat tinha se oposto ao nome de Ja'far. Por tudo isto, Ja'far, quando se tornou califa, ordenou a prisão de Zaiyat e mais tarde mandou que ele fosse executado no mesmo forno que tinha sido usado tantas vezes para executar pessoas inocentes. Depois disso, o forno foi fechado para sempre.

No ano de 235 H, um certo Mahmud bin Faraj Nishapuri, de Samarra, declarou-se profeta. Ele dizia ter vindo de Zul Qarnain e trazia com ele um livro que afirmava ser tão bom quanto o Alcorão e que tinha sido revelado a ele pelo anjo Gabriel. No total, ele conseguiu reunir em torno de sua religião cerca de 127 seguidores mas, nesse meio tempo, ele foi preso e trazido diante de Mutawakkil, que ordenou que o falso profeta fosse executado. Seus

seguidores também foram presos e mandados para a prisão. Além desse, houve também alguns levantes em Batarka, Sajistan, Egito mas que foram controlados pelo exército do califado no seu devido tempo.

### **Calamidades Naturais**

Durante o reinado de Mutawakkil, aconteceram algumas calamidades naturais também. A primeira delas foi em 241 H, quando chuvas torrenciais provocaram uma grande devastação em certas localidades. No mesmo ano, Rayy foi abalada por um violento terremoto que destruiu uma grande quantidade de casas e durante quarenta dias houve uma série de terremotos em várias outras localidades. Em seguida, chegaram os ventos gelados oriundos do Turquestão. No ano seguinte, houve novos terremotos, desta vez no distrito de Qomes, que provocaram a destruição de praticamente toda a cidade e mataram cerca de quarenta e cinco mil pessoas. Esses abalos também atingiram a Síria, Pérsia, Corassã e o lêmén. No ano de 245 H, o Magrebe foi sacudido, mais uma vez, por vários terremotos. O califa distribuiu algo em torno de três milhões de *dirhams* entre os desabrigados e flagelados. Nesse mesmo período, também ocorreram terremotos nas cidades de Madayen e Antakia que destruíram cerca de mil e quinhentas casas e mataram milhares de pessoas. O abalo sísmico foi tão violento que uma montanha em Antakia partiu-se e um pedaço dela caiu no rio. Podiam ser ouvidos os sons mais terríveis e muitas pessoas morreram ao som desses ruídos. Os tremores foram sentidos na Síria, Aderna e vários outros lugares. Em Lazaquia, apenas uns poucos conseguiram sobreviver. Essas calamidades continuaram ainda por mais três anos.

### **Guerra contra os Romanos**

Houve várias batalhas contra os romanos nas quais os muçulmanos saíram vitoriosos. Até então, os muçulmanos tinham estabelecido seu centro e a guerra

contra os sicilianos ainda estava em andamento. No ano de 234 H, os habitantes de Zaghose se renderam mas no ano seguinte soldados romanos atacaram Casriana e mataram muitos muçulmanos. Abbas bin Fazal, o *amir* de Casriana, decidiu vingar a morte dos muçulmanos e, além de Casriana, conquistou várias outras localidades da Sicília. Na verdade, Casriana, a capital da Sicília, tinha sido conquistada com a ajuda de um romano. Após a vitória, Abbas lançou a pedra fundamental de uma mesquita que foi construída em uma semana, quando, então, ele pôde proferir o primeiro sermão de sexta-feira.

Nesta vitória, os muçulmanos conseguiram uma grande quantidade de espólios de guerra, inclusive várias mulheres da família real. Ao ser informado dessa derrota, o imperador romano enviou um grande exército, que, sob o comando de um patrício romano, partiu de Constantinopla para enfrentar os muçulmanos. Acompanhava esse exército uma frota naval composta de trezentos navios. Abbas obteve a vitória sobre os romanos. Cerca de cem navios romanos foram capturados e milhares de soldados romanos foram mortos em combate. No entanto, havia soldados que não aceitaram a derrota e que foram dominados por Abbas. Ele também conquistou Sarcosa e várias fortalezas romanas na Sicília.

Por outro lado, nas regiões de fronteira os romanos que poderiam trazer problemas para os muçulmanos foram subjugados por um certo Ali bin Yahia Armani.

### **Problema Turco**

Os chefes turcos tornaram-se tão poderosos durante o reinado de Mutawakkil que acabaram transformando-se em um problema para o califado. Eles começaram a interferir nas questões de estado e alguns passaram a não mais aceitar qualquer controle ou disciplina por parte do governo. Certa ocasião, ele chegaram a tramocar a morte do califa e só



não foram bem sucedidos por causa de Amir Bagha. Mutawakkil viu-se obrigado a agir contra esses elementos e o primeiro deles foi Eitakh Turki, um proeminente oficial no governo, que foi demitido. Ele começou como cozinheiro de um líder de nome Amir Salam Alabrash mas, Mu'tasim, pressentindo um futuro promissor, comprou-o de Amir e deu a ele a possibilidade de progredir. E, dessa forma, Eitakh tornou-se um importante chefe, que gozava da confiança de Mutawakkil. Eitakh era tão íntimo do califa que foi incluído no seleto grupo que participava das reuniões na corte. Uma noite, Mutawakkil e Eitakh beberam tanto que ficaram embriagados e Eitakh tentou matar o califa. No entanto, no dia seguinte ele lamentou aquele gesto e pediu desculpas. Aparentemente, Mutawakkil o perdoou e, quando Eitakh pediu permissão para fazer o *Hajj*, ele o deixou partir. Quando voltava do *Hajj*, Eitakh recebeu instruções para ir direto para Bagdá e encontrar o califa. Contudo, assim que chegou a Bagdá, ele foi preso e mandado para a prisão onde, depois de algum tempo, veio a morrer. Segundo alguns, ele teria sido morto na prisão. Contudo, a prisão e morte de Eitakh não produziu o efeito desejado pois as atividades dos turcos continuaram.

Um outro chefe turco demitido pelo califa foi Amr bin Faraj. Certa vez, quando Mutawakkil ainda não tinha assumido o califado, ele o insultou e por isso, depois de ascender ao trono, Mutawakkil ordenou que ele fosse preso e que todos os seus bens e propriedades fossem confiscados. O filho de Amr e um escravo de nome Nasar também foram vítimas do ódio do califa.

Além dos turcos, muitos funcionários não-turcos também foram demitidos por Mutawakkil. Um deles foi o *qazi* Ahmad bin Abu Dawud. Ele era o homem que durante o califado de Ma'mun tinha criado problemas com a questão do *Khalq-e-Qur'an* (a crença do Alcorão com uma criatura de Allah). Em 237 H, o *qazi*, com seu filho Abul Walid e seus netos, foram presos e todos os bens móveis e imóveis foram confiscados. Em substituição a Abu Dawud, foi nomeado

Yahia bin Aksan mas, também ele, não continuou por muito tempo no cargo. Em 240 H, Aksan foi demitido e teve todas as suas propriedades confiscadas.

Ao confiscar os bens de tantas pessoas, Mutawakkil ficou ávido por mais riquezas e começou a punir as fortunas até daqueles que eram inocentes, criando a prática da exploração pela força no califado abássida.

### **Indicação dos Sucessores**

Ainda em vida, Mutawakkil nomeou seus três filhos, Muhammad, Talah e Ibrahim como, respectivamente, seu primeiro, segundo e terceiro sucessores. Eles também receberam o título de Mustansir *Billah*, Mu'taz *Billah* e Muyad *Billah*, respectivamente, e foram nomeados para três diferentes regiões, onde se tornaram praticamente monarcas absolutos. Nenhum deles estava autorizado a interferir nos assuntos do outro. Mu'taz, que era o governante do Corassã, Rayy, Azerbaijão e Armênia, conseguiu a soberania sobre o erário público e a casa da moeda. Ele também fez circular sua própria moeda.

Embora Mustansir fosse o primeiro sucessor e Mu'taz o segundo, no entanto, depois de algum tempo, insuflado pela mãe de Mu'taz, o califa revogou aquela primeira decisão para indicá-lo como seu primeiro sucessor e ordenou que Mustansir aceitasse a medida. Mustansir, contudo, não concordou. Mutawakkil começou a ofender e desrespeitar Mustansir e a diminuir sua posição na corte e às vezes o ofendia até mesmo em locais públicos. Por outro lado, Mutawakkil passou a dignificar e honrar Mu'taz e o nomeou vice-gerente do califa, além de dar a ele, no ano de 240 H, a posição de *Imam da Jumma*, aquele que lidera a oração às sextas-feiras, função que, até então, era realizada pelo próprio califa. Mutawakkil ordenou, ainda, que todo o cerimonial da corte que se aplicava ao califa deveria ser observado também em relação a Mu'taz.

Considerando insuficientes todos os insultos e ofensas dirigidos a Mustansir, um dia Mutawakkil o ridicularizou na corte, diante de uma audiência pública e pediu que Fateh bin Khagan batesse em seu rosto. Além disso, Fateh e o califa começaram a conspirar contra Mustansir e seus companheiros turcos. Foi a gota d'água.

De acordo com Ibn Khaldun, havia uma outra razão pela qual Mutawakkil tivesse se tornado inimigo mortal de Mustansir. Mutawakkil tinha um ressentimento pessoal e um ódio contra as pessoas de *ahl-e-bait* e Mustansir não aceitava esses sentimentos abusivos. Em suas reuniões sociais, 'Ali, o quarto califa, e seus seguidores eram abertamente criticados com palavras ofensivas e Mustansir não concordava com isso. Ele dizia que 'Ali (r.a.a.) também era um grande e respeitável hashemita e que deveria ser respeitado e não maltratado. Essa divergência de opinião sobre 'Ali e seus seguidores criou uma grande inimizade entre pai e filho.

## **O Assassínio de Mutawakkil**

Por fim, a inimizade entre Mutawakkil e Mustansir assumiu tal intensidade que ficou impossível qualquer pacificação entre os dois. Os chefes turcos que se opunham a Mutawakkil tomaram o partido de Mustansir. Então, uma noite, quando todos os companheiros do califa tinham voltado para suas casas e só se encontravam uns poucos servos, os conspiradores entraram no palácio e, de repente, atacaram o califa com suas espadas, matando-o instantaneamente. Na história dos abássidas, este foi o primeiro acontecimento em que um califa foi assassinado. Mutawakkil estava com quarenta anos e seu reinado teve a duração de quatorze anos, dez meses e uma semana.

## **Personalidade**

Apesar do tratamento dispensado a algumas pessoas, inclusive ao seu próprio filho mais velho, Mustansir,

de um modo geral Mutawakkil não foi um governante ruim, pelo menos para seus súditos e as pessoas comuns. Ele dizia que seus antecessores tratavam a população com muita severidade para que todos fossem submissos. Por alguma razão ele tratava seu povo com gentileza e suavidade. Ele queria que as pessoas o amassem e por isto ele também os tratava com afeição. Ele governou com justiça e equidade e foi assim que ficou conhecido na história.

Ele impôs algumas restrições ao modo e estilo de vida dos cristãos e chegou a ordenar que se vestissem de uma forma que pudessem ser reconhecidos e não serem confundidos com os muçulmanos. De acordo com os historiadores, tais restrições não tinham por base qualquer preconceito ou ódio religioso e sim porque os cristãos muitas vezes agiam como agentes dos romanos. Eles faziam o jogo dos romanos que, naquela época, eram hostis aos muçulmanos. Na verdade, o que Mutawakkil buscava com essas restrições era a proteção contra qualquer surpresa por parte dos romanos.

## **Prosperidade**

O califado de Mutawakkil é conhecido pela serenidade e prosperidade das pessoas. Na verdade, foi o período de ouro da dinastia abássida. As pessoas eram prósperas e levavam uma vida feliz. A cultura e a civilização atingiram o auge. Segundo Masudi, havia paz e segurança em todos os cantos do califado. Este foi um período de benevolência e felicidade, de vida despreocupada e de abundância, tudo era barato e fácil de conseguir. As pessoas gastavam dinheiro prodigamente. A vida de prazeres e divertimentos fez surgir a despreocupação com as coisas sérias.

Mutawakkil não era um homem erudito e não ocupou um espaço digno de referência em qualquer ramo do saber, apesar de ser um grande admirador de poetas e literatos. Esses artistas eram regiadamente recompensados por ele.

Além desses, os *muhaddesin* (narradores de *ahadith*, ou as tradições do Profeta) também eram homenageados e recebiam generosas gratificações. Mutawakkil tinha um profundo respeito e amor pelo Profeta (s.a.w.) e freqüentemente narrava seus *ahadith*. Ele foi um seguidor da escola shafita, criada pelo Imam Shafei'i, mas proibiu terminantemente qualquer discussão que pudesse prejudicar o Islam e uma delas era a questão do *Khalq-e-Qur'an*, iniciada no período de Ma'mun. No entanto, apesar de todas essas suas virtudes e qualidades ele também tinha um grande defeito que era o preconceito e a raiva contra 'Ali (r.a.a.) e sua descendência. Esses sentimentos chegaram a um tal ponto que ele mandou demolir o mausoléu de Imam Husain e proibiu que as pessoas visitassem Kerbala, o local onde se deu a tragédia com Imam Husain. Seu preconceito era tanto que ele não tolerava que alguém pudesse gostar ou respeitar 'Ali e seus descendentes. Um dia, quando seus filhos Mu'taz e Muayd estavam reunidos com seu professor Yaqub bin Sakit, chegou Mutawakkil e começou a conversar com os três. Durante a conversação, de repente ele perguntou a Yaqub a quem amava mais, se seus dois alunos (Mu'taz e Muayd) ou dois filhos de 'Ali, Hasan e Husain. Yaqub respondeu sinceramente que Hasan e Husain eram mais caros a ele do qualquer outra pessoa e que até o servo de 'Ali era superior aos filhos do califa. A resposta do professor tornou Mutawakkil tão furioso que ele morreu ali na hora e por causa dessa morte foi pago aos seus filhos a dívida de sangue.

Depois de Mutawakkil, o período de ouro da sua dinastia começou a caminhar para o seu fim e a queda do califado abássida foi só uma questão de tempo.

## CAPÍTULO X

### COMEÇA A QUEDA DOS ABÁSSIDAS

Na verdade, Mutawakkil foi o último governante da dinastia abássida que deteve o poder em suas mãos. Depois dele, a autoridade *de fato* foi transferida para os turcos, que já vinham se infiltrando na administração do califado. Eles ficaram tão poderosos que alcançaram a posição de “Fazedores de Reis”. Qualquer um da dinastia abássida poderia ser califa, desde que estivesse de acordo com os interesses turcos. E, dessa forma, teve início a queda dos abássidas.

#### MUHAMMAD BIN JA’FAR MUSTANSIR BILLAH

(247 a 248 H – 861 a 862 d.C.)

Depois da morte de Mutawakkil, ascendeu ao trono seu filho Mustansir *billah*, no mês de Shawwal de 247 H (861 d.C.). Ele estava com vinte e cinco anos. Foi durante seu governo que os turcos seqüestraram o poder e a autoridade do estado e o califa e a administração governamental ficaram à mercê dos turcos.

A cidade de Jafaria, que tinha sido povoada e habitada por Mutawakkil graças ao investimento de grandes somas de dinheiro, no período de Mustansir foi relegada a segundo plano. Mustansir ordenou que seus habitantes a abandonassem e migrassem para suas cidades de origem. Seu reinado durou muito pouco, cerca de dois anos apenas, mas, mesmo nesse curto período, ele obteve algumas conquistas na Sicília.

## **Doença e Morte**

Embora Mustansir tivesse tomado parte na conspiração que acabou matando seu pai, no entanto o assassinato a sangue frio acabou sendo muito mais penoso para ele. Após seis meses de ter assumido o poder, ele adoeceu e essa doença acabou por levá-lo à morte. Ele ficou doente por mais de um ano e morreu no mês de Rabi-us-Sani, do ano de 248 H (862 d.C.).

O seu califado durou menos de dois anos e durante este período seu único ministro foi Ahmad bin Khasib. No entanto, Khasib não era um homem competente, além de ser conhecido por seu péssimo temperamento. Ele não conseguiu se desempenhar a contento de suas obrigações como ministro.

Diferentemente de Ahmad, Mustansir era um indivíduo de qualidades e de bom temperamento. Ele foi um governante justo e de boa índole. Ele era generoso e sensato e também foi um homem dedicado às letras e ao saber. De acordo com Seoti, Mustansir foi um governante sábio, eqüitativo e de bom coração. Ele não gostava de se vingar das ofensas cometidas e por diversas vezes disse: “A pior coisa para um homem poderoso é a vingança.”

**AHMAD BIN MUHAMMAD BIN MU'TASIM  
MUSTA'IN BILLAH**

**(248 A 251 H – 862 a 865 d.C.)**

Depois da morte de Mustansir, assumiu o trono Ahmad al-Musta'in, que era neto de Mu'tasim. Mustansir não tinha indicado um nome para ser seu sucessor e, por isto, logo surgiu a questão de sua sucessão que acabou se tornando um grave problema. Embora Mu'taz e Muayd ainda estivessem vivos, os turcos não gostavam de nenhum dos

dois e por isso eles ficaram fora da lista sucessória. Os turcos entendiam que a chegada deles ao poder significaria a queda deles e, dessa forma, após muita discussão, Ahmad al-Musta'in foi finalmente escolhido para assumir o poder. Al-Musta'in ascendeu ao trono no mês de Rabi-us-sani, do ano de 248 H, correspondendo ao ano de 862 d.C., e assim que assumiu o poder houve distúrbios em vários locais do califado, inclusive na capital, Bagdá. Aqueles que não gostavam de Musta'in e de seus defensores, os turcos, começaram a atacá-los e a criarem confusão. No entanto, Bagha al-Kabir, o líder turco, depois de muita dificuldade, conseguiu controlar a situação e Musta'in foi aceito como califa pela população.

Os turcos achavam que Mu'taz e Muayd eram a causa principal dos distúrbios e queriam acabar com os dois. Contudo, Ahmad bin Khasib veio em socorro deles e conseguiu salvar a vida dos irmãos mas não evitou que eles tivessem confiscadas suas propriedades e ficassem confinados em prisão domiciliar.

Decorrido algum tempo, também Ahmad bin Khasib encontrou o mesmo destino. Os turcos ficaram insatisfeitos com ele e confiscaram seus bens e os de seus filhos e o baniram para a ilha de Creta.

### **Distúrbios em Bagdá**

A população de Bagdá não estava nada satisfeita com a cada vez mais crescente supremacia e influência turca. Além do mais, o assassinio de Mutawakkil só serviu para aumentar ainda mais os ressentimentos contra os turcos. Enquanto isso, Omar bin Ubaidullah e 'Ali bin Yahia, que eram os generais encarregados da defesa das fronteiras, também foram assassinados, o que fez recrudescer o ódio em Bagdá. Inconformada, a população se preparou para combater os turcos. Além disso, alguns funcionários que estavam sem receber seus salários decidiram aderir ao movimento, espalhando por toda a capital a desordem e o



caos. Vários prisioneiros foram libertados pela multidão e a ponte de Bagdá foi quebrada e incendiada. Grandes quantias de dinheiro foram distribuídas entre os que estavam participando dos tumultos. No início, o governo não agiu contra os desordeiros, contudo, quando a agitação alcançou Samarra e outras localidades, Musta'in determinou que os turcos acabassem com os distúrbios. Finalmente, os famosos generais turcos Bagha, Atamash e Wasif derrotaram os rebeldes e controlaram a situação.

### **Estado Alauíta**

No ano de 250 H (864 d.C.), Hasan bin Zaid, um descendente de 'Ali bin Abi Talib, foi bem sucedido ao criar um estado alauíta no Tabaristão. A soberania abássida naquela região foi abolida e a população prestou juramento de fidelidade a Hasan bin Zaid, que governou o estado até 270 H, quando morreu e foi substituído por seu irmão, Muhammad bin Zaid.

A convocação de Hasan bin Zaid foi geral e os alauítas e seus adeptos começaram a se levantar contra o califado e ocorreram vários combates entre eles e as forças governamentais.

Durante o período de Musta'in, a administração deteriorou-se e, praticamente em cada parte do estado islâmico havia corrupção, má administração, distúrbios e desordens. Além das ações indisciplinadas dos turcos e da revolta dos alauítas, vários líderes árabes também se insurgiram contra o califado. Entre esses amotinados, estava um líder árabe jordaniano que foi derrotado pelo governador abássida na Jordânia. Amil Qatami, um outro líder árabe rebelado, derrotou o governante da Palestina mas foi aniquilado por um certo Mazahin bin Khaqan para sempre.

Hamasa também se viu às voltas com distúrbios assim como várias outras localidades, inclusive Fars. Dois chefes turcos, Bagha e Baghar, foram assassinados no

mesmo período e depois da morte deles começaram os distúrbios, obrigando Musta'in a fugir de Samarra e refugiar-se em Bagdá. Os turcos enviaram uma delegação ao califa com o pedido de desculpas pelos maus tratos e as ofensas contra ele. Os integrantes da missão quiseram levá-lo de volta a Samarra, porém ele se recusou.

## **Mu'taz**

Decepcionados com Musta'in, os turcos decidiram colocar uma outra pessoa no lugar do califa. Os irmãos Mu'taz e Muayd ainda estavam presos no palácio real e, assim, no dia 12 de Muharram, do ano 251 H, os turcos levantaram a pena de prisão domiciliar imposta a Mu'taz e o declararam califa. Mu'taz, por sua vez, nomeou seu irmão Muayd, como seu sucessor. Os turcos prestaram o juramento de fidelidade a Mu'taz e anunciaram por todo o país este novo arranjo.

Depois que Mu'taz foi anunciado como o novo califa, ocorreram terríveis combates e derramamento de sangue entre ele e Musta'in. Naquele momento, Musta'in encontrava-se em Bagdá e a população estava do seu lado, no entanto como a guerra prosseguisse eles se cansaram e Amirul Umara Muhammad bin Abdullah, que combatia por Musta'in, achou que a guerra e o derramamento de sangue eram inúteis e por isso ele e Abu Ahmad obrigaram Musta'in a desistir do califado. No entanto, alguns historiadores dizem que foi o próprio Musta'in quem decidiu abdicar e abandonar o califado no mês de Muharram, do ano de 252 H.

Antes de abdicar ao trono, Musta'in obteve a promessa de que ele, juntamente com os seus familiares e parentes próximos, ficariam a salvo e não seriam molestados. Musta'in expressou, ainda, a vontade de passar o resto de seus dias na cidade de Meca, o que foi garantido a ele. Contudo, depois de ele deixar o trono, embora não fosse molestado, ele não obteve autorização para viver em

Meca, e sim foi despachado para Wasit, onde ficou até morrer.

O califado de Musta'in durou pouco menos de três anos.

Seu primeiro ministro foi Ahmad bin Khasib que permaneceu no cargo por apenas dois meses. Depois de Ahmad bin Khasib, veio Abu Sualeh Muhammad bin Yazdad, que era um grande sábio e um homem dedicado às letras. Contudo, também ele não ocupou o posto por muito tempo pois acabou renunciando em razão da conspiração de algumas pessoas.

Como dissemos, Musta'in era um estudioso e literato, mas também era um orador digno de nota que, no entanto, era incapaz de assumir as questões de estado. De acordo com Ibn-e-Taqtaqi, faltava a Musta'in raciocínio, opinião própria e sabedoria. Por isto que durante todo seu reinado predominaram as desordens e o caos, e o poder *de fato* foi exercido pelos turcos.

## CAPÍTULO XI

### AS DUAS FASES DA DINASTIA ABÁSSIDA

A história mostra claramente duas fases, ou períodos, da dinastia abássida. A primeira ficou conhecida como o período de ouro não só dos abássidas como também de todo o Islam. Ele começou com Abul Abbas As-Saffah, que inaugurou o governo abássida em 132 H, correspondendo a 749 da era cristã. O segundo período é considerado como o declínio ou queda da dinastia abássida e teve início no final do califado de Mutawakkil sobre quem já comentamos anteriormente. Mutawakkil é corretamente conhecido como o último governante abássida que deteve em suas mãos o poder e a autoridade do califado. Na verdade, ele foi o último califa poderoso da fase de ouro dos abássidas.

Contudo, depois dele ainda houve alguns governantes ou califas que não foram tão poderosos e dinâmicos como seus antecessores. São eles:

Mustansir *billah*, filho de Mutawakkil  
(247 – 248 H) (861-862 d.C.)

Musta'in *billah*, filho de Mu'tasim (248-251 H) (862-865 d.C.)

Mu'taz *billah*, filho de Mutawakkil  
(251-255 H) (865-869 d.C.)

Muhtadi *billah*, filho de Wasiq (255-256 H) (869-870 d.C.)

Mu'tamad Allallah bin Mutawakkil (256-279 H) (869-892 d.C.)

Mu'tazid *billah* bin Mufiq (279-289 H) (892-902 d.C.)

Muktafi *billah* bin Mu'tazid (289-295 H) (902-908 d.C.)

Muqtadir <i>billah</i> bin Mu'tazid	(295-320 H) (908-932 d.C.)
Qahir <i>billah</i> bin Mu'tazid	(321-322 H) (933-934 d.C.)
Razi <i>billah</i> bin Muqtadir	(322-329 H) (934-940 d.C.)
Muttaqi <i>billah</i> bin Muqtadir	(329-333 H) (942-944 d.C.)

Nenhum desses califas pode ser considerado um governante perfeito.

A causa da queda da dinastia abássida não foi por que seus governantes fossem indignos ou não tivessem seus méritos. Alguns deles foram da maior competência e dignidade, que se esforçaram ao máximo para administrar as questões e solucionar os impasses do califado, assim como manter o poder em suas mãos, mas não foram bem sucedidos em seus objetivos. A razão maior de terem fracassados foi o poder e a autoridade inescrupulosa dos turcos.

Os persas foram de uma grande ajuda no estabelecimento do governo abássida, mas também exerceram uma grande influência na administração desde os seus primórdios, principalmente depois de Ma'mun Al-Rashid (198 a 218 H), quando o poder e a ascendência persas alcançaram o seu auge. Ministros e altos funcionários, de um modo geral, eram recrutados entre os persas. Para fortalecer o califado era necessário que tanto persas quanto árabes cooperassem entre si e que trabalhassem em harmonia. No entanto, não era o que acontecia, pois no relacionamento dos dois grupos havia de tudo menos o sentimento de irmandade característico da *Ummah* muçulmana. Com efeito, o espírito de fraternidade islâmico que tinha prevalecido nos primeiros dias do Islam acabou no exato momento em que a monarquia passou a ocupar o lugar do Califado, este sim, a verdadeira instituição islâmica. O verdadeiro espírito islâmico, os interesses da

*Millat* como um todo, tinham cedido espaço para os interesses particulares dos governantes. Foram os interesses pessoais dos califas que abriram o caminho para os persas ocuparem o poder e deterem a autoridade. Da mesma forma, Mustansir, receando o poder e a autoridade persas estimulou os turcos a se apresentarem no cenário político. Contudo, por causa de suas atividades, Mu'tazid ficou conhecido na dinastia abássida como Saffah II.

Mu'tazid foi muito escrupuloso no estabelecimento da lei e da ordem no califado. Para alcançar esse objetivo, ele usou de rigor e severidade e também promoveu algumas reformas morais e mentais na população. Pessoalmente, ele era um homem de tendência religiosa. Ele proibiu que astrólogos e adivinhos ficassem na beira das estradas e baniu a circulação de livros de filosofia que estavam disseminando a infâmia e desviando as massas muçulmanas. Influenciados pelos adoradores de fogo persas, alguns muçulmanos começaram também a acender o fogo por ocasião das festas de ano novo, o *Nowroze*. Mu'tazid baixou ordens expressas proibindo práticas desse tipo. Durante o governo de Mu'tazid os tribunais de justiça ficaram livres da influência oficial e ninguém, nem mesmo os altos funcionários e o califa, estavam isentos da jurisdição da lei. Não foram criados novos impostos.

Os três filhos de Mu'tazid que ascenderam ao trono foram, respectivamente, Muktafi *billah*, Mu'tazid *billah* e Qahir *billah*. Eles foram bons governantes porém, mais tarde, a situação se modificou e piorou. Embora Mu'tazid Alallah tenha governado por cerca de vinte e cinco anos, todo o seu reinado foi para controlar ou sufocar os distúrbios e a anarquia. Na verdade, ele foi um preguiçoso que tinha grande apreço pelos divertimentos e prazeres. Ele gostava de vinho e estava sempre cercado de belas mulheres e dançarinas. Durante seu reinado, a corte do califa tornou-se o centro de encontro de músicos e cantores e de milhares de eunucos que eram mantidos às custas do tesouro público. Conseqüentemente, o erário, que nos reinados dos diversos

califas que o antecederam estava sempre repleto de ouro agora, por causa de gastos desse tipo tinha sido esvaziado a ponto de não haver dinheiro até para pagar salários do exército. Esta foi uma das razões para a destituição de Muqtadir.

Um dos acontecimentos mais importantes durante o reinado de Muqtadir *billah* foi a disseminação do Islam por toda a Bulgária. Às margens do Volga, um rio da Rússia, havia uma cidade turca, de nome Bulghar, que estava situada próximo à localidade conhecida atualmente por Kazan.

Bulghar foi o primeiro estado muçulmano estabelecido naquela época e durou por cerca de dois séculos. O governante de Bulghar tinha aceitado o Islam por sua própria vontade. Então, ele escreveu ao califa em Bagdá, pedindo a ele que mandasse algumas pessoas que fossem capazes de ajudar na causa do Islam e em sua divulgação em Bulghar. Seu pedido foi aceito por Muqtadir que despachou, de imediato, uma missão para Bulghar, sob a liderança de Ibn-e-Fazlan.

O sucessor de Muqtadir *billah* foi Qahir *billah*, que reagiu violentamente à vida de luxo e prazeres que tinha predominado no califado do irmão. O vinho, a dança e a música foram totalmente proibidos na corte. Cantores, dançarinos e os eunucos foram desterrados. No entanto, esta reação nada mais foi do que uma reação emocional momentânea, pois ele mesmo não conseguiu abandonar a bebida e nem a companhia das belas mulheres. O califado de Qahir durou apenas um ano e meio e durante este curto período ele tentou controlar as questões de estado e subjugar os chefes indisciplinados, mas não conseguiu bons resultados. Ele derrotou Munis, Batiq e 'Ali bin Yaqut. Esta ação, embora tenha assustado alguns chefes, também não funcionou. Vários deles em lugar de se intimidarem ficaram mais agressivos e passaram a hostilizar o califa e, como consequência, Qahir foi deposto.

O sucessor de Qahir foi Razi *billah*, filho de Muqtadir. Considerando que Razi chegou ao poder graças à ajuda e apoio dos turcos, estes passaram a exercer uma grande influência sobre o califa e, como não poderia deixar de ser, sobre o califado como um todo. Os turcos o pressionavam a todo instante e se faziam presentes em cada setor da administração. Havia um turco de nome Seema, que obrigou Razi a privar Qahir da visão. Durante o reinado de Razi, os seguidores de Imam Hanbal tentaram promover algumas reformas na vida dos muçulmanos. Como lemos antes, o caráter moral e social das massas muçulmanas tinha chegado ao seu mais baixo grau de deterioração e os seguidores de Hanbal se apresentaram para tentar reformar a sociedade. Eles começaram a censurar as pessoas independentemente do cargo ou posição que tivessem, a cercar as casas dos nobres e dos altos funcionários militares, a espancar músicos e dançarinos, a destruir os instrumentos musicais e jogar fora o *nabiz* (uma espécie de bebida), onde quer que fossem encontrados. Mas também isto não passou de uma empolgação uma vez que não houve um retorno digno de nota. Além do mais, essas atividades dos hanbalitas só fizeram enfurecer mais os funcionários que detinham elevados postos na administração. Diante de tais circunstâncias, o movimento dos hanbalitas não obteve sucesso.

## **Os Turcos**

Até agora lemos repetidas vezes que, durante o califado dos abássidas, os turcos se tornaram muito poderosos e que sem dúvida foram a causa principal dos vários males e distúrbios ocorridos naquele período. Em razão disso, parece que cabem algumas esclarecimentos sobre os turcos.

Na época do regime abássida, os turcos aderiram em massa ao Islam. Eles eram um povo muito dinâmico e valente e ao perceber essas qualidades, Mu'tasim os



recrutou em grande número para comporem o exército, assim como para formarem sua própria guarda pessoal. Eles eram convocados aos milhares para as divisões e regimentos orientais do exército. Como fossem por natureza guerreiros valentes e corajosos, logo se tornaram os elementos mais influentes e poderosos dentro do exército. Durante o califado de Mutawakkil, o poder dos turcos foi tanto que eles começaram a interferir nas questões mais delicadas do estado. Como resultado, o próprio Mutawakkil se tornou uma vítima das conspirações e acabou sendo morto.

Nem todos os turcos tinham se convertido ao Islam e uma quantidade grande deles ainda estava fora das fileiras muçulmanas. Eles eram incultos e incivilizados e, além do mais, não traziam em seus corações o amor pelo Islam. Quanto àqueles que tinham se convertido é de se notar que não tinham conhecimento da doutrina islâmica e também não tinham muita preocupação em aprender. Por isso, desconheciam o sentimento de solidariedade que é uma das principais características da *ummah* muçulmana. Eles estavam sempre prontos a criar problemas e dificuldades para o califado e para a *ummah*. Por causa dos distúrbios provocados por turcos indisciplinados, o quartel-general do califado mudou-se para Samarra, ou Sarram Raa. Porém, esta medida não produziu qualquer efeito positivo pois os distúrbios continuaram ocorrendo. Os persas eram melhores muçulmanos do que os turcos que, por outro lado, não se sentiam parte integrante da comunidade muçulmana. A preocupação maior deles era com a comunidade turca apenas e não tinham em mente os interesses da Ummah como um todo, além de estarem sempre tentando ganhar poder não como muçulmanos e sim como turcos. Na verdade, o seu preconceito étnico era muito forte. Eles odiavam os árabes e os persas também. Com este comportamento, por diversas vezes declaravam guerra contra os governantes árabes e os líderes persas.

Depois de Mutawakkil, os chefes turcos se tornaram mais poderosos e começaram a não mais aceitar a autoridade do califa. Passaram a conspirar e conseguiram destronar e até mesmo matar alguns dos califas. Com a morte de Mutawakkil, no curto período de oito anos ascenderam ao trono quatro califas e todos foram destituídos pela vontade dos chefes turcos. Desta forma, o governo central em Bagdá se enfraqueceu e ficou à mercê dos turcos. Contudo, também eles não foram capazes de estabelecer qualquer governo forte e poderoso por sua própria conta.

Ao verem o estado de anarquia e desordem prevalecendo, os chefes provinciais tentaram estabelecer estados independentes do califado central. Foram criados governos autônomos em várias províncias e ainda que o nome do califa abássida fosse pronunciado nos sermões das mesquitas, ninguém mais aceitava a soberania e o comando da autoridade central. Relacionamos, a seguir, os governos provinciais autônomos:

## **DINASTIA SAFÁRIDA**

**(258 a 298 H - )**

O fundador da dinastia foi Yaqub bin Lais Safar. No ano de 237 H, um indivíduo oriundo de Bast, de nome Saleh bin Nasar, ocupou o Sajistão e Yaqub bin Lais Safar, que desde muito tempo era contrário ao califado abássida, juntou-se a ele. O Sajistão, no entanto, foi tomado por Tahir, que era o governador do Corassã. Mas, logo em seguida, um outro indivíduo, de nome Dirham bin Husain, atacou o Sajistão e o ocupou e Yaqub aliou-se a ele também. Dirham bin Husain não era uma pessoa competente e não possuía capacidade para administrar as organizações militares. Assim, ele acabou fugindo, deixando para Yaqub a responsabilidade de governar o Sajistão. Ali, Yaqub

estabeleceu um estado poderoso por sua própria conta, inaugurando, assim, a dinastia safárida, que permaneceu no poder até 298 H, quando foi abolida pelos samânidas.

## **DINASTIA ALAUÍTA DO TABARISTÃO**

**(250 a 316 H – 868 a 928 d.C.)**

O fundador dessa dinastia foi Hasan bin Zaid Alai e foi estabelecida em Mazindran, no norte da Pérsia, que naquele tempo era conhecida pelo nome de Tabaristão. Hasan bin Zaid era um dos netos de 'Ali bin 'Abi Talib (r.a.a.) e deu início à essa dinastia durante o califado de Ahmad bin Muhammad bin Mu'tasim, mais conhecido como Must'a'in *billah*. O califa tinha concedido algumas *jagirs*, ou terras, a Muhammad bin Tahir como recompensa por ter matado Yahia bin Amr. Essa decisão do califa provocou um grande problema no Tabaristão e em Dilan. Havia na região duas pessoas influentes, Muhammad e Jafar, onde os alauítas eram a maioria. Jafar e Muhammad se aproximaram do alauíta Muhammad bin Ibrahim com o objetivo de chamá-lo para liderar o movimento. No entanto, Ibrahim não aceitou e sugeriu o nome de um outro alauíta para substituí-lo na liderança, o de Hasan bin Zaid, que passou a liderar o movimento. Ele combateu o exército do califado durante muito tempo e capturou o Tabaristão assim como a Geórgia. E, dessa forma, o governo da dinastia alauíta estabeleceu-se no Tabaristão. Ele governou a região até a sua morte, em 270 H. Seu sucessor foi seu irmão Muhammad bin Zaid. Essa dinastia também foi abolida pelos samânidas no ano de 316 H, correspondendo ao ano de 928 da era cristã.

## DINASTIA TULUNIDA DO EGITO

(254 a 292 H – 868 a 904 d.C.)

A dinastia tulunida do Egito também foi estabelecida durante o califado abássida, no ano de 254 H. Ela foi soberana em todo o Egito e Síria e governou por cerca de trinta e nove anos. O fundador dessa dinastia foi um turco, de nome Ahmad. O nome de seu pai era Tulun e por isso ele se chamava Ahmad bin Tulun. Tulun era um escravo turco que, no ano 200 H, foi mandado para Mamunur Rashid por um oficial de Bucara, de nome Nooh bin Asad Samani. Aos poucos, ele foi adquirindo conhecimento sob a supervisão e cuidados do califa abássida e finalmente transformou-se em um homem competente. Seu filho, Ahmad, nasceu no ano 200 H. Contudo, alguns dizem que Ahmad não era filho de Tulun e sim que tinha sido adotado. Qualquer que seja a verdade, no entanto não há como negar que Tulun amava Ahmad e o educou e criou como se fosse um filho de sangue. Ahmad recebeu uma educação primorosa, gostava muito de saber sobre os *ahadith* (As Tradições do Profeta) e não poupou esforços para aprender sobre eles. Por diversas vezes ele viajou a Tartus para aprender sobre os *ahadith*. Por natureza, ele era um homem virtuoso, temente a Deus, que gostava da companhia das pessoas boas e virtuosas. Graças ao convívio com essas pessoas ele se tornou um homem erudito, piedoso e muito religioso. Na comunidade turca não havia ninguém que fosse mais instruído, virtuoso e conhecido do que Ahmad bin Tulun. Ele tinha acesso direto ao califa e era muito respeitado e estimado na corte. Ele gozava de tanta confiança que não havia segredos oficiais de que não tivesse conhecimento.

De acordo com Ibn-e-Khalkan, Ahmad Ibn-e-Tulun foi um homem justo e eqüitativo. Ele amava e respeitava os homens eruditos e de saber. Era esperto, habilidoso e muito audacioso e valente. Estava sempre querendo saber das condições em que viviam as pessoas e sua mesa de

refeições estava sempre aberta tanto para os ricos como para os pobres. Ele distribuía mil *dinares* todo os dias. Quando a idade chegou, ele se transferiu para Tartus. Certa ocasião, quando ele estava chegando a Samarra, ou Sarraman Raya, para se encontrar com sua mãe, ladrões de beira de estrada atacaram sua caravana e levaram todos os pertences dos caravaneiros. Vendo isto, Ahmad desafiou e atacou os assaltantes sozinho e tudo o que eles tinham roubado ele tomou de volta. Entre os bens pilhados pelos ladrões e que foram tomados de volta estavam alguns valores pertencentes ao califa Musta'in billah. Esta ousadia e coragem de Ahmad o transformaram em um grande herói. O califa apreciou a valentia de Ahmad e o recompensou com uma gratificação de mil *dinares*. O califa também deu sua permissão para que ele o visitasse com frequência. E, dessa forma, Ahmad conquistou a proximidade do califa.

Quando, depois da morte de Musta'in, Mu'taz tornou-se califa, ele nomeou Ahmad bin Tulun como governador do Egito e, no mês de Ramadã do ano de 254 H, ele assumiu o cargo. Durante o período, Alexandria também estava incluída em seus domínios, e, conseqüentemente, seu poder, força, pompa e dignidade aumentaram bastante. A dinastia tulunida permaneceu no poder menos de quarenta anos e nesse tempo ela teve cinco governantes, que foram: Ahmad bin Tulun, Khumarvia bin Ahmad, Jaish bin Khumarvia, Harin bin Khumarvia e Shiban bin Ahmad bin Tulun. Como dissemos antes, o regime tulunida durou apenas trinta e nove anos e, mesmo sendo um curto período, a dinastia obteve grandes conquistas. Ela deixou várias marcas no mundo, sendo uma delas a Mesquita Tulun, no Cairo, construída pelos governantes tulunidas. A dinastia foi abolida no ano de 292 H, ou 904 da era cristã, e depois de seu fim, seus territórios voltaram a integrar o califado abássida.

## HAMADANS

**(293 a 406 H – 905 a 1015 d.C.)**

Os *hamadans* eram árabes e sua base ficava em Mosul porém, mais tarde, eles a mudaram para Alepo, na Síria. Os curdos e os carijitas que viviam em Mosul eram bastante indisciplinados e desordeiros, estavam sempre trazendo problemas e criando o caos. Aal-e (descendentes) de Hamadan Tughlabi também tinham se estabelecido em Mosul e tornaram-se pessoas influentes e poderosas e, por isso, no ano de 293 H, o califa abássida Muktafi nomeou Abu Alija Abdullah bin Hamadan como governante de Mosul e passou para o seu controle toda a região. No início do governo de Aal-e-Hamadan a paz e tranqüilidade prevaleceram na área. No entanto, logo depois de assumir o cargo, os curdos se rebelaram, dando início a uma série de combates. No entanto, Ibn-e-Hamadan foi bem sucedido e os curdos finalmente se renderam.

Entre os governantes *hamadan*, apenas um, Saifuddowla (233 a 256 H – 944 a 967 d.C.) merece ser citado. Ele enfrentou os romanos que estavam sempre atacando os muçulmanos e queriam destruí-los. Deve-se mencionar aqui que, por causa da guerra civil no mundo islâmico, os romanos pensaram em tirar vantagem da desunião entre os muçulmanos. Saifuddowla aproveitou a ocasião e barrou os avanços dos romanos na Ásia Menor. Embora seu regime representasse um poder menor, no entanto ele enfrentou os romanos com bastante vigor e eficácia. Além de sua ousadia e vigor, Saifuddowla foi um grande patrocinador do saber e da literatura. Mutabanni (915-965 H), um dos maiores poetas da língua árabe, e Farabi, o famoso filósofo, eram ligados à corte de Saifuddowla.

## **ZIARIDA OU DASMAGIR**

**(319 a 440 H)**

Foi uma dinastia persa que se estabeleceu no noroeste da Pérsia no ano de 319 H e que foi abolida no ano de 440 H. Apesar de sua duração não existe registro histórico referente às suas conquistas.

## **DINASTIA AKHSHIDA**

**(de 323 a 357 H – 935 a 968 d.C.)**

Depois da abolição do regime tulunida, o Egito e a Síria voltaram, mais uma vez, para o controle do califado abássida, mas apenas por alguns anos, porque a autoridade akhshida foi estabelecida na região no ano de 323 H. Era uma dinastia de origem turca e que foi abolida pelos fatimidas da África. Esta dinastia só teve uma personalidade digna de nota, que foi um indivíduo de nome Malik Kafur, que era muito hábil e um grande amante do saber.

Todas as dinastias e famílias governantes citadas acima não foram grandiosas e poderosas e por isso, nenhuma delas durou por muito tempo. Porém, além delas, houve algumas dinastias poderosas que fizeram história durante o califado abássida. É fato sabido que o califado abássida no período de seu maior progresso consistia de todo o mundo islâmico, que ia do Afeganistão e Turquia até a África, com exceção do Marrocos e da Espanha. No entanto, com o início de seu declínio, a unidade do califado abássida foi irremediavelmente quebrada. Vários governantes e governadores provinciais se aproveitaram da situação em seu próprio interesse e declararam a independência de suas províncias. Embora muitas dinastias não se mostrassem tão fortes, houve algumas que se

tornaram muito poderosas nesse período. O regime samânida está entre essas dinastias.

## **OS SAMÂNIDAS**

**(de 261 a 395 H – 874 a 999 d.C.)**

Esta dinastia se estabeleceu no ano de 261 H, 874 da era cristã, na Transpotânia. A família ficou conhecida pelo nome de Saman por causa de um ancestral de nome Asa bin Saman. Na verdade, foi uma dinastia persa. Seu primeiro governante independente foi Nasar bin Ahmad bin Asad. Além da Transpotânia, o Afeganistão e o Corassã também estavam incluídos em seus domínios e seu centro de atuação era Bucara. O governo samânida durou 124 anos e foi até o ano de 395 H. Neste período, a dinastia teve dez governantes e dentre esses, o mais conhecido e famoso foi Ismail Samani (279 a 297 H). Ismail foi um governante justo e virtuoso. Certa vez, ele soube que em Rayy, ou Rhages, os impostos eram medidos em balanças e o peso delas era maior do que o determinado para o objetivo. Ismail imediatamente abriu um inquérito onde ficou provado que a informação era verdadeira. Então, ele reformou as balanças e os pesos e ordenou que todas as quantias em dinheiro, injustamente recebidas a mais, fossem devolvidas às pessoas, sem mais delongas. O reinado de Nasar II ficou famoso pelo incentivo ao saber, ciências e literatura. Seu filho, Nuh, construiu uma grande biblioteca em Bucara, que era repleta de livros sobre vários assuntos. Para cada ramo do saber havia seções separadas. O famoso filósofo e médico, Ibn-e-Sina, tinha grande admiração pela biblioteca e a aclamou pelos valiosos livros ali guardados. Sobre Mansur I, o filho de Nuh I, Ibn-e-Haukal, o grande viajante, escreveu que ele foi um governante justo.

Uma das grandes realizações dos samânidas foi o fato de eles protegerem o estado das invasões de turcos desocupados. Com esse objetivo, eles construíram postos de vigilância nas várias localidades das fronteiras do norte.



Esses postos foram chamados de Rabat e voluntários se revezavam a cada hora, prontos para combater os invasores.

Durante o período samânida, o Islam foi largamente divulgado entre os turcos. No final do século IV da Hégira, o Islam estava presente em todo o Turquestão oriental, inclusive Kashghar e áreas adjacentes. No Turquestão do norte, o Islam disseminou-se até o vale do Volga, na Rússia.

### **OS GOVERNANTES SAMÂNIDAS**

Nasar I (261 a 279 H – 874 a 892 d.C.)

Ismail (279 a 295 H – 892 a 907 d.C.)

Ahmad (295 a 301 H – 907 a 913 d.C.)

Nasar II (301 a 331 H – 913 a 942 d.C.)

Nuh I (331 a 342 H – 942 a 954 d.C.)

Abdul Malik (343 a 350 H – 954 a 961 d.C.)

Mansur I (350 a 366 H – 961 a 976 d.C.)

Nuh II (366 a 387 H – 976 a 997 d.C.)

Mansur II (387 a 389 H – 997 a 999 d.C.)

Abdul Malik (389 a 395 H – 999 a 1005 d.C.)

### **REAÇÃO ORTODOXA**

Como vimos, o reinado de Mutawakkil ficou conhecido como o período de reação. As doutrinas mutazilitas tinham sido renegadas e seus professores, por sua vez, suportaram

as mais cruéis e vingativas perseguições. Igualmente forte foi o ódio que o califa demonstrava contra a Casa de 'Ali ou os alauítas. Ele chegou até a incentivar seus bufões a se vestirem como "O Leão de Allah", enquanto cantavam com desprezo "Vejam o valente barrigudo, o califa do Islam!" O túmulo de Husain foi destruído e o local saqueado. Mutawakkil também foi radicalmente hostil aos judeus e cristãos.

### **O Palácio de Samarra e o Cipreste de Kishmar**

O próprio califa foi um indivíduo extravagante, dissoluto e voluptuoso, e mandou construir nas vizinhanças de Samarra um novo palácio, cujos custos alcançaram somas incalculáveis. A lenda de Kishmar está ligada a este palácio, o qual foi destinado ao encontro de Zoroastro e do rei Gushtasp. Conta-se que para comemorar o evento com o sacerdote persa, foi plantado um cipreste que cresceu até atingir um tamanho prodigioso e que, por isso, foi considerado sagrado pelos seguidores de Zoroastro. No período de Mutawakkil, acreditava-se que a árvore tivesse 1450 anos de idade. O califa ordenou que a árvore fosse derrubada e, apesar das grandes quantias oferecidas para salvá-la, ela foi posta abaixo e transportada em pedaços para Samarra. Porém, conta a lenda que Mutawakkil foi assassinado por seu filho no dia em que os pedaços do cipreste chegaram ao palácio. Essa história, contudo, serve para mostrar que o zoroastrismo ainda era atuante na província então conhecida por Kohistan.

## **DINASTIA TAHIRIDA**

**(205 a 259 H – 820 a 872 d.C.)**

Já foi mencionado nesta obra o nome de Tahir, o famoso general de Ma'mun que governou o Corassã. Durante o reinado de seus filhos, Nishapur conseguiu ter

Merve como a capital daquela dinastia independente por mais de meio século. Os príncipes desta dinastia não eram ambiciosos e por isso não tentaram pescar em águas turvas. Quando, no ano de 259 H (872 d.C.), eles foram atacados pelos safaridas, ofereceram pouca resistência e a dinastia sucumbiu.

Não seria possível, e muito menos adequado, tentar fazer aqui um histórico mais detalhado sobre esta dinastia, ou mesmo dos samânidas, embora por outro lado tenha havido períodos de grande interesse e importância. Esse é o período que marca a transição do antigo para o novo, intimamente ligado a ambos, conforme esclarece registros preservados pelos historiadores árabes e persas e pelos registros bizantinos, sírios, armênios e judeus.

## **DINASTIA SAFARIDA**

Durante o califado de Mutawakkil, um certo Saleh bin Nasr, sob o pretexto de esmagar uma revolta dos carijitas, juntou uma equipe de homens no Sistan e ocupou a província. O príncipe tahirida marchou pessoalmente para o Sistan e conseguiu acabar com a luta entre Saleh e os carijitas. No entanto, depois do retorno do príncipe, Saleh mais uma vez saiu em campo e ocupou a província aparentemente sem ser molestado.

Entre seus mais fiéis adeptos, havia um homem de nome Yaqub bin Lais, também conhecido por *Saffar*, por causa do comércio com cobre realizado por sua família. Este homem extraordinário foi notado por suas aventuras quando ainda era uma criança e também ficou conhecido por sua generosidade. Sua coragem lhe trouxe mais sucesso e um grande número de seguidores também. No ano de 247 H (861 d.C.), o ano em que Mutawakkil foi assassinado, Yaqub bin Lais tornou-se comandante do exército de Sistan, sob a autoridade do sucessor de Saleh, porque ele tinha colocado

seus seguidores à disposição de Saleh, no ano de 247 H (861 d.C.). A primeira vitória de Yaqub foi a captura de Herat, em 253 H (876 d.C.). Depois de invadir Herat, ele capturou Kerman e, em seguida, atacou Faras e assim, rapidamente ele se tornou governante de um extenso reino. Então, ele estabeleceu uma dinastia de curta duração mas que é lembrada pelos persas com muito afeto e respeito, porque é considerada a primeira dinastia persa depois da conquista árabe. Esta dinastia espalhou-se desde o Sistan, o lar de Rustam e da linhagem *keianiana*.

Deve-se mencionar que, depois de nove anos de anarquia, Mu'tamid (256 a 279 H – 870 a 892 d.C.) foi o último filho sobrevivente de Mutawakkil, o califa abássida. Após Mu'tamid ser eleito califa, a corte retornou para Bagdá, onde a influência turca parecia ter diminuído. Durante o reinado de Mu'tami, foi seu irmão Muaffak quem realmente governou o califado e, assim, o aparentemente moribundo califado ganhou um novo vigor e prestígio.

Retornemos, agora, a Yaqub bin Lais e sigamos sua carreira mais de perto. No ano de 257 H (871 d.C.), Yaqub despachou um enviado a Muaffak, com instruções de dizer que seu mestre (Yaqub) se considerava um humilde servo do califa, a quem ele propunha oferecer seus respeitos em pessoa. Como era de boa política manter Yaqub o mais longe possível de Bagdá, o califa lhe concedeu o governo de Balkh, Tokharistan e outras distantes províncias orientais. Fortalecido por esta nomeação como alto funcionário do califado, Yaqub foi vitorioso por toda parte. Ele capturou a distante Cabul, juntamente com seu rei turco, que era budista. Por fim, o Sistan aventureiro se aprontou para atacar o príncipe tahirida que, ao que parecia, tinha sido um espectador passivo de muitas de suas províncias e não ofereceu uma grande resistência. Tendo dominado o Corassã, Yaqub continuou sua campanha e atacou o Tabaristão. Em Sari, ele derrotou Hasan bin Zaid, um príncipe alauíta independente mas ao perseguiu-lo em

direção a Gilan, ele perdeu a maioria de seus homens nos pântanos pestilentos e foi obrigado a retornar a Sistan.

Depois dessas campanhas, Yaqub se tornou senhor de metade da Pérsia, além de várias províncias orientais. Ele ficou tão exultante com o sucesso de suas aventuras que, em 262 H (875 d.C.), ele decidiu acabar com o califa. Ele pediu formalmente a província de Fars. Em resposta, o califa recusou terminantemente a concordar com o pedido e o demitiu do cargo de governador do Corassã. Yaqub, de imediato, avançou para Bagdá e quando se aproximava da capital ele enfrentou Muaffak, que o derrotou provocando pesadas perdas. Todo o acampamento de Yaqub foi destruído pelas forças reais, mas ele não desistiu. Retirando-se para Fars, mais uma vez preparou um novo exército. Sua autoconfiança era tão grande que ele recusou a assistência do líder *zanj* e respondeu a ele com as palavras do Alcorão: “Eu não adoro o que adorais e nem adoras o que eu adoro.”

Três anos mais tarde, em 265H (878 d.C.), o califa mandou uma missão de amizade a Yaqub mas quando a missão chegou ele já estava à beira da morte. Naquele momento, foi preparado cebolas e uma côdea de pão para ser servido como seu jantar. E foi nesse estado que ele recebeu o enviado do califa e entregou a ele a seguinte resposta.

“Se eu viver, a espada decidirá entre nós; se eu conquistar farei o que me agrada; se você for vitorioso, cebolas e pão serão meu destino; e nem você e nem a fortuna triunfarão sobre um homem afeito a morrer assim.”

Depois da morte de Yaqub, seu irmão, Amir, selou a paz com o califa e governou o Corassã e outras províncias durante seis anos como seu substituto. Então, ele foi demitido por Mu'tamid, que depois de exterminar os *zanj*, sentiu-se forte o bastante para lidar com ele. Ele buscou abrigo em Nishapur, mas a província tinha sido concedida a

um certo Raf-e-bin Harsama, que derrotou o safarida e o empurrou de volta para o Sistan.

Porém, no ano de 279 H (870 d.C.), quando Mu'tamid foi sucedido por Mutazid, Amr foi nomeado, mais uma vez, para o Corassã. Em 283 H (896 d.C.), Amr se apossou de Nishapur e derrotou Raf-e, o capturou e matou, mandando sua cabeça para Bagdá. Depois disto, a dinastia teve um fim rápido, embora continuasse no Sistan por mais alguns anos e no Baluquistão por séculos.

## CAPÍTULO XII

### OS ISMAELITAS

Como dissemos antes, o artigo fundamental da crença xiita é a doutrina do imamato, segundo a qual somente um dos descendentes de 'Ali (r.a.a.) deverá ser investido da suprema liderança espiritual. De acordo com a crença, dotados de atributos semidivinos e sobrenaturais, os primeiros seis *Imames* até *Imam Ja'far Sadiq* (morto em 765 d.C. durante o califado de Mansur), são universalmente aceitos. No entanto, depois de Ja'far, os xiitas se dividiram em duas facções porque Ja'far, em primeira instância, tinha designado seu filho Ismail para sucedê-lo. Contudo, mais tarde, ele decidiu cortá-lo da sucessão espiritual em favor de um outro filho seu, Musa, conhecido como *Imam Kazim*. Ao que tudo indica, a razão para esta decisão foi o fato de Ismail ter provado uma coisa proibida, o vinho. Um pouco depois disto, e ainda durante a existência de Ja'far, Ismail, o filho deserdado, morreu. Porém, a decisão de deserdá-lo dividiu os xiitas. Embora um grande número deles seguisse Musa Kazim, no entanto uma minoria considerável permaneceu fiel a Ismail, ou antes, a seu filho Muhammad, porque Ismail nunca chegou a ser *Imam*. A partir daquele momento, esta minoria de xiitas ficou conhecida como *Sabeyi*, ou os seguidores dos sete *Imames*. Este grupo é mais conhecido como *Ismaelita*. O outro grupo, que é majoritário, é chamado de *Isna-e-Ashri*, ou os seguidores dos doze *Imames*.

No entanto, existem outros grupos xiitas, a *Kaisanya* e a *Zaidiya*, que reconhecem como *imames* não só os descendentes de Hasan, o irmão mais velho de Husain, mas também de seu meio-irmão, Muhammad bin Hanafia, que não descendia de Fátima, a filha do Profeta (s.a.w.).

Os ismaelitas, ou *Sabeyi*, também tem várias subdivisões, inclusive a *Malaheda*, ou Heréticos, como seus opositores o chamam.

É preciso reconhecer que muitos dos preceitos ismaelitas foram tomados emprestados dos mu'tazilitas que, entre outras coisas, proclamavam a doutrina do livre arbítrio. Então, com o desaparecimento dos fatimidás (que será tratado mais tarde), que trouxe para o Egito o triunfo dos ismaelitas, terminou uma era de prosperidade e esplendor.

### **Os Carmatianos**

O primeiro divulgador da crença ismaelita no Iraque foi um homem chamado Hamadan. O sobrenome dele era Qarmat, motivo pelo qual os seguidores de sua doutrina passaram a ser chamados de carmatianos. Ele propôs ao líder *zanj*, ou o "libertino", como ele o chamava, que se juntasse aos seus milhares de adeptos, mas o líder não aceitou a proposta, tendo em vista as divergências em relação aos princípios do grupo. Pouco se sabe sobre a vida de Qarmat, contudo ele morreu nas mãos de um assassino. Mais tarde, os filhos de um certo Zacaria, e depois da prisão e execução deles, o próprio Zacaria, se tornaram líderes do grupo e se dedicaram a travar guerras selvagens.

No início do século IV da Hégira, Basra foi tomada de assalto por Sulaiman, um fanático. Em seguida, Kufa também foi atacada e a terrível anarquia que se seguiu culminou com o saque de Meca, no ano de 317 H (929 d.C.) e o roubo da *Hajar Aswad*, ou Pedra Negra, da Caaba. Depois disto, a tempestade amainou e o movimento carmatiano se enfraqueceu pelas dissensões internas. É fato documentado que, no ano de 396 H (985 d.C.), Multan era governada por um carmatiano, o que mostra até que ponto chegaram o poder e a influência deles. Este grupo combateu a sociedade e sua doutrina continuou a ser pregada na Pérsia.



Como vimos anteriormente, mais poderosa do que as famílias tahirida ou safárida, foi a dinastia samânida que floresceu por um pouco mais de um século apenas. O fundador desta dinastia foi Saman, um nobre persa de Balkh, que descendia de Bahram Chubin. A figura mais capaz e eficiente da família foi Ahmad, que foi sucedido por seu filho, Nasr. Parece que depois da queda dos tahiridas, os samânidas mantiveram sua posição talvez graças a um arranjo feito com Yaqub bin Lais, cujos detalhes permaneceram obscuros.

Nasr e seu irmão Ismail estavam de posse das províncias através do Oxus. Ismail possuía uma notável capacidade militar, porém os dois irmãos divergiram e na guerra civil que se seguiu, Ismail saiu vitorioso. Demonstrando uma fantástica generosidade, ele permitiu que Nasr ficasse com o governo até sua morte em 279 H, 892 d.C.

Depois de combates violentos, a campanha terminou no ano de 288 H, 900 d.C., com o cerco e captura de Balkh, em que Amr foi feito prisioneiro.

Quando a dinastia samânida estava em seu auge, Ismail começou sua carreira de conquistas, que elevou seu território à categoria de reino. A primeira campanha de Ismail foi uma guerra contra o assentamento cristão de Taraz, resultando em sua conquista e na conversão do governante e dos principais habitantes ao Islam. A derrota e captura de Amr foi o ponto culminante da carreira de Ismail. Ele foi recompensado pelo Califa que o nomeou para governador do Corassã, Turquestão, Transpotânia, Sin, Hind e Jurgan.

Ismail escolheu Bucara para ser a sua capital. Seu forte data da época deste grande samânida que reuniu em torno de si uma plêiade de brilhantes poetas, historiadores e doutores da lei.

O soberano militar não viveu para ver o fim desta dinastia orgulhosa mas Abdul Malik, o último desta linhagem foi seqüestrado por Ilak Khan, da dinastia turca, já mencionada acima, e jogado na prisão aonde veio a falecer. Abdul Malik foi capturado no ano de 389 J, 999 d.C., e esta data marca a queda da dinastia samânida, depois de uma existência esplêndida e sem paralelo, que durou exatamente um século e um quarto.

## **DINASTIA ZIYARIDA**

**(316 a 434 H – 928 a 1042 d.C.)**

Durante o reinado do governante samânida Nasr II, a província do Tabaristão foi recuperada da Casa de 'Ali, por Hasan bin Ali Utrush. No entanto, alguns anos mais tarde, um certo indivíduo de nome Mardawij bin Ziyar, conseguiu cercar e ocupar Isfahan e o país além de Hamadan até Holwan. Lá, ele estabeleceu uma dinastia que se destacou pela devoção ao aprendizado e que durou por mais de um século, embora nenhum membro, exceto seu fundador, tenha desempenhado um papel principal no cenário da história. O mais conhecido de seus sucessores foi Qabus (366 a 403 H – 876 a 1012 d.C.). Ele foi patrono de Al-Biruni, que dedicou a ele sua famosa “Cronologia das Nações Antigas”. Al-Biruni morou na corte de Qabus durante vários anos. Qabus também era um poeta razoável e escrevia tanto em árabe como em persa. Sua carreira foi extremamente variada. Ele protegeu Fakhruddowla, um dos príncipes buaídas, dos seus irmãos, os poderosos Azud-dowla e Muayyidud-dowla e, como conseqüência, Qabus foi expulso de seu principado por vários anos. No entanto, depois de seu retorno, embora ele fosse famoso por seu conhecimento, generosidade, piedade, magnanimidade, sabedoria, prudência e inteligência, seus nobres o depuseram e mais tarde o mataram. Seu túmulo encontra-se fora de Gurgan, a caminho do Corassã.

O neto de Qabus, Keikus bin Iskandar bin Qabus foi o autor do famoso “*Qabus Nama*”, que mostra princípios de vida de uma forma encantadora e foi traduzido para a língua francesa.

### **Os Aglábidas (316 a 434 H – 928 a 1042 d.C.)**

Depois de Mansur, o segundo califa abássida, o Marrocos não mais permaneceu sob o domínio do califado. No reinado de Harun al-Rashid, mais alguns países africanos (correspondendo aos atuais Trípoli, Tunísia e Argélia), também se tornaram independentes do califado central. Tendo em vista que esses territórios localizavam-se longe de Bagdá, administrá-los e fiscalizá-los tornou-se tarefa muito difícil. No entanto, Harun confiou o governo dessas regiões a um indivíduo de nome Ibrahim bin Aghlab e a seu filho. Desta forma, surgiu uma nova dinastia governante na África que ficou conhecida como “dinastia aglábida”.

Apesar de os aglábidas se dizerem independente, a dinastia aceitava a autoridade de Bagdá e pagava, regularmente, os tributos anuais.

A capital aglábida era Cairuã, uma cidade fundada por Aqaba bin Naf-e. Durante o período aglábida, esta cidade tornou-se o maior centro de ensino da África do Norte. Uma das maiores realizações dos aglábidas foi a conquista da Sicília, que se transformou em um grande centro da força naval. Além da Sicília, uma parte considerável da Itália também foi capturada e mantida sob o controle dos muçulmanos. Conta-se que a força naval aglábida era a segunda em poder e tamanho do mar Mediterrâneo. Esta dinastia durou por cerca de um século.

## CAPÍTULO XIII

### OS BUAÍDAS, OU DINASTIA DAYLAMITA

(320 a 447 H – 932 a 1055 d.C.)

O fundador da dinastia ziyarida, quase que sem o saber, ajudou a fundar uma outra dinastia muito mais poderosa do que a sua própria, ao conceder o cargo de governador de Karaj, um distrito ao sul de Hamadan, a Ali bin Buwayha, que, ajudado por seus dois irmãos, logo estendeu seu poder para o sul até à província de Fars, que acabou sendo ocupada por ele. Como essa família fosse oriunda de uma tribo persa de nome *daylam*, seus membros também ficaram conhecidos por "*daylamitas*". A família se dizia descendente de Bahram Gur e professava a doutrina xiita. Ali bin Buwayha parece ter sido um privilegiado da boa sorte. Após conquistar Fars, certo dia, ele estava recostado sobre uma almofada no palácio de Shiraz quando viu uma cobra saindo de um buraco. Ele quis botar abaixo a parede e mandou chamar os pedreiros da corte que, ao executarem o trabalho, descobriram uma câmara secreta repleta de riquezas. Tratava-se de todo o tesouro de Yakub, o governador deposto, que tinha sido escondido ali.

O califa abássida foi obrigado a reconhecer os conquistadores como seus tenentes. Depois de organizar as províncias capturadas, Ahmad, o irmão de Ali, dirigiu-se primeiro para o oeste e anexou o Khuzistão e finalmente entraram em Bagdá, no ano de 334 H, 945 d.C. Ao chegar lá, o califa foi obrigado a dar-lhe o título de *dowla* e a posição de *Amirul Umara*, o emir dos umaras, que pertencia a família há várias gerações. Contudo, o indigitado califa foi deposto e seus sucessores se transformaram em fantoches nas mãos dos buaídas, que mantiveram todos os poderes por cerca de um século.

Muizzud-*dowla* morreu no ano de 356 H, 967 d.C., e o próximo membro da dinastia foi Adadud-*dowla*, que assumiu o posto de ministro do califa fantoche e governou o Iraque e o Fars. Suas operações contra seu irmão Fakhrud-*dowla* já foram referidas na ligação com Qabus. Ele foi um príncipe excepcionalmente esclarecido, que incentivou os peregrinos, renovando os prédios sagrados de Meca, Medina, Najaf e Kerbala. Além do mais, ele construiu hospitais para a população de Bagdá, nomeou médicos para esses hospitais que recebiam salários regulares. Remédios e outros equipamentos hospitalares foram comprados pelo estado. Também em Fars, suas obras públicas foram numerosas e uma delas foi uma represa no rio Kur, que ainda existe e é conhecida como *Band-e-Amir*, ou Represa de Amir.

Os reinados de curta duração de quatro califas, Al-Qahir, Ar-Radi, Al-Muttaqi e Al-Mustakfi, foram particularmente notáveis pela ascensão do poder buaída, e dos quais, o primeiro já foi mencionado. Com a ajuda de seus soldados *daylami* e *gilani*, os três filhos de Buwayha-Ali, Imadul-*dowla*, Hasan Ruknud-*dowla* e Ahmad Muzzud-*dowla*, sucessivamente, subjugaram Isfahan, Arrjan, Nawbandjan, Kazarian, Shiraz, Kirman e Ahwaz e, então, conseguiram o controle efetivo sobre Bagdá. Os buaídas foram patronos generosos da literatura e ciências. A filosofia, cujo estudo tinha sido sufocado, renasceu mais uma vez e logo encontrou sua expressão na Ikhwanus-Safa (Irmãos da Pureza). Em suas séries de cinquenta e um trechos, as ciências física e metafísica da época foram tornadas amplamente acessíveis aos leitores estrangeiros.

Como os buaídas fossem xiitas, eles foram os primeiros a apresentar no mundo islâmico a Tazia, e a realizar outras funções durante os dias do mês de Muharram.

A decadência da dinastia começou com a morte de Adadud-*dowla* e com Mahmud de Ghazna preparando-se para atacar Rei, que durante a menoridade de Majdud-

*dowla*, era governada por sua mãe. Mahmud despachou um enviado com a missão de exigir da mulher sua submissão a ele. Em resposta à exigência dele, ela mandou a seguinte mensagem: “Se essa exigência nos tivesse sido feita enquanto o meu senhor estava vivo, isto teria causado sérios problemas porém, não é mais o caso. Eu conheço o sultão Mahmud e sei que ele jamais empreenderia uma campanha sem antes pesar todos os riscos possíveis. Se ele atacar e conquistar uma mulher fraca, que glória poderá significar uma vitória dessa natureza? No entanto, se ele for repellido, as próximas gerações saberão de sua vergonha.”

Se Mahmud ficou balançado ou não com os argumentos apresentados, o fato é que ele adiou seu projeto para quando Majdud-*dowla* atingisse a maioridade. No ano de 387 H, 997 d.C., ele enviou um exército que se apoderou do príncipe buaída e ocupou o Corassã e Kumis. A família, no entanto, ficou com o sul da Pérsia e Iraque por algum tempo, até entrar em cena Seljuk e acabar o governo da dinastia buaída.

### **A Dinastia de Ghazna – (351 a 582 H – 962 a 1186 d.C.)**

Durante o governo de Abdul Malik, o samânida, havia um certo escravo turco, cujo nome era Alptagin. Depois da morte do monarca, ele se retirou para Ghazna, nas montanhas Sulaiman, onde seu pai tinha sido governador. Lá, por sua vez, ele, com seu filho e seu escravo Balkatigin, governou na obscuridade. O verdadeiro fundador da famosa dinastia foi Subuktagin, um outro escravo que chegou ao poder através de seu casamento com a filha de Alptagin. Este homem verdadeiramente notável estendeu seu insignificante território tanto para o leste quanto para o oeste. Por um lado, ele derrotou os rajputs da Índia, ocupando Peshawar, e do outro, ele derrotou Nuh, o monarca samânida.

Subuktagin foi sucedido por seu filho Mahmud, uma das maiores figuras surgidas na Ásia Central. Suas

dezessete, ou conforme alguns, doze campanhas, na Índia, e seu fervor pelo Islam granjearam-lhe o título de “Destruidor de Ídolos”. Suas aventuras na Índia fogem aos objetivos desta obra, porém, a ocupação do Corassã pertence a esta parte da história. Em Sistan, o conquistador encontrou um homem, Khalaf, o neto de *Amrul* Lais, que tinha tomado a província de Kerman por algum tempo. Sobre ele conta-se que, a fim de induzir a população de Sistan a apoiá-lo em seus projetos, ele providenciou para que seus enviados fossem envenenados em Kerman, criando, assim, o pretexto para vingar a “afronta”.

Segundo a lenda, Mahmud poupou a vida de Khalaf, que conquistou seu coração dirigindo-se a ele como “Sultão” e que passou sua vida como “Mestre do Cavalo” para o “Destruidor de Ídolos”. Mais tarde, no ano de 398 H, 1007 d.C., o Corassã foi invadido por Ilak Khan, o destruidor da dinastia samânida, que aproveitou que Mahmud estivesse ausente da Ásia Central. Porém, o grande soldado rapidamente retornou e em um combate desesperado perto de Balkh, obteve uma vitória decisiva, expulsando os invasores para o Oxus. Alguns anos mais tarde, ele também anexou Bucara e Samarcanda. A última campanha de Mahmud foi dirigida contra a dinastia buaída e depois da captura de Isfahan, ele voltou para Ghazna, aonde veio a falecer no ano de 421 H, 1030 d.C.

É interessante notar como ele desejava intensamente ser reconhecido pelo califa. Ele enviou para Bagdá um relato sobre suas vitórias, acompanhado de esplêndidos presentes. Em troca, Mahmud recebeu títulos que lhe deram muita satisfação.

Logo após a morte de Mahmud, as províncias ocidentais deste extenso império foram anexadas pelos seljúcidas. Tendo em vista que a dinastia se voltava muito mais para o oriente, tornou-se tão identificada com a Índia que a cidade de Lahore foi escolhida como a capital dos últimos príncipes ghaznavidas.

## CAPÍTULO XIV

### OS FATIMIDAS

(De 297 a 567 H – 909 a 1171 d.C.)

A terceira maior dinastia do período foi a fatimida. Seu fundador foi um certo Obaidullah. Sua família, que alegava ser descendente de Fátima, a filha do Profeta (s.a.w.), ficou conhecida como fatimida. Quase todas as dinastias estabelecidas antes dos fatimidas, apesar de serem independentes, aceitavam a autoridade e soberania do califado abássida e incluíam o nome do califa nas *khutbas* (sermões), mas os fatimidas excluíram o nome do califa de suas *khutbas* para sempre.

Embora a posição política e religiosa assumida pelos xiitas já tenha sido razoavelmente discutida, temos que analisar alguns desenvolvimentos dessa escola de pensamento que desempenhou um grande papel na história do mundo muçulmano e a qual, portanto, nos referiremos repetidas vezes daqui para frente.

De um modo geral, os xiitas são unânimes em sua veneração a 'Ali e no reconhecimento dos *imames* da Casa de 'Ali como representantes de Deus, dotados de poderes sobrenaturais e líderes indicados divinamente, cujo direito à fidelidade deriva diretamente do céu e não de qualquer acordo ou eleição promovida pela *Ummah*. Em resumo, eles podem ser descritos como os partidários do princípio do Direito Divino, em oposição ao princípio da eleição democrática.

Até o sexto Imam Ja'far Sadiq, o neto de *Imam Husain*, Os Doze Imames e Os Sete Imames concordam no que se refere à sucessão de seus pontífices. Porém, quando Imam Ja'far cancelou a nomeação inicial de seu filho Ismail



para indicar, como sucessor, o nome de seu outro filho, Musa Kazim, surgiu a divergência entre os xiitas e, em decorrência, foram criadas duas subdivisões, a *Isna-e-Ashari* (os Doze) e a *Sabeyi* (os Sete). Ismael morreu quando seu pai ainda estava vivo, mas, mesmo assim, sua morte não conseguiu pôr um fim às diferenças. Algumas afirmações dão conta de que ele não teria morrido realmente e que retornaria um dia. Outros alegavam que a indicação teria sido feita com o objetivo de transmitir o Imamato, através dele, ao seu filho Muhammad, a quem eles consideravam como o sétimo e o último e perfeito *imam*. Os *Sabeyi* também se autodenominam como ismaelitas porque, na verdade, eles são adeptos e seguidores de Ismael e, de acordo com a interpretação de alguns, a palavra *Assassin* foi derivada daí.

Entre os ismaelitas havia um certo Abdullah bin Maimun al-Qaddah, a quem, de um modo geral, é atribuída a origem do poder ismaelita, da organização e do verdadeiro parentesco dos califas fatimidas do norte da África e do Egito. Na obra "*Fihrist*" (Farishata), Abdullah bin Maimun al-Qaddah era um nativo de Ahwaz e seu pai, Maimun, o oculista, foi o fundador da seita *Maimunia*, um ramo da *Khattabia*, que pertencia ao *Ghulat*, ou xiitas extremos, que ensina que os *imames*, principalmente Imam Ja'far, o sexto imam, seriam encarnações divinas. Abdullah se dizia Profeta. De acordo com o autor de *Fihrist*, Abdullah transferiu sua residência para Askar Mukram, de onde foi obrigado a fugir para Sabat Abi Nuh, depois para Basra e, finalmente, para Salamia, próxima a Hums (Emessa), na Síria. Lá, ele comprou terras e começou a mandar seus *Dais* (propagandistas) percorrer a região em torno de Kufa. Lá, sua doutrina foi bem recebida por um certo Hamadan bin Al-Ashath (ou Ashas), de Quss Bahrain, apelidado de Qarmat, e que se tornou Propagandista-Chefe da seita. Seus seguidores, por conseqüência, passaram a ser conhecidos por *qarmati*, ou carmatianos.

Abdullah bin Maimun morreu no ano de 261 H (974 d.C.), e foi substituído, primeiro por seu filho Muhammad, em segundo por um outro filho, ou irmão, Ahmad, e por último por Sa'id bin Husain bin Abdullah bin Maimun al-Qaddah. O terceiro sucessor nasceu no ano de 260 H, em Salamia, e colheu os frutos do esquema ambicioso planejado e amadurecido por seus predecessores.

No ano de 297 H, 909 d.C., Abu Abdullah soube, por parte de seu *Dai*, que os berberes do norte da África estavam impregnados pela doutrina ismaelita e que esperavam ansiosamente pela vinda do *Imam*. Então, ele partiu para lá e afirmou ser o bisneto de Muhammad bin Ismail e o *Mahdi* prometido. Ele tomou o nome de Abu Muhammad Ubaidullah e se colocou à frente de seus entusiásticos partidários. Ele acabou com a dinastia aglábida, conquistou grande parte do norte da África e tomou a recém-fundada cidade de Mahdiya como sua capital, inaugurando, assim, sua dinastia, que tomou o nome de Fatimida, tendo em vista que eles se diziam descendentes diretos de Fátima. Sessenta anos mais tarde (em 356 H, 969 d.C.), o Egito também foi arrebatado por eles da Casa de Ikhshida e, no final daquele século, a maior parte da Síria estava em mãos deles. Este grande poder foi representado por quatorze anticalifas e encontrou o seu fim no ano de 567 H, 1171 d.C., com Saladino.

A autenticidade da genealogia reivindicada pelos fatimidas tem sido muito discutida e as evidências parecem pesar fortemente contra a idéia. Não há dúvida de que o verdadeiro ancestral dos fatimidas foi Abdullah bin Maimun al-Qaddah, e não 'Ali e Fátima, conforme pretendido. Se os governantes fatimidas eram ou não descendentes do Profeta (s.a.w.) por intermédio de sua filha Fátima, o fato é que, como veremos mais tarde, pelo menos um de seus mais talentosos propagadores na Pérsia, o poeta e viajante Nasir-i-Khusraw, certamente acreditava na veracidade da genealogia fatimida.

Em relação ao regime fatimida, apesar de alguns atos isolados de crueldade e violência inevitáveis naqueles dias, no geral ele foi liberal, benéfico e favorável ao saber. A doutrina ismaelita era ensinada abertamente nas universidades do Cairo, que eram ricamente dotadas de bibliotecas. Houve uma grande tolerância em relação à liberdade credo. Mu'izz, o quarto e maior califa fatimida (341 a 365 H – 952 a 975 d.C.) permitiu que os cristãos discutissem abertamente suas doutrinas. Mu'izz mandou reconstruir com recursos próprios a igreja de São Mercúrio, em Futat, que se encontrava em ruínas.

Depois da morte de Mu'izz, ascendeu ao trono seu filho Aziz (365 a 386 H – 975 a 996 d.C.), que também foi um hábil governante. Durante seu reinado, Síria, Hijaz e Iêmen foram anexados ao regime fatimida.

Como vimos antes, Abu Muhammad Ubaidullah foi o fundador da dinastia fatimida no norte da África e escolheu a cidade de Mahdia como a capital dos fatimidas. Sessenta anos mais tarde (356 H – 969 d.C.), o Egito também foi incluído nos domínios do reino fatimida. Foi nessa época que, próximo a Fustat, foi fundada a cidade do Cairo, atual capital do Egito, assim como a Universidade de Al-Azhar também. Mais tarde, a capital dos fatimidas foi transferida de Mahdia para o Cairo. No começo, Al-Azhar era apenas uma mesquita que depois se transformou em uma *madrasa* para a instrução religiosa e, finalmente, se tornou a maior universidade islâmica do mundo.

Os fatimidas tinham criado uma grande força naval que foi fundamental para a ocupação da Sicília e do sul da Itália de onde, freqüentemente, atacavam Gênova e outras partes de Nápoles. A força naval européia não se comparava à marinha fatimida. Durante o período samânida ou dos buaídas, o saber, o aprendizado e a literatura não floresceram muito mas sob o governo fatimida a cidade do Cairo conheceu um grande desenvolvimento. Foram construídos na cidade vários arranha-céus belos e amplos,

alguns dos quais ainda hoje servem de testemunho dessa época.

## NASIR KHUSRAW

Como vimos nas páginas anteriores, Nasir-i-Khusraw foi um grande poeta e viajante que viveu durante o período fatimida. Ele recebeu o elevado título de *Hujjat* (Prova) do Corassã. Nasir era um homem de natureza ardorosa e muito sincero. Nasir-i-Khusraw encontrava-se no Cairo na metade do século XI, sob o reinado de al-Mustansir, o oitavo califa fatimida. Sobre o regime fatimida, disse ele:

“O sultão goza da absoluta confiança de todos. Ninguém teme os espiões, pois sabem que o sultão não é opressor. Ninguém deseja ou ambiciona os bens de quem quer que seja. Lá eu vi pessoas comuns na posse de grande fortunas de uma tal forma que se eu falasse ou descrevesse o que vi os persas se recusariam a acreditar em minhas afirmações. Em nenhum outro lugar vi tanta prosperidade como eu vi por lá.”

Sobre a cidade de *Trablas-ash-Sham* (Trípoli da Síria), no Líbano, Nasir escreve:

“A população desta cidade é de cerca de vinte mil habitantes. Os prédios daqui são quatro. Travessas, ruas e mercados da cidade são bastante elegantes e limpos. O papel que é fabricado aqui é melhor do que o de Samarcanda.”

Ele também admira as cidades de Said Sur e outras, além das indústrias de qualidade superior, especialmente as de cerâmica e vidro.

Como qualquer dinastia governante poderosa sempre acaba encontrando o seu fim, também assim aconteceu com os fatimidas.

Este grande poder foi extinto por Saladino no ano de 567 H, 1171 d.C.

A seguir, relacionamos os nomes dos califas das três importantes dinastias:

## **OS SAMÂNIDAS**

**(261 a 395 H – 874 a 1005 d.C.)**

1. Nasar I (261 a 279 H – 874 a 892 d.C.)
2. Ismail (279 a 295 H – 892 a 907 d.C.)
3. Ahmad (295 a 301 H – 907 a 913 d.C.)
4. Nasar II (301 a 331 H – 913 a 942 d.C.)
5. Nuh I (331 a 342 H – 942 a 954 d.C.)
6. Abdul Malik (342 a 350 H – 954 a 961 d.C.)
7. Mansur I (350 a 366 H – 961 a 976 d.C.)
8. Nuh II (366 a 387 H – 976 a 997 d.C.)
9. Mansur II (387 a 389 H – 997 a 999 d.C.)
10. Malik II (389 a 395 H – 999 a 1005 d.C.)

## **OS BUAÍDAS**

**(320 a 447 H – 934 a 1055 d.C.)**

1. Imadud-dowla (320 a 338 H – 934 a 949 d.C.)
2. Ruknud-dowla (338 a 366 H – 949 a 977 d.C.)
3. Adadud-dowla (366 a 372 H – 977 a 983 d.C.)
4. Samsamud-dowla (372 a 376 H – 983 a 986 d.C.)
5. Sharafud-dowla I (376 a 379 H – 986 a 989 d.C.)
6. Bahaud-dowla (379 a 402 H – 989 a 1011 d.C.)
7. Sultanud-dowla (402 a 411 H – 1011 a 1020 d.C.)
8. Sharafud-dowla II (411 a 416 H – 1020 a 1025 d.C.)
9. Jalalud-dowla (416 a 435 H – 1025 a 1043 d.C.)
10. Abukalinjar (435 a 440 H – 1043 a 1048 d.C.)
11. Malekur-Rahim (440 a 447 H – 1048 a 1055 d.C.)

## OS FATIMIDAS

(De 297 a 567 H – 909 a 1171 d.C.)

- |                 |                                  |
|-----------------|----------------------------------|
| 1. Mahdi        | (297 a 322 H – 909 a 934 d.C.)   |
| 2. Qaim         | (322 a 334 H – 934 a 945 d.C.)   |
| 3. Mansur       | (334 a 341 H – 945 a 952 d.C.)   |
| 4. Mu'izz       | (341 a 365 H – 952 a 975 d.C.)   |
| 5. Aziz         | (365 a 386 H – 975 a 996 d.C.)   |
| 6. Hakim        | (386 a 411 H – 996 a 1020 d.C.)  |
| 7 Zahir         | (411 a 427 H – 1020 a 1035 d.C.) |
| 8. Mustansir I  | (427 a 487 H – 1035 a 1094 d.C.) |
| 9. Mustansir II | (487 a 495 H – 1094 a 1101 d.C.) |
| 10. Amir        | (495 a 524 H – 1101 a 1130 d.C.) |
| 11. Hafiz       | (524 a 544 H – 1130 a 1149 d.C.) |
| 12. Zafir       | (544 a 549 H – 1149 a 1154 d.C.) |
| 13. Faiez       | (549 a 555 H – 1154 a 1160 d.C.) |
| 14. Aa'dwid     | (555 a 567 H – 1160 a 1171 d.C.) |

O personagem mais conhecido da dinastia fatimida foi Hakim Biamrillah (aquele que governa por ordem de Allah). Ele alegava possuir honras divinas e possivelmente, em uma imitação do décimo segundo Imam, ele desapareceu da terra ou talvez tenha sido assassinado. Cabe notar que seus adeptos, os drusos, sobreviveram até os nossos dias sob a forma de uma seita no Líbano. Os drusos têm seu nome originado de al-Duruzi, que foi *wazir* de Hakim.

### Características Gerais da Dinastia Abássida

As características gerais da dinastia abássida e a natureza das forças que contribuíram para o seu estabelecimento e a conseqüente destruição dos omíadas, foram, até certo ponto, discutidas anteriormente. Cabem aqui, no entanto, algumas observações de Sir William Muir. Ele salienta três aspectos, em particular, que fazem a

diferença em relação aos omíadas. Primeiro, que o califado já não era mais tão extenso quanto antes, uma vez que a Espanha jamais aceitou a autoridade abássida e a fidelidade da África era intermitente e imperfeita. Em segundo lugar, o vigor militar dos árabes tinha declinado juntamente com sua fé ardente e eles deixaram de desempenhar um papel predominante na história do Islam. Em terceiro, que a influência persa e, depois, a turca, se tornou poderosa no centro de decisão do governo, transferido de Damasco, na Síria, para Bagdá, no Iraque.

Muir acrescenta: “Com a ascensão da influência persa, a dureza da vida árabe foi suavizada e abriu-se uma era de cultura, tolerância e pesquisa científica. A prática da tradição oral cedeu espaço para o registro das declarações e das narrativas históricas, uma mudança agilizada pela introdução das tendências eruditas do oriente. Da mesma forma, pode-se atribuir a crescente lassidão do comportamento e da moralidade da corte; e também as opiniões transcendentais que surgiram a respeito do imamoto divino ou da liderança espiritual de alguns membros da Casa de ‘Ali, assim como o rápido crescimento do livre pensamento..... Pensei em chamar a atenção para este ponto, para as mudanças importantes forjadas em razão de uma íntima ligação do califado com a Pérsia e o Corassã, surgida com a ascensão dos abássidas.”

Seguindo a mesma corrente, escreve Dozy:

“A ascendência dos persas sobre os árabes, ou seja, do conquistado sobre o conquistador, dos vencidos sobre os vencedores, já vinha sendo preparada desde há longo tempo e se completou quando os abássidas ascenderam ao trono, para o que foi fundamental o apoio deles. Os príncipes transformaram em norma estar em guarda contra os árabes e a depositarem sua confiança somente nos estrangeiros, principalmente os persas do Corassã, com os quais, portanto, eles tiveram que se fazer de amigos. Os

personagens mais importantes da corte eram, por consequência, os persas. A famosa família Bermicida, já comentada nos capítulos anteriores, era oriunda de um nobre persa que tinha sido superintendente do Templo do Fogo, em Balkh. Afshin, o favorito mais poderoso do califa al-Muatasim, era da província de Ushrushna, na Transoxiana. É verdade que os árabes se queixavam e se esforçavam para retomar sua antiga ascendência. A guerra que irrompeu entre os dois irmãos, al-Amin e al-Ma'mun, os filhos de Harun-al-Rashid, foi, em essência, simplesmente a renovação da guerra pela supremacia, iniciada entre as nacionalidades árabe e persa. Porém os árabes, mais uma vez, experimentaram um revés; mais um vez, custou a eles o reconhecimento da supremacia da Pérsia; mais uma vez, eles foram obrigados a combater a mudança do governo como espectadores passivos, ficando na dependência da derrota desse povo pelo outro. Na verdade, não há como negar que o ponto de vista democrático dos árabes, foi substituído por idéias despóticas dos persas.”

O fascinante historiador al-Fakhri diz: “A dinastia abássida foi uma dinastia traidora, voluntariosa e descrente, em que a intriga e a astúcia desempenharam um papel maior e mais importante do que a força e a energia, principalmente em seus últimos dias. Realmente, os últimos governantes desta casa perderam todos os fatores de energia e coragem e se fiaram apenas em ardis e estratagemas.”

Mais adiante, ele escreve:

“No entanto, apesar disso tudo, foi uma dinastia que se sobressaiu por suas boas qualidades, ricamente dotada de atributos generosos, onde os artigos científicos eram rapidamente vendidos, a cultura como mercadoria tinha uma boa procura, a observância da religião era respeitada, a caridade



florescia livremente, a vida era próspera, os templos sagrados eram bem cuidados e as fronteiras eram guardadas com coragem. Este estado de coisas não cessou nem mesmo quando, em seus últimos dias, a violência ficou generalizada, o governo ficou agitado e o império passou por eles, os quais serão expostos em seu lugar adequado, se agradecer a Deus.”

Não é intenção dessa obra discutir em detalhe os reinados, a característica e a personalidade dos califas abássidas ou, então, repetir as historietas sobre as excursões noturnas de Harun al-Rashid pelas ruas de Bagdá, na companhia de Ja'far, o bermicida, e Masrur, o escravo negro, personagens que ficaram conhecidos dos leitores por causa do livro *Contos das Mil e Uma Noites*.

No entanto, é preciso salientar que o primeiro século da dinastia abássida, desde o seu estabelecimento até a morte de al-Wasiq e a ascensão de al-Mutawakkil (131 a 232 H – 750 a 847 d.C.), é considerado a Idade de Ouro do califado abássida e foi caracterizado pela ascendência persa, materializada nos nobres bermicidas (descendentes de Barmak), pelo humor, inteligência e aprendizado na moda da corte e, no campo de religião, pelo completo domínio das doutrinas mutazilitas. Com a ascensão do décimo califa, al-Mutawakkil, as influências turcas (sempre de alguma forma bárbara em muitos aspectos e raras vezes marcadas pelo livre pensamento e intelectualidade esclarecida) substituíram amplamente a ascendência dos persas. A doutrina mutazilita foi suplantada pela ortodoxia e, por algum tempo, prevaleceu um violento preconceito contra os xiitas.

O califado abássida continuou a utilizar quase que os mesmos instrumentos pelos quais o império dos sassânidas foi governado. À máquina sassânida pertencia, entre outras coisas, o ofício de *wazir*.

## CAPÍTULO XV

### INÍCIO DO PERÍODO SELJÚCIDA

**(Desde a ascensão de Tughril Beg até a morte de Malik Shah)**

Segundo Stanley Lane-poole, o advento dos turcos seljúcidas representa um período notável da história muçulmana. Na época do seu surgimento, o império do antigo poder abássida tinha quase que desaparecido. O que outrora havia sido um domínio unificado, sob a liderança e autoridade de um único governante abássida, agora não passava de um punhado de dinastias dispersas pelo território islâmico. Nenhuma delas, exceto os fatimidas do Egito (e eles tinham se declarado independentes do califado central), foi capaz de exercer uma dominação imperial. A Espanha e a África, inclusive suas importantes províncias, já tinham sido perdidas pelo califa de Bagdá. O norte da Síria e a Mesopotâmia estavam em mãos de chefes árabes turbulentos, alguns dos quais tinham estabelecido suas próprias dinastias. A Pérsia estava dividida em vários governos exercidos pelos príncipes buáidas, cujas diferenças de opinião da doutrina xiita os dividiu mais ainda em dinastias insignificantes, prontas para se atacarem mutuamente. Era necessário uma medida drástica e ela se deu com a invasão dos turcos.

Este povo de nômades rudes, sem os vícios da vida civilizada das cidades, indiferentes à religião, acabou por abraçar o Islam com todo o fervor de seus corações incultos e toscos. Na verdade, os turcos eram um ramo dos turcos *ghuzz* de quem, no entanto, eles se diferenciavam. Eles vieram para o resgate de um estado moribundo e o ressuscitaram. Eles se aglomeraram principalmente na Pérsia, no Mediterrâneo, na Síria e Ásia Menor, devastando o país e exterminando a dinastia ali existente e, como resultado, mais uma vez, eles unificaram a Ásia muçulmana

a partir da fronteira ocidental do Afeganistão estendendo-se até a Mesopotâmia, sob uma única soberania. Eles deram vida nova ao moribundo fervor dos muçulmanos, expulsaram os bizantinos usurpadores e criaram uma nova geração de guerreiros muçulmanos, a quem, mais do que ninguém, os cruzados devem seus repetidos fracassos na sua tentativa de acabar com o Islam. É por isto que os seljúcidas ganharam um lugar de destaque na história muçulmana.

Além do mais, deve-se acrescentar que os seljúcidas são os ascendentes dos turcos otomanos, cujo império na Ásia Menor e depois na Síria, Egito, Mediterrâneo, Europa e norte da África, teve seus primórdios no reino seljúcida.

### **A Origem dos Seljúcidas – 429 H – 1037 d.C.**

A ascensão dessa dinastia foi até mais rápida do que a dos ghaznavidas e sua duração e poder foram muito maiores. Conforme já mencionado anteriormente, os seljúcidas eram um ramo dos turcos *ghuzz*, que por volta do ano 413 H - 1029 d.C., começaram a trazer inquietação a Mahmud de Ghazna. Segundo Ibnul-Asir, o primeiro ancestral desse ramo em particular, foi Tuqaq (ou Tukak), que significa arco, o pai de Seljuk, que foi o primeiro a abraçar a religião islâmica. Originariamente, eles vieram do Turquestão para a Transoxiana e escolheram Nur de Bucara para seu quartel-general de inverno, e Sughd e Samarcanda para as pastagens de verão.

O período de que trata este capítulo abrange, principalmente, os reinados de Tughril, proclamado rei em Merve, no ano de 420 H – 1037 d.C., e morto em setembro de 1063 d.C., e de Alp Arslan, nascido em 1032 d.C., ascendido ao trono em 1063 d.C. e morto em novembro de 1092 d.C.

Conforme já mencionado, Tuqaq, ou Tukak, o pai de Seljuk, tinha abraçado o Islam com grande fervor e ele e

seus descendentes participaram das guerras do período. Logo entraram em choque com Mahmud de Ghazna, que, alarmado com este novo poder que emergia, mandou prender Israil, um dos filhos de Seljuk. Provavelmente, Mahmud esperava enfraquecer a tribo, expulsando-a de seu *habitat* e assentando-os no distrito de Nisa e em Abivard. No entanto, os recém-chegados, sob a liderança de seu chefe Mikail, logo se mostraram indisciplinados e, no ano que antecedeu a morte de Mahmud, eles tentaram invadir o Corassã, mas foram derrotados. Mikail também era filho de Seljuk e irmão de Israil. Ele teve dois filhos, Tughril Beg e Chakir Beg.

Masudi, filho de Mahmud, foi infeliz desde o começo. Quando o Corassã foi atacado, também estourou uma rebelião na Índia e na Pérsia e, por isso, ele se voltou para suas possessões na Índia, as quais eram muito mais importantes. Masudi tinha recorrido a eles nas operações contra os turcos *ghuzz* e também o tinham ajudado a expulsar os invasores do Corassã. Porém, eles não eram aliados fiéis e logo no ano seguinte, depois da partida de Masudi para Índia, Chakir Beg atacou e derrotou o general ghaznavida perto de Merve. Decorrido aquele ano, Chakir capturou Merve e no ano de 429 ,1037 d.C., Tughril Beg ocupou Nishapur e o Corassã passou para suas mãos, dando início, assim, ao estabelecimento da dinastia seljúcida. Masudi, que tinha toda a sua atenção voltada para os distúrbios na Índia, retornou para lutar pela retomada do Corassã, mas no ano de 431 H, 1040 d.C., sofreu uma derrotada esmagadora. Ele, então, voltou para a Índia para recrutar soldados mas foi deposto e mais tarde assassinado. Três anos depois, o filho de Masudi, Maudud, também foi derrotado. Depois desta campanha, o poder seljúcida foi estabelecido no Corassã.

### **Tughril Beg – 429 a 455 H – 1037 d.C.**

Já foi comentado o intenso desejo de Mahmud para ser reconhecido pelo califa abássida. Depois de derrotar

Maudud, o filho de Masudi, Tughril Beg procurou idêntico reconhecimento. Seu pedido também foi concedido pelo califa, o que determinou que o nome de Tughril Beg fosse lido nas *khutbas*, como o *khan*, e que sua efígie passasse a ser impressa nas moedas. Os seljúcidas conquistadores se espalharam por toda a Pérsia, que ficou dividida entre os vários ramos da família governante. No ano de 447 H, 1005 d.C., Tughril foi a Bagdá. Relatos da época a respeito da cerimônia dessa histórica ocasião, mostram o prestígio que o califado ainda gozava. O conquistador seljúcida, acompanhado por seus nobres, apresentou-se a pé e desarmado. Ele foi recebido pelo califa sentado em um trono de ouro, encoberto pelo famoso manto negro abássida e segurando o bordão do Profeta (s.a.w.) em sua mão direita. Tughril, em sinal de reverência, curvou-se e beijou o chão. Após alguns minutos, Tughril foi conduzido para um trono localizado próximo ao do califa. Então, foi lido um decreto, nomeando Tughril Beg como vice-gerente do Sucessor do Profeta (s.a.w.) e senhor de todos os muçulmanos. Em seguida, ele recebeu sete trajes de honra e sete escravos para simbolizar as sete regiões do califado. Tughril foi cingido com duas espadas e um par de coroas para significar que ele era um governante do oriente e do ocidente e rei da Arábia e da Pérsia.

Pode-se considerar que o califa estivesse simplesmente disfarçando sua importância através de uma cerimônia que era pouco mais do que uma pantomima. Contudo, é mais razoável supor que o líder seljúcida não tenha percebido assim. Pelo contrário, depois da cerimônia ele sentiu que suas conquistas tinham sido legalmente reconhecidas e que sua coroa tinha sido consagrada pela liderança religiosa do Islam.

Depois de permanecer em Bagdá por cerca de um ano, durante o qual realizou-se o casamento da irmã de Alp Arslan com o califa, Tughril continuou sua carreira vitoriosa até a Geórgia e Ibéria. Seus cavalos enfrentaram os bizantinos e no seu retorno a Bagdá, o sempre vitorioso

seljúcida foi recompensado com o elevado título de “Rei do Oriente e do Ocidente”. Ele pediu a mão da irmã do califa em casamento e esta honra suprema foi-lhe concedida, porém ele morreu antes que a cerimônia viesse a ser realizada.

Pouco se sabe sobre o caráter e personalidade deste homem extraordinário, exceto que ele tirou sua tribo da simples condição de pastores de ovelhas e assaltantes para tornar-se a dona de um vasto império. Ele foi duro quando necessário, rigoroso na observância de sua religião (jejum, orações, etc) e discreto, porém de uma natureza mais generosa do que suas origens e circunstâncias nos levariam a supor.

### **Malik Kaward, de Kirman – 433 a 465 H – 1041 a 1072 d.C.**

Muito embora os destinos da dinastia seljúcida tenham sido governados pela vitoriosa carreira de Tughril Beg, cabe, no entanto, voltar um pouco no tempo para observar a dinastia kirman, que foi de 433 a 583 H, 1041 a 1187 d.C. A importância dessa dinastia foi ratificada principalmente durante a existência de seu fundador, Imadud-din Kara Arsalan Kaward, o filho mais velho de Chakir Beg. Este filho da Casa dos Seljúcidas foi vigoroso e eficiente. Não teve muita dificuldade ao ocupar a província dos governantes buaídas que estavam cada vez mais enfraquecidos por causa das intrigas familiares. O cronista Muhammad Ibrahim conta que, quando Abu Kalinjar Imadud-din partiu de Fars para defender a província, foi envenenado por uma escrava favorita e todos os esforços futuros aparentemente ficaram paralisados depois de sua morte. O seljúcida teve que lidar com o “País Quente”, que naqueles dias era independente. Aqui, mais uma vez, a traição foi empregada e Malik Kaward não só anexou o país até o litoral como obrigou o governador de Harmuz a fornecer uma frota, com a qual ele chegou até Omã. Como resultado desta

campanha, a província da Arábia permaneceu por muitos anos como um estado tributário de Kirman.

Malik Kaward, depois de assumir o reino, voltou sua atenção para o Sistan. Construiu um forte para fechar a passagem da única estrada que fazia a comunicação entre as duas províncias. Ele também erigiu pilares que servem como farol no deserto. Uma dessas colunas ainda está intacta e é conhecida pelo nome de “A Coluna de Nadir”.

As ambições de Malik Kward eram as fronteiras, e muito rapidamente ele acrescentou a província de Fars ao seu reino. Porém, ele foi obrigado a devolver a Alp Arsalan, que cercou Kirman. Finalmente, depois da ascensão de Malik Shah, ele fez uma oferta ao trono e teve que pagar com a sua vida.

### **Alp Arsalan – 455 a 465 H – 1063 a 1072 d.C.**

Ainda em vida, Tughril Beg escolheu seu sobrinho, Izud-Din Abu Shuja Alp Arsalan, filho de Chakir Beg e irmão mais novo de Malik Kaward, como seu sucessor. De acordo com essa decisão de Tughril, Alp Arsalan o sucederia, embora tenha sido feita uma tentativa pelo ministro do rei, Al Kundari, mais conhecido como Amirul Mulk, de proclamar Sulaiman, o irmão de Alp Arsalan. Porém, a tentativa de Al-Kundari foi fatal para ele, que foi feito prisioneiro e mandado para Merve. Após um ano de prisão ele acabou morrendo de uma forma deliberada e sangrenta por dois servos enviados por Alp Arsalan com esse objetivo. Quando estava à beira da morte, ele mandou uma mensagem para Alp Arsalan em que dizia: “Diga ao rei, oh, que teu ato para comigo foi um serviço afortunado; porque teu tio me deu este mundo para governar enquanto tu, através do martírio, me concedeste o outro mundo; assim, graças ao teu serviço eu ganhei este mundo e o outro!” O infeliz ministro, por ocasião de sua morte, estava com quarenta anos. Ele era um elegante estudioso árabe e compôs versos em árabe cheios de graça

e beleza, dos quais Ibnul Asir nos apresenta alguns exemplos. Ele era um adepto fanático da escola shafita.

Alp Arsalan, o “Leão Conquistador”, significado de seu título, foi um governante poderoso mas que ficou lembrado principalmente por suas ligações com Abu Ali Hasan bin Is’haq, conhecido na história como Nizamul-Mulk Tusi. Este grande estadista nasceu em Radkan, a alguns quilômetros ao norte de Meshed e depois de adquirir uma boa educação, atraiu a atenção de Chakir Beg. Tendo sido recomendado a Alp Arsalan, ele se tornou seu *Vizir* (ministro) e o seu desempenho no cargo é considerado como o modelo de um grande ministro. Algumas de suas obras ainda perduram. Acredita-se que o sistema persa de contabilidade predominante até os dias atuais tenha sido elaborado por Nizamul Mulk. O método de ensino da língua árabe chamado de “*Dars-e-Nizami*”, ou “Lições de Nizami”, também é atribuído a ele.

Entre os protegidos de Nizamul Malik estava Omar Khayyam, o ainda hoje famoso poeta persa, conhecido no mundo da literatura e da poesia por sua obra. Nizamul Mulk fundou em Bagdá a famosa faculdade conhecida como *Maktab-e-Nizami*. Esta faculdade formou grandes homens, entre eles o notável Al-Ghazali, eminente teólogo que merece um destaque especial.

Durante o reinado de Alp Arsalan, as fronteiras do império seljúcida foram ampliadas. No lado oriental, ele subjugou Herat e, mais tarde, Jand, na Transoxiana. Ele também foi bem sucedido ao enfrentar as ambições de seu irmão Kaward, já comentado anteriormente. Na Arábia, ele venceu os fatimidas e conquistou Meca e Medina, o que serviu para aumentar seu prestígio. No ano de 464 H, 1071 d.C., Alp Arsalan derrotou o exército bizantino, superior em todos os aspectos, no lado ocidental da Ásia Menor, na célebre batalha de Manzikart, que é considerada um marco decisivo na história bizantina. Foi nesta batalha que o imperador Diógenes Romanus foi feito prisioneiro. A história



conta que quando Diógenes foi trazido a Alp Arsalan, perguntaram-lhe que tipo de tratamento ele esperava e ele respondeu: “Ou a morte ou a exposição por todo o império como seria improvável que ele fosse poupado.” Perguntado sobre como ele se comportaria no caso de ser ele o vencedor, respondeu: “Eu o espancaria com vários açoites.”

Contudo, Alp Arsalan mostrou uma notável magnanimidade, uma vez que, após firmar um tratado e estabelecer o pagamento de um resgate, mandou libertar Diógenes Romanus. No entanto, Romanus acabou sendo capturado por alguns de seus próprios conspiradores, que lhe tiraram a visão e o mataram na prisão. A esse respeito, fala-se de uma equipe de mercenários franceses e normandos, que seriam comandados por Ursel de Baliol, um cavaleiro dos reis escoceses.

A última campanha deste governante seljúcida foi contra os turcos e os khwarazmis. Enquanto o exército cruzava o Oxus, um certo prisioneiro, que com muita bravura tinha tomado um forte em Khwarazm, foi trazido a Alp Arsalan. Condenado a ser arrastado no chão até morrer, este intrépido soldado amaldiçoou Alp Arsalan por ter infligido a ele uma morte tão degradante. O monarca, contrariando seus assistentes, atirou uma flecha no prisioneiro e errou o alvo. Então o prisioneiro, antes que pudesse ser agarrado, feriu de morte o grande governante seljúcida, que perdeu a vida no auge de sua fama e virilidade. Alp Arsalan foi enterrado em Merve, no ano de 465 H, 1072 d.C., com o seguinte epitáfio:

“Tu viste a cabeça de Alp Arsalan em orgulho exaltada no céu. Vem a Merve e vê quão humilde na poeira essa cabeça jaz!”

No tocante a Alp Arsalan, seu nascimento, de acordo com Ibnul Asir, deu-se entre 420 e 424 H (1029 e 1033 d.C.), e no começo de 431 H (23 de setembro de 1039 d.C.), segundo Rahatus-Sodur, que disse: “Ele reinou doze anos

depois da morte de seu tio Tughril Beg (455 H – 1063 d.C.) e dois anos antes disso, governou o Corassã, depois da morte de seu pai e, quando morreu, ele estava com trinta e quatro anos.”

Fisicamente, Arsalan era alto e tinha longos bigodes que eram tão compridos que ele costumava amarrá-los quando queria atirar uma flecha. Suas flechas jamais erravam o alvo e a única vez em que isto aconteceu, foi fatal para ele, conforme comentado acima. Ele costumava usar um grande *Kulah* (uma espécie de barrete longo) na cabeça. As pessoas estavam certas quando diziam que do alto de seu *kulah* até o final dos bigodes havia uma distância de aproximadamente dois metros.

Alp Arsalan foi um governante forte e justo. Sua vida foi passada em campanhas e ele ganhou fama e reputação de intrépido e destemido, generoso e religioso. De um modo geral, era magnânimo e caridoso com os pobres e desprovidos da sorte. Nos últimos dias do mês sagrado do Ramadã ele costumava distribuir cerca de 15.000 *dinares* a título de donativos, enquanto os necessitados de todas as partes de seu vasto reino recebiam pensões. Segundo Ibnul Asir, seus domínios se estendiam desde a Transoxiana até às partes mais remotas da Síria. Ele também se dedicou ao estudo da história, ouvindo com grande prazer e interesse as crônicas dos governantes que o antecederam e suas obras, o que acabou por influenciar seu caráter, organização e método de administração. Deve-se a ele a percepção da genialidade e talento para a administração de Nizamul Mulk, dando-lhe sua inteira confiança e liberdade para trabalhar. Como resultado, foi esta justiça e ordem que prevaleceram e o ensino foi estimulado e a prosperidade voltou. Em resumo, o reinado de Alp Arsalan, embora curto, foi cheio de ações gloriosas.

Ele deixou cinco filhos e três filhas, pelo menos. Um de seus filhos, Malik Shah (que o sucedeu), foi casado com a filha do turco Khatun, seu outro filho, Arsalan Arghun,

casou-se com uma das princesas da dinastia ghaznavida e uma de suas filhas, Khatun Safariyah, foi casada com o califa abássida Muqtadi.

## **MALIK SHAH (465 a 485 H – 1072 a 1092 d.C.)**

### **O império seljúcida em seu auge**

Jalalud Din Abdul Fatha Malik Shah foi proclamado príncipe herdeiro em Meshed, antes que seu pai, Alp Arsalan, partisse em sua última expedição. Ele tinha apenas dezessete anos quando, subitamente, foi convocado para assumir as imensas responsabilidades de governar o império. Sua ascensão ao trono, no entanto, não foi pacífica. Seu tio, Kaward, marchou até Rei e, em Keraj, ao sul de Hamadan, aconteceu uma batalha desesperada que durou três dias e três noites e que acabou com a derrota do pretendente ao trono. Nesse meio tempo, o *khan* de Samarcanda também invadia o império. Em outra parte, Ibrahim de Ghazna capturava seu tio Osman. No entanto, Ibrahim foi perseguido e derrotado por Amir Gunushtigin, cujo escravo, Anustigin, teria por destino fundar a dinastia de Khwarazm Shahi, ou Reis de Khiva. Apoiado por Nizamul Mulk, Malik Shah resistiu a todas essas tempestades que assolaram seu estado, além da rebelião promovida por seu irmão. Cinco anos mais tarde depois de assumir o reinado, ele já se encontrava em posição de ampliar as fronteiras de seu império. Seus generais subjugaram a parte maior da Síria e do Egito, no ocidente, enquanto no oriente eles conquistaram não só Bucara e Samarcanda como, também, receberam o pagamento de tributos do príncipe Kashagar, que foi obrigado a reconhecer a soberania seljúcida em suas moedas.

A prosperidade interna do estado foi incrementada graças à sábia orientação de Nizamul Mulk. Entre as histórias relacionadas ao famoso ministro, existe uma que ilustra bem tanto a extensão do império como a eficiência do

ministro. Conta-se que Nizamul Mulk pagou a um barqueiro do Oxus as despesas contraídas na Antioquia, e a eficácia de sua política financeira ficou demonstrada pelo fato de que as contas foram rapidamente convertidas em dinheiro.

As ciências foram fomentadas pelo monarca que, ele próprio um homem de cultura, chegou a fundar um observatório em Nishapur. Foi nesse observatório que Omar Khayyan trabalhou juntamente com outros cientistas para calcular a nova era que Malik Shah inaugurou e que foi denominada *Jalali*, em sua homenagem. Além disso, a dinastia manteve sua força e vigor. O sultão era um amante apaixonado do pólo a tal ponto que ele jogou uma partida em Bagdá um dia após sua chegada àquela capital. Ele também era um amante do tiro e foi um recordista.

Malik Shah raramente descansava. Dentre as várias cidades do império, a de que mais gostava era Isfahan, que mais tarde, durante a dinastia safávida, veio a tornar-se capital da Pérsia. Malik Shah construiu cinco prédios e preparou suntuosos jardins em Isfahan.

### **A Queda de Nizamul Mulk**

O poder e influência de Nizamul Mulk, o grande ministro do império, pareciam inquestionáveis. Em sua idade avançada, ele escreveu um livro *Siyasat Nama* (Tratado sobre a Arte de Governar) que conquistou um grande apreço por parte de seu senhor real. Porém, não obstante isso, ele caiu em desgraça. Malik Shah parecia-se com Harun al-Rashid na sorte de ter um excelente ministro e, como Harun, também Malik Shah demitiu Nizamul Mulk, da mesma forma que Harun al-Rashid havia demitido seu ministro bericida, embora tal destituição não tenha sido acompanhada da tragédia da queda dos bericidas.

Ao que tudo indica, Malik Shah recebeu uma queixa contra um neto de Nizamul Mulk, que, com o passar dos anos ficara intolerante e respondeu de forma violenta à

reprovação real. Este incidente poderia ter passado despercebido se não fosse o fato de Turkan Khatun (este era o título da senhora turca e não um nome), a esposa favorita de Malik Shah, passar a hostilizar o ministro. Daí, como consequência, Nizamul Mulk foi demitido. Ele não foi condenado à morte e nem foi preso mas, um pouco depois de sua queda, foi assassinado por um *Fidai*, ou devoto, que acreditava-se ter sido enviado por Hasan bin Sabbah.

Existe uma história antiga sobre Nizamul Mulk, segundo a qual ele, em sua infância, teria freqüentado a mesma escola em Nishapur, juntamente com Omar Khayyan e Hasan bin Sabbah. Os três meninos juraram amizade eterna, concordando que se qualquer um dos três fosse bem sucedido na vida, ajudaria os outros dois. Nizamul Mulk cumpriu a promessa em relação a Omar Khayyan, que recusou o cargo de governador de Nishapur mas pediu uma pensão que lhe foi garantida. Ele também conseguiu um posto adequado para Hasan bin Sabbah que mais tarde, no entanto, quis suplantar seu benfeitor através de intrigas, sem obter qualquer resultado. Com isso, ele tornou-se um duro inimigo de Nizamul Mulk. Embora esta história seja bastante conhecida, no entanto, as disparidades de datas torna sua veracidade duvidosa.

## **A Morte de Malik Shah**

Malik Shah sobreviveu a Nizamul Mulk menos de um mês. Ele morreu logo em seguida, devido a uma doença que se mostrou fatal. Ele estava com quarenta anos e com ele foi-se o que pode ser justamente denominado como o Período de Ouro da dinastia seljúcida. Jamais em toda a história um tão imenso império foi tão bem governado como durante os trinta anos de reinado que se findou com a morte de Malik Shah.

## OS ASSASSINOS

Em capítulo anterior foram feitos alguns comentários sobre a origem dos ismaelitas. Os membros desta facção, sob o nome de *Hassasin*, ou “Assassinos”, desempenhou um papel importante no cenário do Oriente Próximo e Pérsia. Durante este período e os dois séculos seguintes, eles ficaram famosos até na Europa, por intermédio das funestas atividades de seu ramo sírio.

A importância política do grupo começou com a fundação da chamada dinastia fatimida, que se dizia descendente da filha do Profeta (s.a.w.), Fátima (r.a.a.) e, talvez por isso, os ismaelitas são muitas vezes referidos como fatimiditas, ou alauítas. No entanto, de um modo geral eles são denominados ismaelitas, *bateni* (esotéricos), *mulaheda* (heréticos), etc.

A dinastia em questão teve o seu início através de uma propaganda iniciada no ano 260 H (873 d.C.) por um certo Abdullah bin Maimun al-Qaddah. Ele era um oculista de Ahwaz e persa de nascimento. Este homem fundou uma sociedade secreta que unia árabes, persas, cristãos e judeus, de preferência toda a humanidade, em uma única escola, na qual estava implícito obedecer a ele e servir como um poderoso instrumento para as suas ambições. Como no caso da propaganda abássida, propagadores passaram a divulgar doutrinas estranhas que ofereciam todas as coisas a todos os homens, um *Mahdi* para os muçulmanos, um Messias para os judeus, uma filosofia para os sábios e liberdade para os tolos. Contudo, havia uma doutrina interior para os plenamente iniciados que, conforme explica Browne, era filosófica e eclética e pegava por empréstimo muito dos conceitos dos antigos sistemas persa e semítico e alguma coisa das idéias neoplatônicas e neopitagóricas. Em tudo havia um domínio do misticismo do número sete. Eram sete os períodos proféticos, e cada um dos grandes profetas foi sucedido por sete Imames. Os “*dais*” (propagandistas)

despertavam a curiosidade e a dúvida nas mentes das pessoas, fazendo perguntas do tipo: “Por que Deus criou o mundo em sete dias? Por que existem sete céus, sete terras, sete mares e sete versículos no capítulo de abertura do Alcorão?” Dentre as perguntas mais sutis, estava a seguinte: “Quais são, na verdade, os tormentos do inferno? Como é que pode uma pele que se deteriorou transformar-se em uma nova pele e esta nova pele ser submetida às torturas do inferno, quando ela não teve qualquer participação nos pecados?” Depois que a pessoa se convencera e se convertia, era então induzida a prestar um juramento de fidelidade ao *dai*, como representante do Imam, e a pagar uma certa quantia em dinheiro ao Imam.

### **Hasan bin Sabbah**

Hasan bin Sabbah, cuja inimizade em relação a Nizamul Mulk durante o reinado do seljúcida Malik Shah já foi comentada, era filho de um nativo de Kufa e nasceu em Qum. Da mesma forma que seu pai, ele pertencia ao grupo xiita dos Doze Imames até cair sob a influência do famoso Nasir Khusru e outros emissários fatimidas. Ele recebeu a missão de se dirigir para o Egito onde foi recebido com honras. Ao retornar de lá, ele foi para Pérsia, levando a propaganda fatimida para Yezd, Kirman e no Tabaristão. No entanto, ele evitou a cidade de Rei, cujo governador era um genro de Nizamul Mulk, que tinha um mandado de prisão contra ele.

O próximo passo de Hasan Sabbah foi capturar, graças a um artifício, a fortaleza situada nas montanhas de Almut, ao longo de Alburze, próximo à estrada para Kezvin Resht. Este fato aconteceu no ano de 483 H, 1090 d.C., e foi seguido de outros sucessos semelhantes em várias partes da Pérsia, principalmente na província do Kohistan. Lá, as localidades de Tabas, Tun, Kain, Zuzan, Khur e Khust tornaram-se centros ismaelitas.

Tendo firmado sua posição, Hasan bin Sabbah, o velho homem da montanha, rompeu com os ismaelitas do Egito depois da morte do califa fatimida Mustansir, em 487 H, 1094 d.C., por defender a causa de Nizar, o bem sucedido pretendente, cujo irmão, Mustali, ascendeu ao trono do Cairo.

Hasan bin Sabbah, reorganizou a ordem, assumindo a liderança e colocando-se como o Grande Mestre. Na hierarquia do grupo, seguiam-se os grandes priores dos distritos, juntamente com suas equipes de *dais*. Abaixo deles, estavam os Companheiros ou Adeptos, e por último, os famosos *fidais*, ou devotados. O chefe do ramo na Síria tinha o nome de *Shaikhul-Jabal*, ou Chefe das Montanhas. Este título chegou até a Europa como "O Velho Homem da Montanha".

O desprezo fanático pela vida humana por parte dos *fidais* fez com que o grupo fosse temido até mesmo pelos monarcas. Os cruzados estabeleceram contato com o ramo sírio da ordem e Raymond, o Conde de Trípoli, e Conrad de Montferrat, o rei titular de Jerusalém, foram assassinados por eles. Em 1272 d.C., houve uma tentativa, em Acra, contra a vida do príncipe Edward, mais tarde Edward I, da Inglaterra, que só não se concretizou graças aos esforços de seus companheiros.

## **Paraíso na Terra**

Um relato impressionante do *Paraíso na Terra* foi dado por historiadores, inclusive Marco Polo, que escreveu um pouco depois da ocupação de Almut por Hulagu Khan, em 1.252 d.C. Segundo esses textos, Hasan bin Sabbah tinha ocupado um certo vale entre duas montanhas e transformado em um jardim, o mais amplo e mais belo jamais visto. O jardim era repleto de grandes variedades de árvores frutíferas e flores e havia túneis por onde corriam leite, mel, vinho e água pura. Inúmeras jovens e as mais belas dançarinas de cada recanto do mundo foram reunidas



ali para servirem como *hoors*, ou ninfas do Paraíso. E, dessa forma, Sabbah pretendia fazer com que as pessoas acreditassem que o jardim era, na verdade, o Paraíso aqui na terra.

Ninguém tinha permissão de entrar no chamado Paraíso, exceto aqueles a quem Hasan Sabbah tinha intenção de transformar em seus *Ashashin*. Ele os introduzia em seu jardim, em grupos de quatro a dez, fazia-os beber uma dose de uma loção que os levava a um sono profundo, quando, então eram levantados e transportados. Quando despertavam e se viam em um lugar tão encantador acreditavam realmente que estavam no Paraíso.

A loção usada para fazer adormecer os escolhidos para entrarem no Paraíso era composta de uma erva conhecida como hashish, haxixe. Esta é, sem dúvida, a origem da palavra *Assassin*. Os *fidais* raramente poupavam suas vítimas porque eles glorificavam o “martírio” e tentavam realizar suas missões da forma mais aberta e dramática possível. Na verdade, os seguidores dessa seita tinham tanta certeza da felicidade eterna depois da morte que as mães choravam quando seus filhos voltavam vivos de uma missão para a qual tinham sido destacados pelo “Shaikh da Montanha”. Quando o shaikh queria matar algum príncipe, ele dizia para o rapaz: “Vá e mata fulano e quando tu voltares meus anjos te introduzirão no Paraíso.” E o jovem corria feliz para cumprir a missão sem pensar duas vezes.

### **Mahmud, Barkiyaruk Malik Shah II e Muhammad - 485 a 511 H – 1092 a 1117 d.C.**

A morte de Malik Shah I desencadeou rivalidades violentas. Ele tinha quatro filhos e alternadamente todos reinaram, sendo que o último e o mais ilustre foi o sultão Sanjar.

Turkhan Khatun estava em Bagdá com Mahmud, o filho de apenas quatro anos, quando seu marido morreu. Imediatamente ela tentou influenciar na decisão do califa Muqtadi para garantir a sucessão de seu filho. E assim ela procedeu e um alto funcionário foi mandado a Isfahan com ordens expressas de agarrar Barkiyaruk, o filho mais velho de Malik Shah com sua outra esposa, Zubaida. Contudo, esta tentativa foi frustrada pelo filho de Nizamul Mulk e Barkiyaruk, um menino de apenas doze anos, foi coroado na cidade de Rei. Porém, Turkhan Khatun seguiu seu emissário e chegou a Isfahan. Mas ela foi atacada pelos adeptos de Barkiyaruk e Turkhan, mediante a promessa de casamento, convenceu um certo Malik Ismail a atacar os rivais de seu filho. No entanto, Malik Ismail foi derrotado e Barkiyaruk, depois de decorridos dois anos da morte de seu pai, foi formalmente proclamado sultão em Bagdá. Mas, nem assim seus problemas terminaram pois Tutush, um tio pelo lado paterno e fundador da dinastia síria, se rebelou e capturou o jovem sultão. Barkiyaruk foi trazido a Isfahan onde foi jogado na prisão. Ficou decidido que ele seria decapitado mas, nesse meio tempo, seu meio-irmão morreu subitamente de varíola e ele foi restabelecido no trono. E isto só foi possível por causa do desaparecimento do cenário político de Turkhan Khatun, que tinha sido condenada à morte um pouco antes.

No ano seguinte, Barkiyaruk derrotou e matou Tutush. Um outro tio rebelde dele foi mais feliz ao ser afastado por um pajem. No curso desses acontecimentos, ainda houve uma tentativa fracassada contra a vida de Barkiyaruk por um *fidai* ismaelita que, no entanto, conseguiu escapar.

No ano de 489 H, 1096 d.C., ele tornou-se rei do Corassã mas, no ano de 492 H, 1099 d.C., Muhammad, um outro filho de Malik Shah, se rebelou contra Barkiyaruk e para isso contou com a ajuda de Muayyidul Mulk, o filho mais competente e capaz de Nizamul Mulk. Foi neste ano que aconteceu a tomada de Jerusalém pelos cruzados.

Não é de admirar que a invasão da Europa não tenha encontrado resposta por parte de Bagdá, devido à guerra civil que estourara na região. Finalmente, um pouco depois Barkiyaruk morreu e seu irmão Muhammad obteve o poder supremo agarrando e cegando o príncipe herdeiro, Malik Shah II, um menino de apenas cinco anos. Muhammad se tornou governante incontestável do império. Durante seu reinado, ele declarou uma guerra incessante contra os “assassinos”. Depois de sua morte, seu sucessor, Mahmud, um jovem tolo de quatorze anos, atacou seu poderoso tio, Malik Sankjar, que o derrotou em Sava, a oeste de Qum. Porém, demonstrando uma magnanimidade incomum para aquela época, Sanjar não só poupou a vida do rapaz como o tornou governante do Iraque e lhe deu sua própria filha em casamento. Durante este período de luta fratricida, o império se dividiu, com Kirman, Síria e a Ásia Menor sendo governados por dinastias independentes, embora até certo ponto elas reconhecessem a soberania nominal do império principal. No entanto, Sanjar praticamente não se preocupava com as províncias ocidentais do Iraque e com os seljúcidas do Rum, como era denominada a Ásia Menor naquele tempo, inteiramente independentes e que mantiveram suas dinastias até a ascensão de Osman Ali, no início do século XIV.

### **Os Seljúcidas de Kirman – 433 a 583 H – 1041 a 1187 d.C.**

Os seljúcidas de Kirman e a carreira de seu fundador, Malik Kaward, já foram citados no início deste capítulo. Contudo, parece oportuno acompanhar, resumidamente, o destino final dessa dinastia, porque eles governaram o sudeste da Pérsia por cerca de cento e quarenta e seis anos. Depois da execução de Malik Kaward, seu sobrinho Malik Shah quis acabar com toda a sua família e assim ele marchou para Kirman e a ocupou. Porém, ele perdoou a família e, no final, Kirman foi deixada para o sultão Shah, o filho de Kaward. Turan Shah, o fundador da Mesquita Malik, foi o próximo governante mas seu filho, Iram Shah, que era

suspeito de favorecer a doutrina ismaelita, foi condenado à morte e, assim, seu primo Arsalan Shah tornou-se rei. Arsalan Shah reinou por aproximadamente quarenta anos, de 494 a 536 H, 1100 a 1141 d.C. Durante seu reinado, a província gozou de grande prosperidade. De acordo com a crônica da época, caravanas vindas da Ásia Menor, Corassã e Iraque passavam tranquilamente para a Abissínia, Zanzibar e China.

Arsalan Shah também foi soberano da vizinha província de Fars e tinha um representante em Omã. Por fim, também esta dinastia foi destruída pelos turcos *ghuzz*, que já tinham aniquilado o ramo principal dos seljúcidas.

## A DINASTIA SELJÚCIDA

### **Período de Esplendor – 429 a 552 H – 1027 a 1157 d.C.**

1. Tughril Beg	429 a 455 H – 1037 a 1063 d.C.
2. Alp Arsalan	455 a 465 H – 1063 a 1072 d.C.
3. Malik Shah	465 a 485 H – 1072 a 1092 d.C.
4. Mahmud	485 a 487 H – 1092 a 1094 d.C.
5. Barkiyaruk	487 a 498 H – 1094 a 1104 d.C.
6. Muhammad	498 a 511 H – 1104 a 1117 d.C.
7. Sanjar	511 a 552 H – 1117 a 1157 d.C.

### **Califas Abássidas nos períodos dos buaídas e seljúcidas**

1. Mustakfi-billah	323 a 324 H – 944 a 945 d.C.
2. Mutilillah	324 a 362 H – 945 a 974 d.C.
3. Ta'e-billah	362 a 381 H – 974 a 991 d.C.
4. Qadir-billah	381 a 442 H – 991 a 1031 d.C.
5. Qaim bi-Amrillah	442 a 467 H – 1031 a 1074 d.C.

(Os seljúcidas Tughril entraram em Bagdá, no ano de 447, 1054 d.C., durante o reinado desse califa e o fim dos buaídas.)

- |                         |                                |
|-------------------------|--------------------------------|
| 6. Muqtadi bi-Amrillah  | 467 a 487 H – 1074 a 1094 d.C. |
| 7. Mustazhir-billah     | 487 a 512 H – 1094 a 1118 d.C. |
| 8. Mustarshid-billah    | 512 a 529 H – 1118 a 1134 d.C. |
| 9. Rashid-billah        | 529 a 530 H – 1134 a 1135 d.C. |
| 10. Muqtafi bi-Amrillah | 530 a 555 H – 1135 a 1160 d.C. |

(Durante o reinado de Muqtafi, o califa abássida livrou-se do poder seljúcida)

## CAPÍTULO XVI

### AS CRUZADAS

A narrativa não estaria completa sem um breve relato sobre as Cruzadas, que continuaram por cerca de dois séculos durante a Idade Média. As Cruzadas foram, na verdade, ataques da cristandade contra o Islam.

Como se sabe, a Palestina, principalmente Jerusalém, era (e ainda é) considerada um local sagrado para os muçulmanos, cristãos e judeus. Na Idade Média, este local sagrado ficou sob domínio dos muçulmanos e por isso cristãos e judeus tinham um desejo ardente de livrar a cidade dos governantes muçulmanos. Os judeus não tinham poder nem capacidade suficientes para retomar a Palestina, daí que só os cristãos tinham condição para essa empreitada. Quando as potências cristãs perceberam o enfraquecimento dos muçulmanos por causa de suas constantes guerras civis, prepararam-se para combatê-los e tomar de volta Jerusalém. Essas guerras dos cristãos contra os muçulmanos ficaram conhecidas na história como Cruzadas, ou Guerras Santas. De um modo geral, é difícil descobrir até onde ia o interesse dos cristãos do século X em suas peregrinações à cidade sagrada. No entanto, no século seguinte, tornou-se uma causa comum para os governantes cristãos. Assim, uma análise mais profunda das Cruzadas mostra que, embora aparentemente fossem guerras religiosas, na verdade não passaram de um esforço conjunto das potências cristãs para tomar o poder dos muçulmanos. Ao todo, as Cruzadas foram nove, conforme se segue abaixo:

1. A Primeira Cruzada foi de 1096 a 1099 d.C., quando uma força unificada européia atacou os muçulmanos e ocupou a Palestina, inclusive Jerusalém e algumas regiões do litoral sírio.

2. A Segunda Cruzada – 1147 a 1149 d.C. – teve como causa principal impedir o avanço de Imaduddin Zangi. Foi liderada pelo imperador alemão, Conrado III, e o rei de França, Luís VII. Quando Imaduddin morreu, seu filho Nurudin Zangi enfrentou as forças européias. Os cruzados não obtiveram qualquer resultado nesta guerra.
3. A Terceira Cruzada – 1189 a 1192 d.C. – foi a mais famosa e a guerra mais importante, e se deu depois de Saladino ter recuperado Jerusalém para os muçulmanos. Ela foi liderada pelo rei Ricardo, da Inglaterra, e contou com o apoio do rei Felipe, de França e do imperador Frederico, da Alemanha. No entanto, esses exércitos unificados também não obtiveram qualquer sucesso. O imperador da Alemanha morreu afogado em um rio da Ásia Menor e os reis da Inglaterra e de França tiveram que retornar para seus países sem alcançar uma vitória.
4. A Quarta Cruzada – 1202 a 1204 d.C., começou com os cruzados lutando entre si. Primeiro, eles atacaram e massacraram as cidades européias e depois tomaram Constantinopla em lugar de Jerusalém.
5. Na Quinta Cruzada – 1218 a 1221 d.C. – os cruzados atacaram o Egito mas foram derrotados pelo governante aiúbida, Malik Kamil.
6. A Sexta Cruzada – 1248 a 1249 – foi comandada pelo imperador alemão, Frederico II. Não houve combates mas Jerusalém foi dada aos cristãos por Malik Kamil. Os muçulmanos, contudo, a tomaram de volta depois da morte de Malik Kamil.
7. A Sétima Cruzada foi liderada pelo rei de França, Luís IX. Desta vez, também o Egito foi atacado e encontrou a resistência de Malekus Saleh Ayub. Nesta guerra, o rei de França foi preso mas libertado logo em seguida, após o pagamento de um resgate.
8. A Oitava Cruzada representou um esforço de Luís IX, logo após ser libertado. Desta vez, Eduardo, o rei da Inglaterra, também se juntou a ele e seus exércitos

avançaram para a Tunísia, onde Luís IX morreu. Os cristãos foram derrotados mais uma vez.

9. A Nona Cruzada ficou conhecida como a "Cruzada das Crianças". Os cristãos achavam que os adultos não estavam sendo bem sucedidos nas guerras santas porque eram pecadores. Então, decidiram enviar as crianças inocentes e sem pecado para o combate aos muçulmanos. De acordo com essa decisão, a França mandou um exército de meninos no ano de 1212 d.C. que, no entanto, se dispersou perto do porto de Marselha. Os próprios cristãos capturaram um grande número de crianças que foram vendidas como escravos. Este evento dá bem mostras da mentalidade predominante entre os cristãos daquela época.

Conforme mencionado acima, as potências cristãs, achando que os muçulmanos estivessem fracos e desunidos por causa de suas dissensões internas, tiveram a ousadia de atacá-los. Um contingente terrível, composto dos exércitos alemão, francês, italiano e de outros países europeus, partiu para capturar Jerusalém mas não obteve sucesso. Este exército de forças aliadas foi derrotado pelos turcos seljúcidas do Rum. Porém, mais tarde, no ano de 492 H., 1097 d.C., os cristãos conseguiram tomar a Palestina, a cidade de Jerusalém e outras localidades da costa síria. De acordo com registros históricos, os cristãos promoveram um inominável massacre de muçulmanos onde nem mesmo mulheres e crianças foram poupadas. Mais de setenta mil muçulmanos foram mortos com requintes de crueldade, não escapando nem os que se refugiaram na Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém. Depois desta conquista, os cristãos estabeleceram estados em alguns territórios muçulmanos.

A derrota na Palestina foi um evento muito chocante para os muçulmanos de um modo geral e não havia a menor possibilidade de eles abandonarem seus territórios para serem ocupados pelos governantes cristãos. Era uma questão de vida ou morte para eles. Jerusalém e o



Sahil (a parte da Palestina que se estendia até o Líbano atual) eram sagrados para os muçulmanos, da mesma forma como o eram para cristãos e judeus. Os muçulmanos consideravam a retomada de Jerusalém como sua grande obrigação religiosa, enquanto que para os cristãos era intolerável que a terra de Cristo, principalmente a cidade de sua morte e ressurreição, ficasse em mãos muçulmanas. Para os judeus, também era impensável que os rituais do templo de Salomão fossem substituídos por rituais de credos alienígenas. Portanto, a região tornou-se o centro de um contencioso entre judeus, cristãos e muçulmanos. A esplendorosa Cúpula do Rochedo tinha sido construída sobre o Moriah pelo califa omíada Abdul Malik. A antiga Mesquita de Al-Aqsa ocupa o terceiro lugar, depois das mesquitas de Meca e Medina, dentre os locais mais sagrados para os muçulmanos.

De um modo geral, considera-se Imaduddin Zangi – 521 a 5641 H / 1126 a 1146 d.C. – como aquele que iniciou o *jihad* pelo lado muçulmano, com vistas à retomada dos territórios perdidos. Ele era governador de Mosul, nomeado pelos seljúcidas. Depois que o regime seljúcida entrou em decadência, Imaduddin ampliou seu poder e autoridade por intermédio de suas conquistas. Ele derrotou quatro estados cristãos, inclusive seu centro principal na cidade de Al-Reha, na Ásia Menor. No ano de 521 H, 1126 d.C., ele alcançou uma grande vitória sobre os cruzados, bem ao sul da cidade de Aleppo. Em 531 H, 1144 d.C., mais uma vez recuperou a antiga cidade de Edessa dos cristãos.

Zangi foi um grande líder militar e um administrador a serviço do califado. A tomada de Damasco parece ter sido sua ambição maior. Ele tornou-se o líder de três cidades importantes, Damasco, Aleppo e Mosul, de onde controlava todo o movimento entre a Mesopotâmia (atual Iraque) de um lado, e as terras do Egito, o sultanato seljúcida do Rum e os estados cruzados, de outro. Ele poderia ter atacado o império romano do ocidente mas a morte impediu que ele realizasse mais essa ambição.

**NURUDDIN ZANGI – 541 a 569 H / 1146 a 1174 d.C.**

Imaduddin foi substituído por seu filho, Nuruddin Zangi, no ano de 541 H, 1146 d.C. Nuruddin transformou-se em um muçulmano ideal. Ele foi um grande crente na igualdade de todos os homens diante de Allah e da lei. Ser um soldado nobre e generoso em sua época era ter a idéia de recuperar Jerusalém e por isso, libertar aquela cidade dos descrentes ganhou impulso. A fim de realizar esse objetivo sagrado, Nuruddin quis, primeiro, estabelecer um governo poderoso e, com isto em mente, transformou o pequeno estado impotente em seu próprio reino. Ele também tinha por objetivo estabelecer um bloco poderoso e a solidariedade dos muçulmanos. No começo Nuruddin fez de Alepo sua capital mas, no ano de 549, 1153 d.C., ele conquistou Damasco e a transformou em sua capital.

O irmão de Nuruddin fez reconhecer sua soberania em várias cidades no norte da Síria e em Jazira, entre os rios Eufrates e Tigre. Os emires turcos que se submeteram a ele foram muito bem recompensados pela lealdade. Eles tinham orgulho de sua origem turca e de servir a uma família de muçulmanos devotos tão bem sucedida como a dos Zangi.

Nuruddin ordenou que fosse construído um púlpito para o dia em que ele entrasse, triunfante, em Jerusalém e que ficasse localizado na Mesquita de Al-Aqsa. Contudo, a época ainda não era propícia, em parte por causa dos francos, que tinham uma boa liderança e em parte porque Nuruddin não conseguiu manter uma força combatente suficientemente grande para ser empregada por um bom tempo.

Nuruddin e outros membros da família Zangi não contavam com o apoio do Egito, onde o outrora poderoso califado fatimida tinha se degenerado de tal forma que o poder e a autoridade do califa fatimida não iam além de seus

dois palácios, sem falar nos *wazirs* (ministros), sempre às voltas com guerras civis. A divisão política entre Egito e Síria foi uma fonte de força para os estados francos. Eles aceitavam a trégua com um deles e atacavam o outro.

Na metade do século XII os cruzados estavam fortemente unidos, enquanto os muçulmanos encontravam-se divididos mas, com o passar do tempo, essas posições se inverteram. Os francos enfrentaram problemas com a sucessão no império romano do ocidente. Havia tensão e rivalidade entre as antigas famílias, que ali estavam estabelecidas desde a primeira Cruzada, e os recém-chegados da Europa. O poder foi sendo cada vez mais transferido para as ordens militares, os Templários e os Hospitaleiros, que não reconheciam outra autoridade que não fosse a do Papa, e estavam sempre discutindo uns com os outros.

Contudo, os muçulmanos saíram da desunião para a união e isso se deveu, basicamente, a Imaduddin e Nuruddin Zangi. O caso de Damasco pode ser tomado como exemplo. A cidade, ao mesmo tempo em que colaborava com os francos, representava uma ameaça para eles. Então, no ano de 1147 d.C., depois da segunda Cruzada, a cidade foi ocupada por Nurudin. Depois disto, primeiro durante o reinado de Nuruddin, e depois no período de Saladino, foi o principal centro da luta que acabou por expulsar os francos.

O evento mais dramático que mobilizou os recursos muçulmanos contra os cristãos foi a anexação do Egito pela Síria e, como conseqüência, o fim do califado fatimida, em 538 H, 1171 d.C. Pela primeira vez, era possível pensar no reino latino de Jerusalém sendo ocupado pela torquês muçulmana. Esta foi uma conquista de Nuruddin, mas Saladino como seu lugar-tenente teve uma boa participação, o que acabou colocando-o no caminho do império. Depois da conquista, Nuruddin começou os preparativos para atacar Jerusalém mas, de repente, o seu tempo nesta vida estava chegando ao fim e, no ano de 569 H, 1174 d.C., ele morreu

subitamente. Ao morrer, Nuruddin estava com cinquenta e oito anos e seu reinado teve a duração de vinte e oito anos.

Nuruddin não foi apenas um soldado e conquistador nobre mas, também, um governante de natureza gentil e generosa e muito afetuoso. Durante seu reinado foram construídos escolas e hospitais por todo o reino e existem várias narrativas que falam sobre seu espírito de justiça e de sua pureza.

Ele era dotado de muitas virtudes e governou na conformidade com os princípios alcorânicos. Viveu uma vida de austeridade e tinha poucos recursos próprios. Quando sua esposa se queixava de que não tinha dinheiro nem mesmo para comprar roupas, ele lhe dava algum de sua conta particular. Quanto aos bens, ele possuía três lojas que lhe rendiam cerca de vinte *dinares* por ano. Se a esposa reclamava que a quantia recebida era insuficiente para as suas necessidades, ele respondia: “Não tenho muito dinheiro. Mesmo que eu tivesse toda a fortuna ao meu dispor, não passo de um curador dos muçulmanos e não pretendo privá-los disto e me lançar ao inferno por sua causa.”

A ameaça do fogo do inferno era real para Nuruddin. Ele só impôs as taxas e impostos previstos no Alcorão e nas Tradições do Profeta (s.a.w.). Certo dia, quando seu comandante-em-chefe, Shirkoh, mostrou-se contrário à suspensão do *mukus* (taxas não-canônicas), tendo em vista que a medida implicaria na redução do orçamento militar, Nuruddin disse: “Se tivermos que ir à guerra a esse preço, então prefiro não guerrear em absoluto.” Nuruddin acreditava que as orações eram uma garantia de vitória, melhor do que um destacamento militar adicional.

## SALAHUDDIN AYYUBI

(de 569 de 589 H – 1174 a 1194 d.C.)

Após a morte repentina de Nuruddin Zangi, seu sucessor espiritual, Saladino (Salahuddin Ayyubi) tornou-se seu sucessor político também. Mais do que um soldado, ele tinha sido um estudioso. Se tivesse escolhido passar seu tempo entre os livros em lugar de usar da espada, ele teria sido um *qazi* (juiz), mas ele não se via desta forma.

Com a idade de 18 anos, Saladino foi mandado para Alepo e feito representante junto a seu tio, Shirkoh, o governador militar de Damasco. Ele foi responsável, entre outras coisas, pela manutenção da ordem, punição dos criminosos e por fazer cumprir e respeitar os regulamentos e normas. Nas batalhas do Egito, seu tio conquistou o país com a ajuda do jovem Saladino.

Em razão de sua coragem e ousadia e de um sincero espírito islâmico, Saladino surgiu como um dos mais famosos e mais conhecidos heróis muçulmanos. A história registrou o anseio profundo de Imaduddin e de Nuruddin de retomar a cidade de Jerusalém, mas, infelizmente, nenhum deles teve a chance de conseguir. Foi Saladino quem realizou essa tarefa e tirou da dominação cristã a cidade sagrada. Saladino era curdo e nasceu no Curdistão, que incluía a Pérsia. Depois da conquista do Egito, ele foi nomeado governador do Egito, no ano de 564 H, 1169 d.C. Como Nuruddin não tivesse um filho que tivesse a capacidade de tornar-se seu sucessor, coube a Saladino governar o reino.

No tocante às realizações, Saladino suplantou a Nuruddin. Conforme mencionado antes, ele foi um grande guerreiro e era dotado de um grande espírito de luta pela glória do Islam. Mais do que tudo, ele desejava ardentemente arrancar a Palestina das garras dos

usurpadores. Assim, depois de tornar-se sultão, a primeira coisa que fez foi voltar sua atenção para aquela região. Ele marchou para Jerusalém, que estava cercada pelo inimigo. Houve uma batalha violenta no campo de Hittin. Os cristãos receberam uma derrota esmagadora e milhares de soldados cristãos ou foram mortos ou foram feitos prisioneiros de guerra. Saladino ocupou Jerusalém e, conseqüentemente, toda a Palestina. E assim, o governo cristão sobre a Palestina foi abolido e voltou, mais uma vez, para as mãos dos muçulmanos. O púlpito, que havia sido preparado por Nuruddin enquanto vivo para ser colocado na mesquita de Al-Aqsa, foi finalmente erigido naquele lugar por Saladino.

Os exércitos cristãos quando tomaram Jerusalém estabeleceram um reinado de terror. Milhares de muçulmanos desamparados, inclusive mulheres e crianças, foram massacrados impiedosamente. Saladino poderia ter procurado a vingança pelos indefesos muçulmanos que morreram sem oferecer resistência, mas não o fez. Ele entrou em Jerusalém como um nobre conquistador e concedeu anistia geral a todos os cristãos. Para os cativos que quisessem sair de Jerusalém, ele estabeleceu o pagamento de um resgate em dinheiro. No entanto, aqueles que não tinham o dinheiro para pagar o resgate, ele mandou libertar sem qualquer pagamento. Saladino e seu irmão, Malik Adil, pagaram vários resgates de cristãos cativos sem recursos. E, dessa forma, o estado cristão fundado pelos francos foi abolido.

A notícia da tomada de Jerusalém pelos muçulmanos provocou muita agitação na Europa e as potências européias começaram os preparativos de guerra pela retomada de Jerusalém. Exércitos da Alemanha, Itália, França, e outros, começaram a marchar em direção a Palestina. Os exércitos europeus se juntaram ao rei da Inglaterra, conhecido como Ricardo Coração de Leão, para combater os muçulmanos. Assim, Saladino teve que enfrentar uma enorme frente aliada de exércitos europeus. A guerra continuou por cerca de três anos mas os cristãos não

obtiveram qualquer sucesso e nem conseguiram retomar Jerusalém. Por fim, eles foram obrigados a firmar a paz com Saladino. Esta guerra ficou conhecida como a Terceira Cruzada. Foi durante esses combates que Saladino provou ser o governante mais poderoso de seu tempo.

Uma vez assinado o acordo de paz na Palestina, Saladino permitiu que os peregrinos cristãos pudessem entrar em Jerusalém. Como eles viessem em grande quantidade, ficou bastante difícil para Ricardo Coração de Leão controlar e administrar os peregrinos. Então, ele escreveu a Saladino pedindo que fosse permitida a entrada em Jerusalém apenas das pessoas que portassem uma autorização escrita. No entanto, Saladino respondeu: “Os peregrinos vêm de longe e de todas as partes do mundo, com o único objetivo de fazerem a peregrinação, portanto, não devem ser impedidos disto, não seria sensato, além de não ser justo.” O sultão concedia todas as facilidades para os peregrinos cristãos e providenciava para que não faltasse comida e alguns confortos.

Saladino foi contemporâneo do sultão ghurida Shahabuddin e do governante marroquino, Al-Mansur e, sem dúvida, pode-se afirmar que esses três grandes governantes foram os maiores em seu tempo e em seus respectivos domínios.

Saladino morreu no ano de 589 H, 1194 d.C. e seu reinado teve a duração de vinte anos. Sobre sua morte, comentou o conhecido historiador Khalkan: “O dia da morte de Saladino foi o acontecimento mais chocante que o Islam e os muçulmanos enfrentaram, depois da morte dos quatro califas probos.” A dinastia inaugurada por Saladino tomou o nome de dinastia aiúbida, de seu pai, Najmuddin Ayub.

## **A Personalidade de Saladino**

Saladino foi, sem dúvida, um guerreiro galante e cavalheiresco. Ele foi um governante generoso e de

natureza nobre também. Até mesmo os historiadores e escritores europeus são unânimes no reconhecimento de sua índole nobre e generosa.

É fato conhecido que ele tinha uma grande estima pelo *Jihad*. Certa vez seu corpo ficou tão cheio de tumores, principalmente na parte inferior, que praticamente não conseguia se sentar, nem mesmo para fazer as refeições. Ainda assim ele partiu para a guerra e ficava no lombo de seu cavalo desde o meio-dia até o entardecer, e não havia dor que o impedisse de participar da batalha.

Depois do acordo de paz firmado com os cristãos, Saladino deu-lhes permissão para que, sem qualquer constrangimento, fizessem a peregrinação aos seus locais sagrados.

Certa ocasião alguns soldados seus arrancaram o filho de mulher cristã. Ela ficou muito aflita, sem saber o que fazer para ter de volta o filho. Algumas pessoas a aconselharam ir até Saladino, dizendo: “Ele é um rei muito justo e por certo que fará a justiça com você.”

Seguindo o conselho daquelas pessoas, a mulher se dirigiu a Saladino chorando e contou-lhe o ocorrido. Ao ver a mulher chorando, Saladino também começou a chorar e, de imediato, ordenou que fossem procurar o filho daquela mulher no exército. A criança foi encontrada e devolvida para a mãe aflita. Saladino tratava os não-muçulmanos segundo as normas islâmicas.

Ele levou uma vida muito simples e jamais usava roupas de seda. Ele não tinha palácio para morar e usava uma casa bem simples e comum. Depois de capturar o Cairo, ele ordenou que fosse feito um exame criterioso no palácio fatimida. Foram encontrados incontáveis objetos e utensílios de ouro e prata, os quais Saladino ordenou que fossem levados para *Baitul Mal* (Erário Público). As escravas foram libertadas ou, então, dadas para os nobres. Os



palácios reais foram deixados para uso público. Em um dos grandes palácios egípcios, foi criado um monastério.

Havia muitas escolas e clínicas na Síria, porém no Egito não havia nada e, por isso, Saladino mandou construir várias escolas e clínicas para uso dos egípcios. Os estudantes passaram a receber alimentação e alojamento nas escolas. Os hospitais criados no Cairo eram muito grandes para os padrões daquela época.

Ao verem o Sultão tão interessado pela educação, os nobres e as abastadas senhoras também mandaram construir escolas.

Da mesma forma que Harun al-Rashid, Saladino também dividiu o reino entre seus três filhos, determinando o enfraquecimento da dinastia. O irmão de Saladino, Malik Aadil, e seu filho, Malik Kamil, foram os responsáveis por manterem Egito, Síria, Hijaz e Iêmen unificados. Após aproximadamente sessenta anos, a dinastia aiúbida chegou ao fim e foi substituída pelos escravos turcos conhecidos por “mamelucos”.

## OS SELJÚCIDAS

**(de 429 a 552 H – 1037 a 1157 d.C.)**

1. Tughril	429 a 455 H – 1037 a 1062 d.C.
2. Alp Arsalan	455 a 465 H – 1062 a 1072 d.C.
3. Malik Shah	465 a 485 H – 1072 a 1092 d.C.
4. Mahmud	485 a 487 H – 1092 a 1094 d.C.
5. Barkiyaruk	487 a 498 H – 1094 a 1104 d.C.
6. Muhammad	495 a 511 H – 1104 a 1117 d.C.
7. Sanjar	511 a 552 H – 1117 a 1157 d.C.
Batalha de Malakar	465 H – 1071 d.C.

## O Restante dos Califas Abássidas

Seus respectivos períodos de califado foram sob dominação dos governantes buaídas e seljúcidas:

1. Mustakfi-*billah* 223 a 224 H – 944 a 945 d.C.
2. Muti'u-*billah* 224 a 362 H – 945 a 974 d.C.
3. Ta'e-*bilhah* 362 a 381 H – 974 a 991 d.C.
4. Qadir-*billah* 381 a 442 H – 991 a 1051 d.C.
5. Qaim-be-Amrillah 442 a 467 H – 1051 a 1074 d.C.

Foi durante o reinado de Qaim-be-Amrillah que, no ano de 447 H, Tughril Beg entrou em Bagdá e o poder buaída foi abolido.

6. Muqtadi-be-Amrillah 467 a 487 H – 1074 a 1094 d.C.
7. Mustazhir *billah* 487 a 512 H – 1094 a 1118 d.C.
8. Mustarshid *billah* 512 a 529 H – 1118 a 1134 d.C.
9. Rashid *billah* 529 a 530 H – 1134 a 1135 d.C.
10. Muktafi-be-Amrillah 530 a 555 H – 1135 a 1160 d.C.

Durante o reinado de Muktafi-le-Amrillah, os califas abássidas ficaram livres do poder seljúcida.

## OS AIÚBIDAS

**(de 468 a 569 H – 1174 a 1250 d.C.)**

1. Salahuddin (Saladino) 589 H a 1174 d.C.
2. Malekul Aziz 589 a 595 H – 1174 a 1198 d.C.
3. Malekul Adil 595 a 615 H – 1198 a 1218 d.C.
4. Malekul Kamil 615 a 635 H – 1218 a 1238 d.C.
5. Malekul Adil II 635 a 637 H – 1238 a 1240 d.C.
6. Malekus Saleh 637 a 647 H – 1240 a 1249 d.C.
7. Turan Shah 647 a 648 H – 1249 a 1250 d.C.

A batalha de Hittin e a vitória de Jerusalém – 583 H – 1187 d.C.

## CAPÍTULO XVII

### OS TERRÍVEIS MONGÓIS

A história dos países eurásianos consiste de um registro de ondas de invasões de tribos, cujas conquistas, de um modo geral, foram alcançadas à custa de muito sofrimento humano. No entanto, nenhuma invasão registrada pela história pode ser comparada com os horrores e a extensão das conseqüências com as invasões mongóis que arrasaram partes inteiras da Ásia, dizimando populações e aniquilando civilizações. Nem mesmo a Europa escapou dessas ondas de devastações. A Rússia foi conquistada e anexada, Siécia e Moravia foram arrasadas depois da derrota de Poles, em 1241d.C. O exército mongol, comandado por Batu, assolou as planícies da Hungria e derrotou seu monarca em Pauth. Para falar a verdade, nem a Ásia Central nem a Pérsia, e até certo ponto, nem a Rússia, se recuperaram desta avalanche humana ocorrida no século VII da Hégira.

#### **A Origem dos Mongóis**

Segundo referências históricas autorizadas, acredita-se que os mongóis eram descendentes dos Huvs, ou Hiung-Nu, que, por volta de 200 a.C., combateram e expulsaram para o ocidente os Yue-Chi. Os descendentes de Yue-Chi ficaram conhecidos como Uighuerr. Contudo, existe uma antiga lenda e podemos recorrer de forma mais vantajosa aos escritores contemporâneos para uma apreciação do novo “Flagelo de Deus”.

Os mongóis, ou tártaros, como eram genericamente denominados, foram divididos pelos historiadores chineses em três classes, ou categorias, a saber: os tártaros brancos, os tártaros negros e os tártaros selvagens. Sua civilização decresceu com o isolamento de seus *habitats* do processo civilizatório da população sedentária da China. Os mongóis

foram uma das tribos que percorria o país, ao norte do deserto de Gobi, até o sul do lago Baiakl. Eles levavam uma vida como os outros nômades e mantinham uma fidelidade com a dinastia do norte da China. De acordo com Ibn al-Athir, eles se situavam nos patamares mais baixos da escala civilizatória. Assim escreve ele: “No tocante à religião, eles adoravam o sol quando este levantava e para eles nada era ilícito, pois comiam todo o tipo de animal, até mesmo cachorros, porcos e assemelhados.”

Os verdadeiros mongóis têm olhos amendoados, são imberbes e, de um modo geral, de estatura pequena, mas viris e, embora de aparência desajeitada quando em pé, são cavaleiros inatos.

### **Os Ancestrais de Gêngis Khan**

Os ancestrais de Gêngis Khan perdem-se em meio a lendas mas, de acordo com D’Ohsson, eles seriam tributários dos *nuchens*, ou dinastia Kin. Bartam Bahadur, um membro da tribo de Gêngis Khan, teve quatro filhos, dos quais o terceiro, Yissugay Bahadur, foi eleito o chefe da tribo. Ele era, evidentemente, um guerreiro ativo e valente que dominou os clãs vizinhos e os fez lutar do seu lado. Seu poder crescente trouxe intranqüilidade para a dinastia Kin e, em um ataque surpresa dos tártaros Buyr-Nur, Yissugay morreu combatendo.

### **Gêngis Khan (557 a 624 H – 1162 a 1227 d.C.)**

Yissugay teve um filho, que nasceu no ano de 1162 d.C., a quem deu o nome de Temuchin, em memória de um Chefe que tinha sido morto. Depois da morte de seu pai, Temuchin, um rapaz de apenas treze anos, conseguiu assumir a liderança da tribo mas, como se pode imaginar, a pequena confederação, ao recusar-se a obedecer a um menino, deixou de existir. Temuchin, mais conhecido como Gêngis Khan, depois de passar por várias dificuldades, foi

feito prisioneiro por seus inimigos. No entanto ele tinha nascido como um homem de sorte e, ajudado por sua grande estatura e notável poder de resistência, conquistou várias vitórias e sua reputação acabou por se rivalizar com a de seu pai.

## **Hostilidades com Khwarzam**

No início, as relações de Gêngis Khan com o monarca do Khwarzam eram pacíficas e afáveis. Então, um dia o chefe mongol despachou uma delegação a Muhammad, levando presentes e uma mensagem de boa vontade, expressando a esperança de que os dois governantes pudessem viver pacificamente um com o outro. Temuchin também declarou que ele considerava Muhammad como um filho muito querido. Porém, o monarca de Khivan percebeu que a expressão “considerar como um filho” na verdade significava uma exigência velada para que ele reconhecesse a superioridade mongol.

Decorrido algum tempo, Gêngis Khan comprou o estoque de três mercadores de Khivan e com eles despachou representantes mongóis com a missão de obter vários produtos de Khiva, em troca de suas peles.

Os membros dessa caravana foram presos por ordem do monarca, que achou que eles eram espiões, o que com toda a probabilidade deveria ser o caso. Em resposta, o governador foi instruído a executá-los, e ele cumpriu a sentença. É possível que Gêngis Khan tenha recebido os comunicados do califa Nasir. Cabe notar aqui que depois que as províncias de Gheer e Bazini foram incorporadas ao reino de Muhammad, foram encontradas nos arquivos de Ghazna cartas do califa Nasir, recomendando que os príncipes Ghoridas se unissem a Kara Khitai contra Khwarazm. Irritado com esta prova de hostilidade, Muhammad convocou um conselho em Khiva que decidiu depor Nasir por assassinato e inimigo da fé.

Depois da execução, Gêngis Khan enviou uma delegação ao rei do Khwarazm e exigiu que ele se rendesse ao Governador de Ottar ou a guerra seria a alternativa. Muhammad, cego por seus primeiros sucessos, tornou as hostilidades inevitáveis ao condenar o representante mongol à morte.

### **As Invasões ( 616 H – 1219 d.C.)**

Passado um ano daquela decisão desencadeou-se uma torrente terrível de destruição e saques e, no ano de 616 H., 1219 d.C., hordas mongóis se dirigiram para Sir Daria, em Ottar. Muhammad tinha conseguido juntar um exército de milhares de soldados para enfrentar os mongóis mas foi derrotado entre Ush e Sangar por Juji, o filho mais velho de Gêngis Khan. Depois disto, ele se contentou com as guarnições de suas cidades principais, na esperança de que os mongóis, após a devastação do país, voltariam para casa com seus espólios de guerra. Porém, Juji, depois de derrotar Muhammad, continuou sua marcha em direção à província de Jand e o próprio Gêngis, acompanhado de Tuli, seu filho mais novo, marchou para Bucara.

O cerco a Ottar durou cerca de seis meses e seu governador, sabendo que já estava condenado, lutou até o seu amargo fim. No entanto, como não vinha qualquer ajuda do shah de Khiva, a cidade foi finalmente invadida. O governador resistiu por mais um mês no forte, e, apesar de sua bravura desesperada, ele foi capturado vivo e trazido para Gêngis Khan, que ordenou que prata fundida fosse despejada em seus olhos e ouvidos, como recompensa pela execução de seus infelizes mercadores. Após sete dias de cerco, Juji capturou Siyac e Jand não ofereceu resistência.

Por alguns dias, Bucara foi defendida por vinte mil soldados no forte mas a situação era desesperadora e uma tentativa de invadir a fortaleza foi realizada com sucesso.

Os mongóis se reuniram rapidamente e perseguiram os fugitivos, que foram cortados em pedaços às margens do Oxus. Bucara rendeu-se e Gêngis Khan, montado em seu cavalo, entrou na grande mesquita, onde os mongóis estavam entregues à celebração do sucesso da campanha. O povo foi reunido e os ricos foram obrigados a entregar todos os seus bens e pertences. Em seguida, a cidade foi saqueada e queimada. Os infelizes habitantes foram distribuídos entre os conquistadores selvagens. As mulheres foram vítimas de seus captores.

De Bucara, Gêngis Khan seguiu pelo fértil vale do Zarfashan até Samarcanda, que estava fortemente guardada por quarenta mil homens. No entanto, não foi oferecida qualquer resistência por esta guarnição. A seção turca do forte preferiu render-se na esperança de um tratamento melhor, mas o que os turcos encontraram foi o massacre. Além dos habitantes, três mil artífices foram divididos entre os mongóis e um igual número de pessoas foi usado em operações militares. Cerca de cinqüenta mil tiveram a permissão para se libertarem mas, na maior parte dos casos, logo em seguida foram empregados em operações militares. Na verdade, todo o país foi privado de sua população.

De Samarcanda, Gêngis Khan enviou dois destacamentos, cada um com dez mil soldados, com instruções de procurar Muhammad, pegá-lo se ele quisesse lutar e persegui-lo se ele fugisse. A divisão de Chebe, ao passar por Nishapur, devastou Kuchan, Isfarayin e Damghan, e, diante de Rei (Rayy), juntaram-se à divisão de Subutay e, de surpresa, atacaram aquela cidade.

Nesse meio tempo, Muhammad alcançou Qazvin e quis começar a reação dali, mas durante os preparativos para os combates, ele recebeu a notícia de que a cidade de Rei, que ficava perto, tinha sido capturada. Seu exército partiu em debandada e Muhammad quase caiu nas mãos dos mongóis. Ele conseguiu escapar para Mazandran e

finalmente se refugiou em uma pequena ilha fora da costa. Lá, ele ficou a salvo dos mongóis mas logo morreu, deixando para a posteridade uma reputação de pusilanimidade.

## **Jalaluddin**

Depois da morte de Muhammad, três de seus filhos viajaram por mar até a península de Mangishlak. Ao alcançarem a capital do Kwarazm, eles foram recepcionados calorosamente por toda a população. Um exército foi mobilizado mas, por causa da conspiração contra Jalaluddin, o heróico filho de Muhammad foi obrigado a fugir com seus trezentos soldados. Cruzando o deserto em dezesseis dias, ele chegou a Nisa, a sudoeste da moderna Ashqabad, ou Askabad. Ele a encontrou tomada por um destacamento de apenas setecentos mongóis. Ousado e corajoso, o heróico príncipe enfrentou e derrotou esta divisão mongol e chegou a Nishapur a salvo. Dois de seus irmãos, tomando conhecimento de que uma grande força mongol estava se concentrando em Urganj, seguiram em seu encalço três dias mais tarde, mas eles foram mortos pelos mongóis.

A próxima operação de Gêngis Khan foi enviar um destacamento, sob o comando de Juji, Chagatay e Ogotay, para cercar a capital do Khwarazm. No entanto esta operação foi interrompida por causa das desavenças entre Juji e Chagatay. Finalmente, Gêngis Khan deu o comando supremo dos exércitos a Ogotay. Esta operação durou cerca de seis meses e os mongóis foram vitoriosos. Os vencedores reuniram toda a população e tendo posto de lado os artesãos, massacraram todos os homens e escravizaram as mulheres e crianças. Depois dessas atrocidades, os mongóis, mais uma vez, desviaram as águas do rio Oxus para seu antigo canal, que levava ao mar Cáspio.



## A Devastação do Corassã

Depois de passar o verão nos campos de Nakhshab, Gêngis Khan iniciou uma nova campanha com o objetivo de capturar Termiz, no Oxus (617 H, 1229 d.C.), cuja estrada levava a Balkh. Todos os seus habitantes foram massacrados e ele também devastou a vizinha cidade de Badakshan. Em seguida, avançou em direção a Balkh, que não ofereceu qualquer resistência. No entanto, ainda assim, ele destruiu a cidade sob o argumento de que Jalaluddin estava organizando um exército em Ghazna. Tuli tinha sido enviado para completar o saque e arruinar o Corassã, que já tinha sido ocupada em parte por Chebe e Subutay. Os habitantes de Tus, vendo o governante mongol isolado, se rebelaram contra ele mas a revolta foi facilmente debelada por uma divisão de trezentos mongóis acampados em Ustuva. Até as muralhas de Tus foram demolidas pela aterrorizada população da cidade. Tuli começou sua marcha para o Corassã no ano de 617 H, 1220 d.C., no que foi precedido por uma força de dez mil soldados. A cidade de Nisa foi fulminada e homens, mulheres e crianças foram massacrados. Nishapur não foi capturada na primeira tentativa em que Toga Char, um genro de Gêngis Khan, foi morto; porém Saleza-war foi fulminada e seus setenta mil habitantes foram mortos.

A primeira operação importante empreendida por Tuli foi a captura de Merve Shahijan, a capital de Sanjar, que vivia o auge de sua prosperidade e civilização. Yaqut, o eminente geógrafo, que tinha vindo de Merve e chegado a salvo em Mosul, escreveu em linguagem brilhante, sobre as ricas bibliotecas e os vários homens de ciência e literatura. E lamenta: “Aqueles lugares foram apagados da face da terra como as linhas escritas são apagadas do papel, e aquelas residências tornaram-se moradia de corvos e corujas”. Tuli, por intermédio de falsas promessas, apoderou-se de pessoas importantes dentre os habitantes da cidade condenada e perpetrou o mais terrível massacre de mais de meio milhão de pessoas desamparadas e indefesas. Ibnul

Asir informa que o número de vítimas foi de setecentos mil e, de acordo com o autor de *Jahan Gushs*, o número de mortos foi até maior. Cinco mil habitantes de Merve, que tinham conseguido escapar ao massacre, foram mortos por um destacamento de mongóis que estava a caminho para se juntar ao exército principal. O lugar ficou desolado até ser reconstruído mais de um século depois, por shah Rukh.

De Merve, Tuli marchou para Nishapur. Não obstante os preparativos feitos com o objetivo de uma defesa vigorosa da cidade, os mongóis, por seu turno, fizeram preparativos ainda maiores. Além de um grande exército, eles também possuíam setecentas máquinas de lançar nafta incandescente. Por fim, eles fizeram diversos ataques à cidade e massacraram todo ser vivo, inclusive cachorros e gatos. Foram erguidas pirâmides com os crânios dos mortos em oferenda ao espírito de Togachar. As edificações foram inteiramente demolidas e no local foi plantada cevada.

A última grande cidade do Corassã a ser atacada foi Herat. Lá, os mongóis encontraram uma corajosa resistência que durou oito dias mas, finalmente, a população acabou por se render e os soldados que guardavam a cidade foram todos mortos.

Jalaluddin, depois de derrotar uma força de mongóis em Nisa, seguiu para Nishapur. Esta era a primeira derrota sobre os mongóis na Pérsia. Lá, ele permaneceu por três dias e, então, partiu para Ghazna. Um destacamento de mongóis o seguiu e Jalaluddin desviou para Zuzan, onde encontrou os portões da cidade fechados para ele. Por fim, ele alcançou Ghazna em segurança. Na cidade, apesar de predominar a anarquia, a população se reuniu em torno dele e, em pouco tempo, ele conseguiu organizar um exército com o qual, no ano de 618 H, 1221 d.C., marchou para o norte nas vizinhanças de Bamian, onde obteve algum sucesso e matou milhares de mongóis. Nesse meio tempo, Jalaluddin, sabendo que Gêngis Khan estava avançando em direção a Ghazna, decidiu recuar para o Sind. O

conquistador mongol arrasou Bamian não permitindo sequer que a cidade fosse saqueada. Em seguida, em marcha forçada, ele se dirigiu para Ghazna e foi tão rápido que alcançou o sultão na fronteira com o Sind. Jalaluddin quis colocar entre o seu pequeno exército e os mongóis o rio Indus, mas ele ia muito devagar e no início da madrugada ele ficou encurralado. Lutando com incrível heroísmo, ele ainda tentou reagir como um tigre enfrentando um ringue de elefantes, mas sem sucesso. Ao meio-dia ele montou um cavalo descansado e partiu para enfrentar o mongol. Súbito, abriu-se um caminho entre os mongóis e Jalaluddin atirou-se no rio Indus e saiu nadando. Nesta ocasião, Gêngis Khan, mostrando-se magnânimo, não só proibiu que atirassem flechas em sua direção, como também o apontou para seus filhos como um modelo de valor.

Na primavera seguinte, a cidade de Ghazna foi destruída por motivos militares e, ao mesmo tempo, foi despachada uma força para aniquilar Herat. A população se defendeu como pôde porém, após um cerco de seis meses e uma semana, a cidade se rendeu. Conta-se que mais de um milhão e meio de seus habitantes foram massacrados.

Saindo da Índia (na parte correspondente ao atual Paquistão) e antes de prosseguir para o norte, Gêngis Khan ordenou que os prisioneiros limpassem uma grande quantidade de arroz para o exército e, uma vez executada a tarefa, todos foram mortos. Ele tornou a cruzar o Indus e prosseguiu para Kohara. Lá, ele recebeu instruções sobre a doutrina islâmica e ordenou que nas *khutbas* (sermões) o seu nome fosse lido. Na Ásia Central ele ficou ocioso por mais de um ano e então, no ano de 622 H, 1225 d.C, vagarosamente voltou para seu país.

Os exércitos de Chebe e Subutay, que tinham capturado Rei (Rayy) e perseguido Muhammad até o mar Cáspio, teve Qum como seu próximo alvo. No primeiro momento, Hamadan foi poupada, porém Zeijan e Kazvin receberam o mesmo típico tratamento mongol. Tabriz

também foi poupada, só que em troca de uma grande quantia em dinheiro. Os mongóis prosseguiram até a planície de Moghan, ao sudoeste do mar Cáspio. Em seguida, eles avançaram em direção à Geórgia e, com o reforço de bandos de turcomanos e curdos, devastaram o país até Tiflis. A próxima cidade a ser atacada foi Maragha, que recebeu idêntico tratamento. A intenção dos chefes mongóis era alcançar Bagdá mas a dificuldade em atravessar as regiões montanhosas salvou a capital abássida desta vez. Então, os mongóis voltaram para Hamadan e a saquearam. De Hamadan eles foram para Ardbih, que também foi saqueada. Depois eles tomaram o mar Cáspio, em Samaka, perto de Baku e, sempre em frente, foram para Derbent. Cabe notar que no ano de 621 H, 1224 d.C., uma outra divisão mongol atacava Rei (Rayy), Sava, Qum, Kashan e Hamadan, massacrando os habitantes que tinham conseguido escapar das primeiras invasões.

Para resumir, o testemunho de todos os historiadores contemporâneos é de que por onde os mongóis passaram, a população foi quase que totalmente exterminada e a terra transformada em deserto. Lemos em *Jahan Gusha*: “Ninguém das milhares de pessoas escapou... Se de hoje até o dia do Julgamento nada impedir o crescimento da população, ainda assim não representará um décimo do número que existia antes das invasões mongóis.”

### **A Morte de Gêngis Khan**

A última campanha realizada por Gêngis Khan foi a invasão de Tangut, que foi invadida e devastada. Finalmente, a hora deste conquistador tirano e cruel, responsável pela morte de milhões de inocentes, se aproximava. Ao sentir que sua morte estava chegando, ele indicou seu terceiro filho, Ogotay, como seu sucessor e o aconselhou a evitar as dissensões internas. Ele morreu no ano de 624 H, 1227 d.C., depois de reinar por sessenta e três anos. Seu corpo foi levado para Urdu, um acampamento

militar. Com o intuito de evitar que sua morte fosse conhecida pelas pessoas, cada soldado que era encontrado no meio do caminho era morto.

No ano de 1229 d.C., dois anos após a morte de Gêngis Khan, reuniu-se o Conselho de nobres com a finalidade de eleger Ogotay como o Khan dos mongóis. Ele recebeu a homenagem de todos e a ocasião foi celebrada com o envio de quarenta belas jovens mongóis para o outro mundo, para servir a Gêngis Khan no além.

Para se conhecer seu caráter, atribui-se a ele o seguinte: “A maior alegria para mim é conquistar os outros, persegui-los, tomar-lhes as propriedades, ver suas famílias em lágrimas, montar seus cavalos e possuir suas filhas e viúvas.” Então, sob o sepulcro de Gêngis Khan passou um rio de sangue. Ele destruiu mais seres humanos do qualquer outro conquistador vitorioso. Ele conquistou o maior império jamais conhecido. Mas não se pode afirmar que por causa de sua sede sangue, ele não fosse um gênio. Graças à sua genialidade, ele construiu um império que levou os desdenhados nômades tártaros ao senhorio de toda a Ásia. Por sua vontade, Gêngis Khan dividiu seu imenso império entre seus quatro filhos e respectivas famílias. No entanto, Ogotay morreu no ano de 1241 d.C. e um novo conselho foi convocado.

No Conselho de 1229 mencionado anteriormente ficaram decididas três grandes expedições. A primeira delas foi o envio de um exército de trinta mil soldados, sob o comando de Chormaghun, para conquistar e atacar Jalaluddin.

No ano de 626 H, 1229 d.C., depois de uma campanha contra os abássidas, ele fez a paz com o Califa que, em troca de ter seu nome restabelecido nas *khutbas* (sermões), conferiu ao monarca o título de *Shahan-Shah*.

## **Fuga e Morte**

O exército mongol sob o comando de Chormaghun encontrou Jalaluddin despreparado. Ele estava na planície de Moghan, esperando por seu exército e mal conseguiu fugir. Depois disto ele se transformou em um fugitivo incapaz de enfrentar o exército mongol, cujo comandante tinha um interesse particular em capturá-lo. Ele acabou sendo morto por curdos que procuravam refúgios para saquear.

Jalaluddin foi morto no ano de 628 H, 1231 d.C., terminando assim a brilhante carreira de um dos soldados mais corajosos e mais empreendedores que já apareceu. Tivesse ele possuído as qualidades de um estadista, por certo que teria tido a habilidade de organizar uma força capaz de derrotar os mongóis e, assim, impedir o saque de Bagdá. Ele é considerado na história como um meteoro ofuscante.

## **Campanhas Mongóis na Ásia Menor e Síria**

Depois da morte de Jalaluddin, Chormaghun devastou a Mesopotâmia, o Curdistão, o Azerbaijão, Armênia e Geórgia e cometeu as mesmas atrocidades já descritas. Nos vinte anos seguintes, a divisão comandada primeiro por ele, e depois por Baiydu, exterminou províncias inteiras a oeste da Pérsia, chegando até Aleppo.

## **Hulagu Khan**

Em 649 H, 1251 d.C., quando um certo Mangu foi eleito *khakan*, foram decididas duas grandes expedições, uma até a China, sob o comando de seu irmão Khubilay, e a outra até a Pérsia, chefiada pelo irmão mais novo, Kulgu, o fundador da dinastia dos Il-Khans. Hulagu Khan é conhecido no oriente como Halaku Khan. À frente de um poderoso exército e de uma excelente artilharia, Hulagu começou de Karaqoram, ou Caracorum, no ano de 650 H, 1252 d.C., com instruções de aniquilar os assassinos e acabar com o

califado. O príncipe mongol, contrariamente aos seus hábitos, marchou mais devagar. Em Keash, ele encontrou Arghun, um hábil persa que serviu a Hulagu como secretário na importante campanha que se seguiu.

## Os Assassinos

Já foram feitas referências aos “assassinos”. Eles foram o primeiro alvo de Hulagu e foram totalmente exterminados por ele. Aqui, faz-se necessário um breve relato. Hasan bin Sabbah nomeou um de seus colegas, Kiya Buzurg Unid, para substituí-lo depois de sua morte. A importância desta seita aumentou sob a liderança de seu filho, Muhammad, e de seu neto, Hasan. Hasan repudiou sua própria família e se proclamou descendente do fatimida Nizar. No ano de 569 H, 1164 d.C., ele se declarou *Imam*, com um significado alegórico. O termo *Mulahida* (herético) foi dado a esta seita por causa de sua nova reivindicação. Até hoje eles são conhecidos no Corassã por essa denominação. Depois de governar por alguns anos Hasan foi assassinado, mas seu filho seguiu os passos do pai. Seu sucessor, Jalaluddin, no ano de 1210 d.C., modificou inteiramente a política da seita, ao se declarar um muçulmano ortodoxo. Ele estabeleceu relações diplomáticas com o califa Nasir e com as províncias muçulmanas vizinhas, inclusive a heróica Khiva, e também enviou uma delegação a Gêngis Khan, no ano de 1220 d.C. Ele morreu subitamente, provavelmente envenenado, e foi substituído por seu filho Ruknuddin, de apenas nove anos. No ano de 1238 d.C., ele enviou uma delegação à Europa. Um enviado seu visitou a corte do rei Henrique III, com o objetivo de interceder pela causa dos ismaelitas. No entanto o enviado foi recebido friamente e o Bispo de Winchester expressou seus sentimentos com as seguintes palavras: “Que os cães devorem todos vocês e que sejam varridos da face da terra quando, então, veremos fundada sobre suas ruínas, a Igreja Católica universal.”

## **O Fim dos Assassinos**

Hulagu atacou a fortaleza ismaelita com toda a sua força e capacidade e como o Grande Senhor praticamente não possuía um exército, a seita foi exterminada no ano de 654 H, 1256 d.C. A tempestade desabou primeiro em Khaf e Tun, que foram facilmente capturadas e toda a população massacrada, exceto as belas mulheres. Ruknuddin ocupou as fortalezas e por último a capital, Almut. E, dessa forma, a seita foi erradicada.

## **O Saque de Bagdá – 656 H – 1258 d.C.**

Depois de acabar com os “assassinos”, Hulagu transformou Hamadan em seu quartel-general. Dali, no ano de 655 H, 1257 d.C., ele enviou uma convocação ao califa Mustasim-*billah*. O príncipe mongol, depois de muita hesitação e consulta aos astrólogos, marchou na direção oeste para atacar Bagdá a partir do leste, com a cooperação de Baydu. Este último foi instruído a sair do norte e atacar a partir do oeste, com o evidente objetivo de evitar a fuga do califa e de seus súditos. Mustasim-*billah* foi um governante torpe, cheio de falso orgulho. Ele não providenciou a organização de um exército e se recusou terminantemente a fechar as portas da casa do tesouro. Se ele tivesse sido um governante competente provavelmente poderia ter derrotado os mongóis, mas o último governante da dinastia abássida ficou praticamente indefeso.

Os dois exércitos mongóis juntos possuíam cem mil homens, enquanto o califa, por causa de sua avareza e estupidez, não conseguiu juntar mais do que um quinto daquelas forças. As cidades de Tikrit e Dujayat ofereceram resistência mas os mongóis inundaram o campo muçulmano durante a noite, assumindo posições estratégicas. Apenas alguns fugitivos conseguiram escapar de Bagdá. Os mongóis invadiram o coração do Islam e atacaram as muralhas da cidade. Foram feitas propostas mas de nada adiantaram e o califa se rendeu. Segundo historiadores, o



califa foi condenado à morte, sendo amarrado em um saco e depois pisado por cavalos ou surrado com clavas.

O saque de Bagdá completou-se em uma semana, durante a qual cerca de um milhão de habitantes inocentes foram massacrados. O autor de *Kitabul-Fakkari* refere-se ao holocausto de Bagdá nos seguintes termos: “Então, aconteceu aquele massacre total e o saque desenfreado e a tortura, de que é difícil ouvir ou falar, mesmo que superficialmente; como pensar então, em detalhes? Aconteceram coisas que eu não gostaria de mencionar; imagine o que você quiser mas não me pergunte nada a respeito disso!”

O saque de Bagdá foi, na história da humanidade, um acontecimento mais terrível do que os saques de Merve e Herat, visto que a cidade era o centro do mundo muçulmano. E foi um prejuízo irreparável para a sua civilização, pois, com a extinção do califado, um pouco mais de seiscentos anos depois da fundação do Islam, foram destruídos tesouros artísticos e literários inestimáveis e massacrados homens sábios e estudiosos de todas as classes sociais. A civilização muçulmana era, nessa época, um farol para o mundo e nunca mais se recuperou desse golpe mortal. É difícil perceber, assim como é impossível exagerar, a natureza terrível do cataclismo que fez retroceder os ponteiros do relógio do progresso dos estados muçulmanos e, indiretamente, também do mundo todo. A propósito, a língua árabe aos poucos declinou em importância.

### **A Morte de Hulagu**

O cruel Hulagu viveu mais sete anos depois do saque de Bagdá. Ele morreu no ano de 663 H, 1265 d.C. Durante este período ele governou a Pérsia como governante incontestável. Ele também capturou Alepo e Síria. Depois dele, o exército mongol foi derrotado pelos mamelucos do Egito.

A cidade de Maragha, a noroeste da Pérsia, foi escolhida como a capital do príncipe mongol. Ele acreditava em astrologia e por isso mandou construir seu famoso observatório, cujas ruínas ainda podem ser vistas.

Nos últimos anos de vida de Hulagu houve uma revolta em Fars, mas o Atabeg seljúcida foi capturado em Kazerun e executado em seguida. Hulagu foi enterrado na ilha de Tala, no lago Urumia, onde ele tinha conseguido acumular a incrível fortuna dos “assassinos” e dos califas. No norte da Pérsia predominou a paz porque a terra foi desolada e apenas uns poucos remanescentes foram deixados com vida. Sua esposa principal, Dokuz Khatun, uma cristã nestoriana, morreu um pouco depois de sua morte. Foi por influência dela que Hulagu protegeu os cristãos. Por causa dessa proteção, no ano de 1260 d.C., Hulagu recebeu uma carta do Papa, expressando sua gratidão.

A respeito da personalidade de Hulagu, pouco coisa é conhecida. Ele era cruel e tirano como os outros de sua raça. Parece que a crueldade praticada contra os seres humanos lhe dava mais prazer do que qualquer outra coisa na vida. Se ele tivesse encontrado um califa forte e digno governando Bagdá, é provável que suas hordas, que não tinham uma liderança específica, tivessem batido em retirada. Mas a sorte de Hulagu é que ele enfrentou homens fracos e incompetentes tanto em Almut como em Bagdá. Hulagu Khan, o fundador da dinastia na Pérsia, é conhecido pela fama de conquistador que afetou profundamente o curso da história mundial.

## **Marco Polo**

Uma das conseqüências das conquistas mongóis foi que os descendentes dos conquistadores, tornando-se mais civilizados, quiseram reparar a devastação provocada por seus terríveis ancestrais. Foi, então, que toda a Ásia abriu-se para os viajantes. E nesta onda vieram mercadores

aventureiros, sendo o maior deles o ilustre Marco Polo, conhecido como o “Pai da Geografia”.

Marco Polo começou sua famosa viagem pela Ásia e China a partir de Lajazzo, no golfo de Scanderun, e entrou na Pérsia por Tabriz. Ele declara: “A Pérsia é um grande país que em tempos antigos foi ilustre e poderoso; no entanto, agora, os tártaros a arrasaram e a destruíram. Os habitantes ganham a vida com o comércio e objetos de ouro feitos a mão. Eles tecem várias espécies de belas e valiosas sedas.”

Além de Tabriz, Marco Polo visitou Saba, Kashan, Kirman, Sarbizan, Dildard, Gamadi, etc. Quando voltava da China para a Pérsia, ele recusou usar a estrada por terra por achar muito cansativa. Então, ele veio da China com uma esquadra bem equipada de treze navios e um grande séqüito. No entanto, durante os dois anos de viagem, quase todos morreram, apenas oito sobreviveram. Ao chegar a Hormuz, em 1294 d.C., Marco Polo soube da morte de Arghun. No ano seguinte ele voltou para casa.

### **Ascensão de Ghazan – 694 H – 1295 d.C.**

Depois de sua ascensão Ghazan declarou-se muçulmano e repudiou a suserania dos *khaqans*. Este foi, na verdade, o início de uma nova era.

## CAPÍTULO XVIII

### COMEÇA UMA NOVA ERA

#### GHAZAN KHAN, O GRANDE IL KHAN

(694 H – 1295 d.C.)

Como lemos no capítulo anterior, Ghazan Khan, depois de sua ascensão ao poder, declarou-se muçulmano e repudiou a suserania dos *khaqans* e, com isso, teve início um novo capítulo da história muçulmana. Para marcar essa decisão, que representava, na verdade, um novo período na história islâmica, ele substituiu nomes e títulos dos *khaqans* em suas moedas pela confissão de fé muçulmana. Ele e seus emires adotaram o turbante e mais adiante ele, em um primeiro momento, e com o fervor de um convertido, destruiu os templos pagãos, judeus e cristãos. Porém, mais tarde, ele se limitou a destruir apenas os templos pagãos.

A primeira parte de seu reinado de nove anos foi repleta de revoltas e distúrbios. Os chefes que apoiavam Ghazan, Togatcher e Naruz – foram executados. Muitos outros líderes e altos funcionários também foram condenados à morte sob a acusação de traição.

Uma vez debeladas as revoltas e insurreições Ghazan decidiu aproveitar-se do enfraquecimento do império mameluco, que, naquela ocasião, passava por problemas internos. Então, no ano de 699 H, 1299 d.C., ele invadiu a Síria e atravessou o rio Eufrates com um exército de noventa mil soldados e avançou em direção a Alepo. Em lugar de cercar a cidade, ele marchou para enfrentar o exército egípcio. A batalha aconteceu no campo de Hims, onde o exército mongol outrora tinha sofrido um grande desastre. Naquele momento o local, sob comando de Ghazan, estava quase derrotado por causa do pesado ataque dos mamelucos armados. Ghazan, então, espalhou seus

homens, que usaram seus cavalos como uma muralha por detrás da qual começaram a lançar uma chuva de flechas contra o inimigo. Esta estratégia confundiu os mamelucos, tendo em vista que uma grande quantidade de seus cavalos foi morta. Depois de os destacamentos mongóis expulsarem os egípcios, houve um avanço geral liderado pelos implacáveis arqueiros que seguiam a pé, completando, assim, a vitória.

As mudanças que o Islam provocou no comportamento dos mongóis são bastante evidentes no tratamento dispensado por Ghazan a Damasco. Ele recebeu a submissão da cidade e, com várias citações alcorânicas, fez uma proclamação, segundo a qual garantia que ninguém seria prejudicado ou molestado. Ele declarou, ainda, que tinha vindo para libertar a Síria de um monarca devasso e libertino. Ele também manteve a soldadesca do lado de fora da cidade e não permitiu que eles destruíssem ou danificassem os então famosos jardins. Depois de alguns dias, Ghazan retornou, atravessando o rio Eufrates e deixando um destacamento para garantir sua conquista.

Durante a ausência de Ghazan na Síria, Kutlugh Shah, o príncipe da Transoxiana, Chagatay, enviou uma força composta de dez mil homens para invadir o sul da Pérsia. Na província de Kirman Mahmud Shah se insurgiu, e Ghazan ficou em uma situação delicada. No ano de 700 H, 1301 d.C., Ghazan fez sua segunda incursão à Síria mas não obteve sucesso.

## **Suas Reformas**

Quando Ghazan chegou ao trono encontrou as receitas do estado administradas de forma tão corrupta que quase nada chegava ao governo central. Como resultado, ele não teve condições sequer de pagar os salários. Ao mesmo tempo, os camponeses, decepcionados e acuados com as extorsões ilegais a que eram submetidos, estavam

abandonando suas cidades e aldeias. Para acabar com essa fraude, foi realizado um inventário de todas as propriedades e criado um novo sistema de taxaço, segundo o qual cada aldeia pagava suas taxas em duas prestaçoes. Todas as prticas corruptas foram abolidas e os responsveis condenados à morte. Ghazan tambm instituiu um novo sistema postal privado, com a utilizaço de cavalos, abolindo o antigo sistema. Ele saneou e organizou a administraço da justia, estimulou a agricultura, fundou feudos militares, estabeleceu um sistema de pesos e medidas padrõ e trabalhou arduamente pela prosperidade das pessoas mais pobres. Finalmente a nova era, que comeou no dia 14 de março de 1302, foi inaugurada parcialmente ao enfrentar as irregularidades financeiras.

Ghazan enfeitou sua capital, a cidade de Tabriz, com prtidos imponentes, e foram construídos mausolús, mesquitas, faculdades, hospitais, bibliotecas e um observatõrio. Os mais afamados professores e homens de ciênci da épcia foram chamados para formar as equipes dessas instituiçoes, mediante elevados salários. Pedaçõs de terra foram concedidos a eles para que o que fosse produzido melhorasse seus salários. Os estudantes também não foram esquecidos. Na verdade, todo o esquema foi cuidadosamente pensado e planejado. É de se lamentar que um homem de tal quilate e genialidade, um pouco depois, tenha sido substituído por um fantoche, cujo regime levou a Pérsia à anarquia, mais uma vez.

O sucessor deste grande IL-Khan foi seu irmõ, Muhammad Khuda Banda, conhecido como Uljaiter (1304 a 1310d.C.). Depois da morte de Ghazan, ele mandou matar um possível pretendente ao trono para ele mesmo assumir o poder.

Os outros IL-Khans não passaram de fantoches nas mãos dos outros.

## CAPÍTULO XIX

### ARTES E LITERATURA

É importante chamar a atenção para as artes e literatura no período sob discussão. O fato é que por muitas gerações depois do advento do Islam o árabe foi o único veículo de ensino e de expressão literária, mas muito desta literatura era obra de intelectuais persas. Na medida em que o tempo passou, a língua persa começou a florescer e se disseminou por todo o mundo muçulmano, principalmente no Turquestão e até mesmo na remota Pamirs, enquanto os muçulmanos do subcontinente indo-paquistânês e os afegãos a estudavam em suas respectivas escolas. Ela teve uma influência no Oriente Médio e Oriente Próximo mais forte do que a língua francesa chegou a desfrutar na Europa. Contudo, durante este período de mil anos, as mudanças na língua persa foram pequenas.

A língua é naturalmente de natureza poética. Depois do advento do Islam, o primeiro grande poeta da Pérsia foi Rudagi (Rudaki), que floresceu na primeira metade do século X d.C. Entre os seus poemas mais famosos está um que foi improvisado, a pedido do exército, para convencer seu protetor real a abandonar Herat e partir para a capital. Ao ouvir o poema, o samânida Amir Nasr desceu de seu trono, montou o cavalo e partiu em tão desabalada carreira para sua capital que suas botas de montar tiveram que ser levadas depois. São poucas as baladas que podem produzir um efeito prático tão imediato.

#### **Al-Biruni**

Como se vê, a Pérsia, no limiar do século X da era cristã (século V da Hégira, aproximadamente), estava dividida entre várias dinastias, as quais, de uma forma ou de outra, patrocinavam a literatura, mais especificamente a poesia. De esplendor fantástico era a plêiade brilhante que

enfeitava a corte do sultão Mahmud de Ghazna. Ele pediu a Ma'mun, de Khwarazm, que enviasse Al-Biruni e Avicena a Ghazna. Al-Biruni foi de boa vontade mas Avicena se recusou e acabou por refugiar-se na corte de Cabul. Conta-se que Al-Biruni não teria sido bem tratado por Mahmud, porém, mesmo assim, ele permaneceu em Ghazna e depois da morte de Mahmud publicou o segundo volume de sua grande obra.

## **Avicena**

Abu Ali bin Sina nasceu perto de Bucara no ano de 980 d.C., e, por sua habilidade como médico, conquistou os favores do príncipe samânida Noh quando era apenas um rapaz de dezessete anos. Depois da queda dos samânidas, ele partiu para a corte de Khwarazm, mas foi forçado a ir embora, pois Mahmud insistia na sua presença em Ghazna. Então, ele fugiu de Tus para Gurgan, onde foi recebido com honras por Qabus, ou Kabus. Depois da deposição do príncipe ziarida, finalmente ele chegou à corte do governante buaída, Alauddowla, em Isfahan, onde morreu com a idade de 57 anos. Avicena é considerado um grande filho do Islam. Ao continuar o estudo da ciência de Hipócrates e Galeno e a filosofia de Platão e Aristóteles, ele exerceu grande influência sobre os melhores cérebros do oriente e do ocidente, não só enquanto viveu mas também sobre várias gerações depois de sua morte. Seus livros traduzidos para as línguas européias permaneceram como estudo obrigatório por muitos séculos.

## **Firdusi**

Abul Qasim Firdusi, o famoso autor de *Shahnama*, é considerado supremo entre os poetas da corte de Ghazna. De acordo com Nizami-al-Aruzi, em seu *Chahar Maqala*, ele foi um lavrador da aldeia de Bazh no distrito Tabaran, de Tus. O poeta terminou seu grande épico no ano de 999 d.C., após vinte e cinco anos de trabalho. Devido a intrigas e acusações de falta de ortodoxia Firdusi recebeu apenas



vinte mil *dirhams*, em lugar de um *dinar* de ouro por seus versos, como ele foi levado a supor que receberia. Em seu amargo desapontamento ele dividiu o dinheiro entre os companheiros de banhos públicos e os vendedores de sorvete e fugiu, primeiro para Herat e, por último, para o Tabaristão. Como vingança, ele castigou Mahmud escrevendo uma sátira. Decorridos vários anos, certo dia Mahmud ouviu uma de suas obras na Índia e confessou seu profundo remorso por ter decepcionado o poeta. Assim, quando Mahmud voltou para Ghazna ele despachou para Tabaran seus camelos levando a soma de sessenta mil *dinares* com um pedido por escrito de desculpas.

Porém, quando os camelos reais levando a recompensa entraram em Tabaran pelo portão Rudbar, o cadáver (*janaza*) de Firdusi foi levado até o portão Rizan. A filha do poeta recusou-se a aceitar o presente do sultão.

## **Syasat Nama**

Em capítulos anteriores já foi mencionado o nome de Nizamul Mulk Tusi, como um estadista e administrador. Também foi dito que ele foi o autor do livro *Syasat Nama*, ou “Tratado sobre a Arte da Política”. Esta grande obra é composta de cinqüenta capítulos e refere-se aos deveres reais, suas prerrogativas e administração. O livro foi escrito em uma linguagem simples e reúne a opinião de grande administradores.

## **Nasir-e-Khusru**

Também já foram feitos comentários sobre Nasir-e-Khusru, como um excelente propagandista ismaelita. No entanto, ele também foi um poeta e viajante. O registro de suas aventuras está contido em uma obra que tomou o título de *Safar-Nama*, ou “Tratado de Viagem”. Em linguagem simples e de fácil compreensão, ele dá detalhes de sua viagem desde Merve até Nishapur, Tabriz e, cruzando a Ásia Menor até Alepo. Então, ele fez a peregrinação a Meca,

passando por Jerusalém e, finalmente, alcançou o Cairo, no ano de 439 H, 1047 d.C. No Corassã, recebeu como prêmio o título de Hujjat (prova). Ele faz um relato muito interessante da prosperidade, boa ordem pública e justiça que predominavam entre os califas fatimidas do Egito.

## **Omar Khayyam**

Omar Khayyam, ou o Fazedor de Barracas, é mais conhecido na Europa e América como um poeta persa. Além disso, ele também é conhecido como um homem erudito e de grande saber.

Conforme mencionado anteriormente, ele foi amigo, e segundo alguns, colega de escola, de Nizamul Mulk Tusi, que lhe concedeu uma pensão vitalícia. Além de poeta, ele foi astrônomo e filósofo.

Como poeta, ele escreveu seu famoso Rubaiyat, ou Quartetos. Não há dúvida de que Omar escreveu quartetos mas alguns dos que são atribuídos a ele são tidos como tendo sido escritos por outros poetas. No entanto, qualquer que seja a verdade, o fato é que Omar Khayyam ajudou a construir a ponte que separava o oriente sonhador do ocidente materialista.

Nizami-al-Aruzi, em seu *Chahar Maqala*, refere-se a um dito de Omar Khayyam, segundo o qual o poeta teria dito: “Minha sepultura será em um lugar onde as árvores lancem sua sombra sobre mim duas vezes por ano.” Depois de sua morte, o poeta foi enterrado em Nishapur e, segundo Nizami, seu túmulo está situado em um pomar e, sobre ele, pereiras e pessegueiros curvam suas copas.

## **Qabus Nama**

Foi escrito no ano de 1082 d.C. por Kei Kaus, o neto de Kabus, ou Qabus, o príncipe ziarida. Trata-se de um livro muito interessante e divertido sobre preceitos morais e

normas de vida. Ele lida de forma encantadora com as obrigações para com os pais, idosos e jovens, caça, pólo, casamento, educação, as ciências da medicina, astrologia e matemática. Na verdade, são poucos os assuntos que não constam da obra.

## **Al-Ghazali**

O Corassã foi um rico celeiro de gênios e, entre seus grandes homens, Al-Ghazali, o famoso teólogo de Tus, ocupa lugar de destaque. De acordo com Browne: “Ele fez mais do que ninguém para acabar com o reinado da filosofia no Islam e estabelecer, em seu lugar, um misticismo devocional que é a mais elevada expressão e a mais clara limitação da doutrina ortodoxa muçulmana.”

Este eminente líder religioso nasceu no ano de 450 H, 1058 d.C. Nizamul Mulk Tusí o nomeou professor em uma faculdade de Bagdá. Depois de alguns anos, ele voltou para Nishapur e, finalmente, para sua cidade natal em Tus, onde morreu com a idade de cinquenta e um anos (510 H).

## **Muizzi**

Amir Muizzi, o laureado poeta de Sanjar, foi um poeta ao estilo antigo. “O período de Sanjar” foi repleto de escritores de prosa e verso, que eram tão brilhantes quanto os do período anterior. Na verdade, é difícil estabelecer quais são os mais merecedores de menção. Contudo, Muizzi é unanimemente admirado.

Existem outros escritores, como Al Aruzi, Anwari Khaqani, e outros, dignos de menção e admiração.

O último poeta do período pré-mongol é Fariduddin Attar. Ele foi um negociante de perfumes, principalmente perfume de rosas e, de um modo geral, pode-se dizer que ele era um farmacêutico.

Este homem notável nasceu em Nishapur na metade do século XII, aproximadamente. Segundo uma crença popular, ele teria sido vítima dos mongóis quando sua cidade de origem foi saqueada. Ele foi morto por um mongol furioso.

Attar compôs várias obras e a mais conhecida é *Pand Nama* (Livro de Conselhos). Sua fama, contudo, veio do afamado poema *Mantiqut Tayr*, ou “A Lógica dos Pássaros”.

## ARTE E LITERATURA NO PERÍODO MONGOL

### História

O mais importante e conhecido na categoria de historiador foi Izzuddin Ibnul Asir. Ele é o autor da grande crônica conhecida como *Al-Kamil* (Conclusão), que trata da história do mundo conforme conhecida pelos muçulmanos, desde o seu início até 628 H, 1230 d.C. Há uma outra obra sobre história muito valiosa, conhecida como *Tarikh-e-Jahan-Gusha*, ou “História do Mundo Conquistador”, escrito por Alauddin Juwayni, que, sendo secretário de Hulagu, usufruiu vantagens excepcionais. A obra trata das origens dos mongóis e das conquistas de Gêngis Khan, do shah do Khwarazm e da campanha de Hulagu contra os “assassinos”. A terceira obra é uma coleção de histórias, *Jamiut-Tawarikh*. Ela foi compilada por Rashiduddin Fazlullah e foi escrita durante os reinados de Ghazan Khan e seus sucessores. Toda a coleção é sobre os mongóis e também das dinastias que governaram a Pérsia até a invasão dos mongóis. O quarto historiador foi um cristão jacobino, conhecido como Barbebraeus, “O Leão dos Judeus”. O seu “Resumo da História das Dinastias” começa com a ascensão de Arghun e é de grande valor. Finalmente, temos Shahabuddin Muhammad, de Nisa, o secretário do guerreiro Jalaluddin, do Khwarazm. Esta obra foi escrita no

ano de 639 H, 1241 d.C. e é uma contribuição valiosa para o nosso conhecimento sobre as aventuras das quais o autor participou.

Quanto aos historiadores do último período mongol, Mirkhond é muito famoso. Ele nasceu em meados do século XV e foi ligado à corte de Herat. Seu patrocinador foi Ali Shir, o *vizir* (ministro) do sultão Husain. Sua grande obra é *Rauzatus-Safa*, “Jardim da Pureza”.

O filho de Mirkhond, Khondemir, foi o autor de um resumo da história escrita por seu avô. Ele também escreveu um livro sobre os mongóis. No ano de 1528 d.C., abandonou o Corassã e foi viver na corte de Baber, na Índia.

## **Yaqut**

Entre os geógrafos, Yaqut, filho de Abdullah, ocupa o primeiro lugar. Nascido no ano de 1179 d.C., de pais gregos, Yaqut foi vendido como escravo mas, não obstante isso, ele teve uma boa educação na Pérsia e viajou por toda a parte. Ele estava entre os poucos felizardos que escaparam da morte em Merve. Sua fuga pelo norte da Pérsia terminou em Mosul, onde, em 1244 d.C., ele completou o *Mojamul Buldan*, “Dicionário dos Países”. Este livro está entre os mais valiosos em termos de referências.

## **Nasiruddin**

Entre os cortesãos do último grande mestre dos “assassinos”, estava Nasiruddin, o famoso filósofo e homem de ciência. Ele era oriundo de Tus e foi seqüestrado para servir aos mongóis.

Entre os mais famosos poetas da Pérsia, estavam os *sufis*, ou “místicos”, e Nasiruddin era um desses poetas. Ele é considerado um dos maiores poetas *sufis*.

## Jalaluddin Rumi

Jalaluddin Rumi é considerado o maior de todos os poetas *sufis*. Nascido em Balkh, no início do século XIII d.C., com muita justiça pode ser visto como o mais extraordinário poeta do mundo islâmico. Quando ele estava com cinco anos de idade, seu pai, Bahauddin, um conhecido teólogo, foi forçado a deixar sua casa e viver em Nishapur, onde Attar abençoou o menino e previu sua fama futura. Bahauddin se estabeleceu em Iconium, e por isto Jalaluddin recebeu o apoio de *Rumi*.

Sua grande obra, o *Mathnavi* (Masnavi), exerceu uma grande influência sobre o pensamento do mundo islâmico e fala sobre o Alcorão em língua persa. Não apareceu um poeta persa que pudesse suplantar sua profundidade de pensamento ou beleza de imaginação. Seu *Diwan* (coleção de odes) é menos conhecida do que o *Mathnavi*.

## Sadi

Os persas concordam que Fars é a maior província da Persa. A principal reivindicação de Fars, por causa de sua fama e grandeza, é ter produzido os dois mais celebrados poetas, Hafiz e Sadi, não obstante ambos pertencerem a Shiraz. O nome completo de Sadi era Muslehuddin Said Shirazi e passou a ser denominado Sadi por ter recebido a proteção do zangi Sad.

Nascido no limiar do século XII da era cristã, ele não está entre os poetas fundamentalmente místicos. Ele era em parte mundano e em parte um devoto. *Gulistan* e *Bustan* (ambos significando Jardim de Flores) são suas obras literárias mais importantes. *Gulistan* é basicamente em prosa, enquanto *Bustan* é principalmente poesia.

## Hafiz

O segundo dos dois maiores poetas de Fars é Shamsuddin Muhammad, que é conhecido como Hafiz Shirazi. Ele nasceu no início do século XIV d.C. embora a data exata de seu nascimento não seja conhecida. Shiraz foi o seu local de nascimento, onde residiu por toda sua vida. Hafiz encontrou Tamerlão e depois de dois ou três anos deste encontro, o poeta morreu e foi enterrado no jardim fora de sua amada cidade de Shiraz. Ele foi enterrado com os ritos adequados.

Hafiz, o maior poeta lírico, foi um poeta típico de seu tempo. *Diwan-e-Hafiz* é celebrado em todo o mundo. Muçulmanos e não-muçulmanos gostam muito de sua coleção poética.

## Jami

O último grande poeta clássico da Pérsia foi Abdur Rahman Jami. Ele adotou o pseudônimo de Jami, derivado de sua pequena cidade de Turbat-e-Shaikh Jami. Esta cidade está localizada entre Mashed e a fronteira afegã. Educado em Samarcanda ele veio para Herat, onde foi recebido calorosamente por Ali Shir. O nome de Jami logo se espalhou por todo o mundo muçulmano. Entre seus contemporâneos estava o sultão Bayazid II.

A obra de Jami, assim como a de Rumi, tratam basicamente de filosofia moral e misticismo. “Yusuf e Zulaikha” talvez seja a mais conhecida de suas obras em língua persa.

O Túmulo de Khuda Banda, em Sutamia, o Templo de Imam Raza, a Mesquita de Gauhar Shad, a Madrasa Aywan-e-Maqsura, em Khardird, o Templo Mahun, são algumas das mais conhecidas estruturas arquitetônicas persas.

## Ibn-e-Jauzi

Este volume ficaria incompleto se não fosse feita uma menção a Allama Ibn-e-Jauzi, que viveu no período do califado abássida (508 a 597 H) e foi um grande *muhaddis* (Narrador das Tradições do Profeta), um grande historiador e reformador. Ele tinha um profundo apreço pelo saber e queria chegar ao mais elevado patamar de cada ramo do saber. A este respeito, ele dizia: “Embora eu saiba que não poderei alcançar todos os ramos do conhecimento, no entanto devo me esforçar; além do mais, procuro um campo de ação com todo o conhecimento que eu adquirir.”

Este foi o período em que os muçulmanos perderam suas características e enveredaram pelo caminho de sua queda. Allama lamentava ver a condição da sociedade e quis reformá-la. Com este objetivo, ele escreveu vários livros e, em seus textos, citou exemplos de grandes personalidades do Islam.

Allama Ibn-e-Jauzi foi um orador de alta estirpe. Ele criava a insurreição através de suas palestras por toda Bagdá. Centenas de milhares de pessoas aceitaram seus princípios e cerca de vinte mil cristãos e judeus aceitaram o Islam, impressionados com seus discursos. Este grande reformador morreu no ano de 597 H.



## O CALIFADO ABÁSSIDA

(de 132 a 650 H – 750 a 1258 d.C.)

1. Abul Abbas Saffah	(132 a 136 H)	(750 a 754 d.C.)
2. Abu Ja'far Mansur	(136 a 158 H)	(754 a 775 d.C.)
3. Muhammad Mahdi	(158 a 169 H)	(775 a 785 d.C.)
4. Musa Hadi	(169 a 170 H)	(785 a 786 d.C.)
5. Harun al-Rashid	(170 a 193 H)	(786 a 809 d.C.)
6. Amin al-Rashid	(193 a 198 H)	(809 a 813 d.C.)
7. Ma'mun al-Rashid	(198 a 218 H)	(813 a 833 d.C.)
8. Mu'tasim Billah	(218 a 227 H)	(833 a 842 d.C.)
9. Wasiq Billah	(227 a 232 H)	(842 a 847 d.C.)
10. Mutawakkil Alaallah	(232 a 247 H)	(847 a 861 d.C.)
11. Mustansir Billah	(247 a 248 H)	(861 a 862 d.C.)
12. Musta'in Billah	(248 a 252 H)	(862 a 866 d.C.)
13. Mu'taz Billah	(252 a 255 H)	(866 a 869 d.C.)
14. Muhtadi Billah	(255 a 256 H)	(869 a 870 d.C.)
15. Mu'tamid Alallah	(256 a 279 H)	(870 a 892 d.C.)
16. Mu'tazid (ou Mu'tadid) Billah	(279 a 289 H)	(892 a 902 d.C.)
17. Muktafi Billah	(289 a 295 H)	(902 a 908 d.C.)
18. Muqtadir Billah	(295 a 320 H)	(908 a 932 d.C.)
19. Qahoir Billah	(320 a 322 H)	(932 a 934 d.C.)
20. Razi Billah	(322 a 329 H)	(934 a 940 d.C.)
21. Mutaqi Billah	(329 a 333 H)	(940 a 944 d.C.)
22. Primeiro período de subjugação	(334 a 547 H)	(946 a 1152 d.C.)
23. Segundo período de subjugação	(547 a 656 H)	(1152 a 1258 d.C.)